

Bruno Horta Liza

**Aspectos sonoros dos
anglicismos no português
brasileiro**

Belo Horizonte

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

2005

Bruno Horta Liza

Aspectos sonoros dos anglicismos no português brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Estudos em línguas estrangeiras: Ensino/Aprendizagem, Usos e Culturas. (Linha F)

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Cristóvão Silva (Universidade Federal de Minas Gerais)

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2005

Para

*meu pai, Antônio Ítalo Liza, que ficaria muito
orgulhoso de ver este trabalho concluído.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a execução deste trabalho e, em especial:

- **à minha orientadora Prof^a. Thaís Cristófaros-Silva, que me “acolheu” em um momento difícil de minha vida e que é uma das grandes responsáveis por este trabalho realizado;**
- **ao Prof. Kevin John Keys, com seu carisma e seu conhecimento, por ter me iniciado neste fascinante mundo da fonética e fonologia e por me encorajar a me aventurar nessa área de pesquisa;**
- **às Professoras:**
 - Deise Prina, Laura Micolli e Heliana Mello pelas aulas, pelo apoio, paciência, compreensão e pelas sugestões e críticas precisas;**
 - Vera Menezes, pelas palavras e apoio fundamentais para o meu ingresso no mestrado em Janeiro de 2003;**
 - Maralice Neves, pelas aulas, pela orientação parcial e por toda ajuda, atenção e carinho recebidos desde o Programa de Monitoria em 1997;**
- **a todos os colegas da pós-graduação;**
- **aos colegas do Laboratório de Fonética: Alexandre, Camila e Patrícia;**
- **a todos os meus participantes;**
- **ao Leandro, pela ajuda com a estatística e à Daniela e Adriana, com a acústica;**
- **à Andrea, pelo apoio e ajuda com os participantes;**
- **à Raquel, pela preciosa e paciente ajuda com as revisões;**
- **à minha mãe e irmãos;**

- à querida Patrícia Paiva, por compreender minha ausência e pelo apoio incondicional, paciência e carinho que sempre me ofereceu;
- ao meu primo Heleno Horta e ao meu irmão Guto, pela paciente ajuda com as revisões;
- à Cultura Inglesa de Belo Horizonte, ao Number One Sion e à Escola Santo Tomás de Aquino, pela compreensão e apoio;
- ao LAEL, pela gentil concessão de seu corpus lingüístico;
- ao CNPQ, pelo apoio financeiro;
- aos funcionários e coordenação do POSLIN, por toda ajuda.

Caso eu tenha me esquecido de alguém, muito obrigado.

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como se concretiza a pronúncia de determinados empréstimos lexicais (xenismos) no português brasileiro, analisando como oito aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira, residentes em Belo Horizonte, gerenciam o (re)aprendizado dessas mesmas palavras em língua inglesa.

Para isso, foi feito um estudo no qual xenismos selecionados por seu uso corrente, dicionarização, integração ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e frequência de ocorrência no português brasileiro, foram lidos por participantes de diferentes níveis de proficiência, gênero e instituição de ensino. As transcrições fonéticas das leituras dessas palavras, apoiadas por uma análise acústica, geraram dados que foram depois analisados estatisticamente, levando-se em consideração as variáveis da pesquisa.

Utilizando como referenciais teóricos a Teoria de Transferência Lingüística (ODLIN, 1989) e modelos multirrepresentacionais – o Modelo de Exemplares (JOHNSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) e a Fonologia de Uso (BYBEE, 2000, 2001) –, verificou-se que a pronúncia de tais palavras ocorre de uma forma gradual e estreitamente ligada ao item lexical, e não de uma forma processual e previsível como se esperava.

Se, por um lado, os dados obtidos mostram que o fator gênero não foi relevante para a pronúncia desses empréstimos, por outro lado, eles apontam para a relevância do nível de proficiência e instituição de ensino dos participantes. Além disso, a frequência de ocorrência do item lexical, como neologismo no português brasileiro, parece não influenciar a pronúncia dos empréstimos em língua inglesa.

Palavras-chave: estrangeirismos, empréstimos lexicais, transferência lingüística, modelos multirrepresentacionais.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the pronunciation of certain lexical borrowings in Brazilian Portuguese and the way in which eight Brazilian students of English as a foreign language from Belo Horizonte manage to re(learn) the very same words in English.

A study has therefore been carried out selecting lexical borrowings based on their current use in Brazilian Portuguese, acceptance as dictionary entries, acceptance by the ‘Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa’ and token frequency. The words were then read aloud by participants from different schools, gender and proficiency level. The phonetic transcriptions of such words, after being acoustically verified, produced data that were subsequently statistically analysed, taking into consideration the research variables.

Making use of the theory of Language Transfer (ODLIN, 1989), multirepresentational models – Exemplars Model (JOHNSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) and Usage-Based Phonology (BYBEE, 2000, 2001) – it has been found out that the pronunciation of such words occurs gradually and word-specifically, differently from the process-like and predictable way it had first been expected to be.

If on the one hand the data obtained have shown that gender was not a relevant factor for the pronunciation of such words, on the other hand it has suggested that proficiency level and the place where the participants study English do play an important role in the way the loanwords are managed. Besides that, the token frequency of the words as neologisms in Brazilian Portuguese does not seem to be influential in their pronunciation in English.

Key words: Lexical borrowings, loanwords, language transfer, multirepresentational models.

LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

Nesta dissertação, foram utilizados os símbolos fonéticos sugeridos pelo International Phonetic Alphabet (IPA). A versão mais recente do IPA é de 1993, foi atualizada em 1996 e está disponível em <<http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/index.html>>¹.

Vogais Orais do Português Brasileiro

i	vogal alta anterior não-arredondada
ɪ	vogal alta anterior-centralizada não-arredondada
e	vogal média-alta anterior não-arredondada
ɛ	vogal média-baixa anterior não-arredondada
a	vogal baixa central não-arredondada
ə	vogal média central não-arredondada
ɔ	vogal média-baixa posterior arredondada
o	vogal média-alta posterior arredondada
u	vogal alta posterior arredondada
ʊ	vogal alta posterior centralizada arredondada

Vogais Nasais do Português Brasileiro

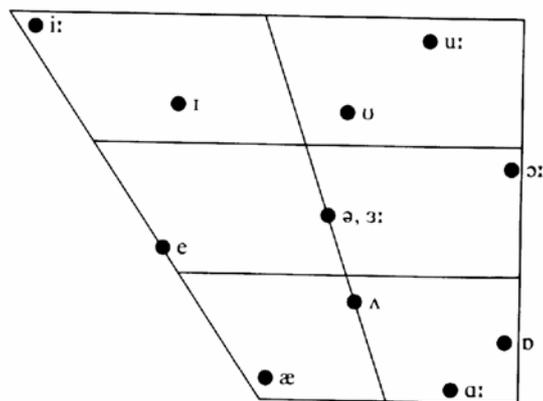
ĩ	vogal alta anterior não-arredondada
ẽ	vogal média anterior não-arredondada
ã	vogal baixa central não-arredondada
õ	vogal média posterior arredondada
ũ	vogal alta posterior arredondada

Ditongos do Português Brasileiro

Crescentes	io ɪe, ɪa, iʊ, ʊe, ʊɪ, ʊo
Decrescentes orais	aɪ, eɪ, ɛɪ, oɪ, ɔɪ, eʊ, ʊɪ, aʊ, eʊ, ɛʊ, oʊ, iʊ
Decrescentes nasais	ãɪ, õɪ, ɨɪ, ẽɪ, ãʊ

¹ Acesso em: 25 mai. 2004.

Vogais do Inglês (JONES, 1997)



Ditongos do inglês britânico RP ²	eɪ, aɪ, ɔɪ, əʊ, aʊ, Iə, eə, ʊə
Ditongos do inglês americano GA ³	aɪ, ɔɪ, aʊ, eɪ, oʊ, ⁴

Consoantes do Português Brasileiro e do Inglês (mecanismo de corrente de ar pulmonar)

	bilabial	lábio-dental	dental	alveolar	palato-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p b			t d ⁵			k g	
africada					tʃ dʒ			
fricativa		f v	θ ð	s z	ʃ ʒ		x	h ɦ
nasal	m			n		ɲ	ŋ	
tepe				r				
lateral				l		ʎ		
aproximante ou semivogal	w			r		j		

OBS: Quando apresentadas em pares, a primeira consoante é surda, e a segunda, sonora.

Diacríticos e outros símbolos utilizados neste trabalho

- h som aspirado
- ˜ som nasalizado
- ˈ acento primário
- ˌ acento secundário
- ː vogal longa
- w vocalização do [ɹ], a qual ocorre no português brasileiro em final de sílaba.
O segmento vocalizado tem características articulatorias de [u] mas é transcrito como [w].

² O termo RP refere-se à chamada *received pronunciation*, que é considerada a pronúncia padrão do inglês britânico. É também conhecida popularmente como “*BBC English*”.

³ O termo GA refere-se à chamada *general american*, a pronúncia norte-americana considerada padrão.

⁴ [eɪ] e [oʊ] são ditongos existentes no inglês Americano GA, mas são tratados como vogais tensas e não como ditongos por alguns autores (Cf. CELCE-MURCIA; BRINTON; GOODWIN, 2000).

⁵ [t] e [d], que são alveolares no inglês, podem ocorrer com articulação alveolar ou dental no português brasileiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Categorias de neologismos no português brasileiro.....	22
FIGURA 2	Quatro fases da introdução de um termo estrangeiro em uma língua.....	32
FIGURA 3	Fases de introdução de um termo estrangeiro.....	33
FIGURA 4	Nuvem de exemplares	69
FIGURA 5	Conexões lexicais em rede para <i>-aram</i>	73
FIGURA 6	Exemplos de contextualização dos xenismos em excertos, em (a) L1 e (b) L2.....	96
FIGURA 7	Edição da palavra <i>site</i> com a leitura da de tal palavra pelos participantes.....	101
FIGURA 8	Distribuição geral dos dados entre pronúncias iguais e diferentes em L1 e L2.....	106
FIGURA 9	Distribuição geral dos dados em relação ao nível de proficiência dos participantes.....	107
FIGURA 10	Distribuição geral dos dados em relação à instituição de ensino dos participantes.....	108
FIGURA 11	Distribuição geral dos dados em relação ao gênero dos participantes.....	109
FIGURA 12	Distribuição geral dos dados em relação à frequência de ocorrência da palavra.....	110
FIGURA 13	Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência.....	113
FIGURA 14	Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes.....	114
FIGURA 15	Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes.....	116
FIGURA 16	Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes.....	117
QUADRO 1	Comparação entre a proposta tradicional e a visão multirrepresentacional.....	72
QUADRO 2	Estrangeirismos excluídos dos dados preliminares.....	82
QUADRO 3	Categorização final dos dados selecionados.....	87
QUADRO 4	Distribuição dos participantes.....	90
QUADRO 5	Apresentação das transcrições dos dados obtidos.....	99
QUADRO 6	Códigos de identificação dos participantes.....	99
QUADRO 7	Diferentes pronúncias da palavra <i>internet</i> em L2.....	119
QUADRO 8	Resumo da análise dos dados obtidos.....	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Classificação geral dos dados.....	105
TABELA 2	Distribuição geral dos dados em relação ao nível de proficiência.....	107
TABELA 3	Distribuição geral dos dados em relação à instituição de ensino.....	108
TABELA 4	Distribuição geral dos dados em relação ao gênero dos participantes.....	109
TABELA 5	Distribuição geral dos dados em relação à frequência de ocorrência da palavra.....	110
TABELA 6	Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes.....	112
TABELA 7	Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes.....	113
TABELA 8	Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes.....	116
TABELA 9	Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes.....	117

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Informações adicionais sobre o corpus LAEL.....	133
ANEXO B	Dados obtidos a partir de Terra <i>et al.</i> , Dicionário Houaiss, VOLP e do corpus LAEL.....	134
ANEXO C	Consentimentos de participação.....	136
ANEXO D	Questionário.....	139
ANEXO E	Mapa da RMBH.....	140
ANEXO F	Fontes dos excertos utilizados.....	140
ANEXO G	Exemplos dos xenismos contextualizados que foram utilizados para a leitura pelos participantes.....	141
ANEXO H	<i>Frames</i> para a leitura dos xenismos.....	143
ANEXO I	Pronúncias de referência para L1 e L2.....	143
ANEXO J	Manchetes lidas pelos participantes.....	144
ANEXO L	Valores de F1/ F2 para o PB utilizados na análise acústica.....	145
ANEXO M	Valores de F1/ F2 para o inglês utilizados na análise acústica.....	145
ANEXO N	Valores obtidos na análise acústica para L1.....	146
ANEXO O	Valores obtidos na análise acústica para L2.....	146
ANEXO P	Transcrições dos resultados.....	147
ANEXO Q	Estratégias de adaptação de estrangeirismos utilizadas em L1.....	155
ANEXO R	Categorização geral dos resultados: pronúncia L1 = ou ≠ de L2 para palavras de alta frequência.....	157
ANEXO S	Categorização geral dos resultados: pronúncia L1 = ou ≠ de L2 para palavras de baixa frequência.....	157
ANEXO T	Traduções nossas para as citações em língua estrangeira, apresentadas em ordem de ocorrência no texto.....	158

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Motivação para a pesquisa.....	14
1.2	Justificativa teórica e objetivos.....	15
1.3	Organização da dissertação.....	17
2	PANORAMA DOS NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	18
2.1	Introdução.....	18
2.2	Palavra, léxico e renovação lexical	18
2.3	Neologismos no português brasileiro.....	21
2.4	A neologia por empréstimo.....	26
2.4.1	Possíveis causas dos empréstimos.....	35
2.4.2	O papel da mídia e dos falantes	36
2.4.3	Adaptações.....	38
2.5	Estudos sobre estrangeirismos no PB	41
2.6	Conclusão	43
3	REFERENCIAL TEÓRICO	45
3.1	Introdução	45
3.2	Panorama das teorias de aquisição fonológica em L2.....	46
3.3	Transferência lingüística	52
3.3.1	Teoria behaviorista de aprendizagem e transferência lingüística.....	52
3.3.2	O conceito de transferência lingüística	57
3.3.3	A transferência lingüística em habilidades fonológicas.....	60
3.4	Modelos multirrepresentacionais.....	65
3.4.1	Modelos tradicionais de representação fonológica	65
3.4.2	Modelo de Exemplares.....	67
3.4.2.1	O papel da frequência	71
3.4.3	Fonologia de Uso.....	73
3.4.4	A Fonologia de Uso aliada ao Modelo de Exemplares.....	75
3.5	Conclusão	76
4	METODOLOGIA.....	77
4.1	Introdução	77
4.2	Considerações teórico-metodológicas	78
4.3	Seleção inicial dos dados.....	79
4.4	Delimitação dos dados preliminares.....	80
4.5	Delimitação final dos dados.....	83
4.5.1	Corpus lingüístico.....	83
4.5.2	O Corpus LAEL	84
4.5.3	Organização final dos dados.....	87
4.6	Os participantes.....	88

4.6.1	Idade e classe social	91
4.6.2	Origem dos participantes	92
4.6.2.1	A cidade de Belo Horizonte.....	92
4.7	Instrumento de coleta de dados.....	93
4.7.1	A contextualização dos xenismos.....	94
4.7.2	Instrumento extra de coleta de dados.....	96
4.8	Coleta dos dados.....	97
4.9	Pronúncias de referência.....	98
4.10	Análise dos dados das gravações	99
4.11	Análise quantitativa.....	101
4.12	Definindo pronúncias próximas ou distantes de L2	102
4.13	Conclusão	103
5	ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	104
5.1	Introdução.....	104
5.2	Resultados gerais.....	105
5.3	Resultados para pronúncias iguais em L1 e L2.....	112
5.4	Resultados para pronúncias diferentes em L1 e L2.....	115
5.5	O item lexical.....	118
5.6	Conclusão.....	120
6	CONCLUSÃO	122
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
	ANEXOS	133

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1 Motivação para a pesquisa

Falar sobre estrangeirismos no português brasileiro não é nenhuma novidade. Esse debate remonta à época colonial, acentuando-se, sobretudo, no período correspondente à forte influência cultural francesa no Brasil (séculos XVIII e XIX). Desde essas épocas, fala-se em barbarismos, vícios de linguagem, dominação cultural, proteção da língua portuguesa e da cultura brasileira. Em pleno século XXI, ainda vigora esse debate, contudo, dessa vez, o enfoque incide sobre a influência de anglicismos – palavras que têm origem na língua inglesa – na nossa língua. Faraco (2001) talvez seja um dos trabalhos que melhor simboliza essa duradoura discussão.

Sendo assim, se, por um lado, há muitas abordagens do tema em relação às questões sócio-políticas, culturais e econômicas, por outro, parecem ser raros os trabalhos que tratam dos estrangeirismos no português brasileiros como fenômenos lingüísticos (FREITAS, 1984; BERBER-SARDINHA; BARBARA, 2005). Esta é uma das motivações para a realização do presente trabalho, a de ser uma contribuição à discussão dos estrangeirismos do português brasileiro, abordando o tema, antes de tudo, como uma manifestação lingüística natural que oferece aos falantes instrumentos de comunicação.

Uma outra motivação partiu de minha própria experiência como professor de língua inglesa para alunos brasileiros. Ao longo de nove anos de profissão, passando por

experiências diferentes – do método áudio-lingual à abordagem comunicativa de ensino, de cursos de idioma a ensino médio – tive a oportunidade de observar diretamente, em diversos níveis e com diferentes alunos, o comportamento de palavras de língua inglesa que também são utilizadas em português, tais como, *shopping, delivery, drive-thru, videogame, marketing, round, playoff, sale, off*¹, etc. Não posso deixar de mencionar o quanto achei intrigante a influência das formas pronunciadas em português, quando meus alunos se enunciam em inglês fazendo uso dessas palavras. Pensei, então, que isso poderia ser algo a ser estudado e posteriormente compartilhado com outras pessoas, sobretudo, professores de língua inglesa.

1.2 Justificativa teórica e objetivos

Esta dissertação trata dos anglicismos de uma maneira geral e enfoca os neologismos por empréstimo que possuem forma ortográfica semelhante no inglês e no português brasileiro – também conhecidos como xenismos – e suas respectivas pronúncias quando (re)aprendidos em língua inglesa. Este estudo aborda, como variáveis, a frequência de ocorrência do item lexical no português brasileiro, o nível de proficiência, gênero e instituição de ensino do participante.

Com o objetivo de verificar a importância dessas variáveis, esta pesquisa utiliza como referencial teórico a Teoria de Transferência Lingüística e modelos multirrepresentacionais (Modelo de Exemplos e Fonologia de Uso). A Teoria de Transferência Lingüística (ODLIN, 1989) apresenta e enfatiza a influência do conhecimento de uma primeira língua no aprendizado de outra(s) língua(s) aprendida(s) posteriormente. O

¹ As palavras que são termos estrangeiros e empréstimos serão apresentadas nesta dissertação, em itálico.

Modelo de Exemplares (JOHNSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) representa uma nova abordagem sobre a representação e a organização mental do componente sonoro. De uma maneira geral, este modelo propõe que o conhecimento implícito do falante é probabilisticamente gerenciado e inclui o detalhamento fonético. As palavras, por sua vez, são organizadas em nuvens de exemplares e, para se construir uma forma única e abstrata na memória, não é necessário excluir a variabilidade fonética. Por último, a Fonologia de Uso (BYBEE, 2000, 2001) propõe que o uso e a frequência representam um papel importante na organização lexical e na propagação da mudança sonora no léxico.

Dentro desse marco teórico, este trabalho tem por objetivos:

- investigar como ocorre a pronúncia dos xenismos no português brasileiro;
- verificar como um falante nativo do português brasileiro gerencia a (re)aprendizagem dessas mesmas palavras em língua inglesa;
- verificar a relevância de variáveis (frequência de ocorrência da palavra no português brasileiro, gênero, nível de proficiência e instituição de ensino do participante) na (re)aprendizagem dos xenismos em inglês.

Além disso, esta pesquisa tem como objetivos secundários:

- oferecer uma abordagem lingüística inovadora à questão dos estrangeirismos no português brasileiro;
- corroborar a importância do conhecimento de fonética e fonologia da língua materna para o aprendizado de inglês como língua estrangeira e para a formação do professor de inglês como língua estrangeira;
- oferecer considerações e implicações para a prática do ensino de inglês como língua estrangeira, sobretudo o ensino de pronúncia.

1.3 Organização da dissertação

Esta dissertação está organizada em 6 capítulos, sendo o primeiro deles esta introdução. No capítulo 2, farei considerações sobre as diversas categorias de neologismos existentes no português brasileiro, enfocando os neologismos por empréstimo e, dentre estes, os xenismos.

O capítulo 3 apresentará o referencial teórico adotado nesta pesquisa. Em um primeiro momento, será traçado um panorama das teorias de aquisição fonológica em uma segunda língua. Na seqüência, será apresentada a Teoria de Transferência Lingüística, cujos pontos principais em relação à pronúncia serão discutidos. Na segunda parte deste capítulo, apresentam-se dois modelos multirrepresentacionais: o Modelo de Exemplares e a Fonologia de Uso, em que se procura, através deles, uma outra leitura dos dados obtidos que tentará esclarecer possíveis pontos que a Teoria de Transferência Lingüística não se mostrar suficiente para explicar.

O capítulo 4 apresenta a metodologia utilizada nesta pesquisa. Nele, são explicitados todos os critérios de seleção, gravação e análise (acústica e estatística) dos dados, além de considerações sobre os participantes da pesquisa.

O capítulo 5 descreve a análise dos dados previamente apresentados na metodologia. Será dada uma ênfase maior às variáveis que são: frequência de ocorrência, gênero, nível de proficiência e instituição de ensino dos participantes.

O capítulo de conclusão, o de número 6, faz uma síntese final do trabalho. Nesse capítulo, retomam-se os resultados obtidos e destacam-se alguns pontos os quais podem ser investigados em pesquisas futuras.

CAPÍTULO 2

PANORAMA DOS NEOLOGISMOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 Introdução

A renovação vocabular no português brasileiro é muito rica e, com isso, envolve uma série de categorias. Este capítulo traça um breve panorama de tais classes e suas respectivas subcategorias, assim como os termos e as nomenclaturas nelas envolvidos. Uma atenção especial será dada ao processo de neologismo por empréstimo de palavras provenientes do inglês, os anglicismos (os quais esta pesquisa enfoca). Logo em seguida, serão discutidas possíveis causas de empréstimos desta língua e o papel que a mídia e os próprios falantes possuem nessas causas. Por fim, discutiremos alguns dos processos de adaptação pelos quais os empréstimos lexicais passam, ao serem incorporados no português brasileiro (doravante PB) e as implicações dessas adaptações para este estudo. Uma conclusão apresentará um resumo dos principais pontos discutidos neste capítulo.

2.2 Palavra, léxico e renovação lexical

Segundo Trask (2004), o termo **palavra**, embora pareça ser transparente e familiar, pode ser definido pelo menos de quatro maneiras que não se equivalem. Uma

palavra ortográfica é aquilo que se escreve com espaços brancos em ambos os lados e nenhum espaço branco em seu interior, como por exemplo, “dia”. Uma **palavra fonológica** é aquela pronunciada como uma unidade única, tal como, “bom dia” [bõ'dʒiə]. Um **item lexical** ou **lexema** é uma unidade para a qual se espera uma entrada própria e exclusiva no dicionário, como, “dia” e “dia-a-dia”, por exemplo. Por fim, a **forma gramatical de uma palavra** (*grammatical word-form*), também conhecida como palavra morfossintática, é qualquer uma das formas que um item lexical pode assumir para fins gramaticais. Exemplificando, tomemos os itens “bola” e “bolas”. Temos duas palavras ortográficas distintas, duas palavras fonológicas diferentes, mas ambas se referem ao mesmo item lexical, uma vez que a única entrada em dicionário que encontramos é para “bola”. O mesmo raciocínio se aplica a “beber”, “bebe” e “bebendo”, que representam três palavras ortográficas, três palavras fonológicas, três formas gramaticais de palavras, mas apenas um item lexical, já que a entrada de dicionário que encontramos é “beber”. Crystal (1997) apresenta também as categorias do termo “palavra” vistas acima.

É importante fazer esta distinção entre as diversas definições de “palavra”, pois, neste trabalho, ao fazermos qualquer menção a esse termo (ou a esse vocábulo), estaremos nos referindo a um **item lexical**, ou seja, um item que tem sua entrada à parte em um dicionário, neste caso, um dicionário brasileiro da língua portuguesa.

Segundo Richards *et al.* (1993, p. 212), o termo **léxico** se refere a “the set of all words and idioms of any language”². De maneira semelhante, Carvalho (1989, p. 11) define o léxico como um “inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua”. Para Crystal (1997, p. 221), “in its most general sense, the term (lexicon) is synonymous with vocabulary [...] A unit of vocabulary is generally referred to as a lexical item”. Sendo assim, ao se falar em léxico, fala-se no vocabulário, nas palavras existentes em

² Nesta dissertação, optou-se por manter as citações em seu idioma original. Contudo, no ANEXO T, podem ser encontradas as nossas traduções para as citações em língua estrangeira.

uma língua. Isso é o que nos mostra também a etimologia desta palavra, já que “léxico” vem do grego *leksikós*, cujo significado é ‘que diz respeito às palavras’.

É no léxico que encontramos as menores unidades lingüísticas significativas na língua, os **morfemas**, os quais podem ser classificados como morfemas gramaticais (**gramemas**) ou morfemas lexicais (**lexemas**). O primeiro grupo se refere às palavras com função puramente gramatical, sem sentido próprio e responsáveis pela estruturação interna da língua, como por exemplo os artigos e as preposições. É devido a essa sua função estrutural que os gramemas são encontrados em número limitado, em uma língua. Por outro lado, o segundo grupo, o dos lexemas, representa o universo extralingüístico e nomeia as coisas. É justamente por essa sua função nomeadora que esta classe está em constante processo de renovação. Portanto, o léxico de uma língua é o conjunto dos itens lexicais (lexemas) dessa língua.

Entretanto, modelos multirrepresentacionais, como a Teoria de Exemplares e a Fonologia de Uso, oferecem uma visão alternativa à visão tradicional de léxico apresentada acima. Para esses modelos, o léxico somente possui apenas palavras (lexemas) e palavras, como, “bola” e “bolas” ou “beber” e “bebendo”, possuem entradas lexicais específicas. Será esta, então, a noção de léxico empregada neste trabalho. Maiores detalhes sobre esses modelos serão apresentados no capítulo 3.

O português brasileiro possui, assim como qualquer outra língua viva, um acervo lexical que está em constante e permanente mudança. Desta maneira, algumas palavras tornam-se arcaicas e caem em desuso, tais como, “cinematógrafo” e “pneumático”, que acabaram sendo substituídas, respectivamente, por “cinema” (ou cine) e “pneu”. Concomitantemente, novas unidades lexicais são criadas por falantes da nossa comunidade lingüística. Esse processo de renovação lexical, ou seja, de criação de unidades léxicas, é denominado **neologia**, e seu produto, isto é, as novas unidades lexicais são denominadas

neologismos (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 430-1). O termo neologismo é um composto híbrido do latim *neo* (novo) e do grego *logos* (palavra), daí seu uso como referência ao processo de criação lexical de uma língua (CARVALHO, 1984, p. 8). De maneira semelhante, Crystal (1997, p. 228) define neologismo (*neologism* ou *coinage*) como: “a recently coined word, especially one constructed consciously and deliberately by one person or by an official body”. Esse trabalho então sugere, como definição de neologismo, a criação de itens lexicais em um idioma, a qual pode ocorrer no português brasileiro, por diversos processos que serão discutidos a seguir.

2.3 Neologismos no português brasileiro

O léxico de uma língua viva tem mecanismos para a sua ampliação resultantes de processos internos e externos a ela. Em outras palavras, o neologismo pode ser criado através de processos **autóctones**, isto é, dentro de sua própria língua ou por itens lexicais oriundos de outros sistemas lingüísticos, que são denominados processos **alóctones**. Para Alves (2002, p. 5), esses dois processos têm sido amplamente empregados no PB, diacrônica e sincronicamente. Sejam internas ou externas à língua, as possibilidades de criação lexical, no PB, são diversificadas. Por essa razão, faremos, a seguir, uma breve descrição das categorias de neologismo com o intuito de fornecer ao leitor um panorama delas, o que também nos permitirá localizar, dentre elas, a categoria abordada neste estudo: a dos neologismos por empréstimo. Para isso, utilizaremos uma classificação adaptada a partir de Alves (*op. cit.*):

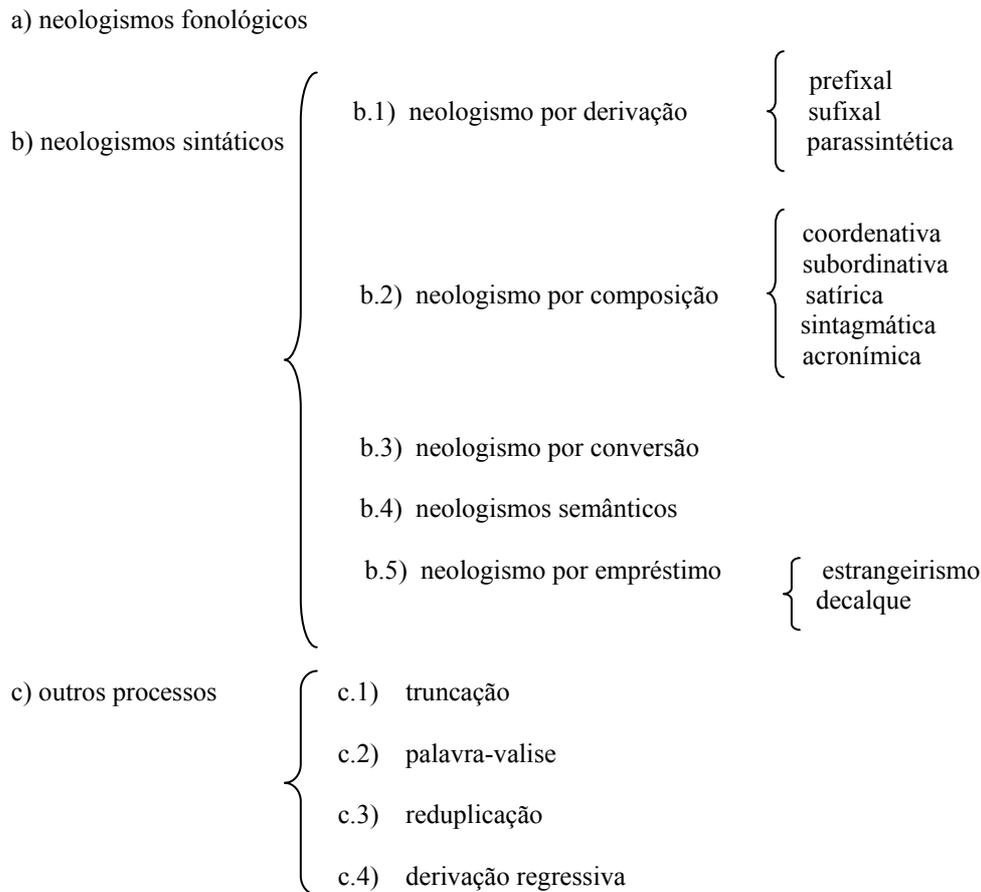


FIGURA 1: Categorias de neologismos no português brasileiro

a) Neologismos fonológicos: são formados a partir do processo que supõe a criação de um item lexical cujo significante³ seja totalmente inédito. É um processo muito raro no PB e, como exemplo, temos a palavra “gás”, criada a partir da base grega *khaos*.

³ O termo “significante” é tratado por Saussure (1993) a partir da sua definição de **signo lingüístico**. Segundo ele, “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1993, p. 80). Um conceito é por ele denominado como **significado** que, além de ser a representação mental de alguma coisa, encontra-se no plano das idéias. Já a imagem acústica é denominada de **significante** e refere-se à palavra falada, ou seja, está no plano da expressão. Saussure ainda afirma que estes dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. O signo lingüístico saussuriano apresenta duas características primordiais que são a arbitrariedade do laço entre significante e significado e o caráter linear do significante.

b) Neologismos sintáticos: formados a partir de um processo que supõe a combinação de elementos já existentes no sistema lingüístico do PB. Os neologismos sintáticos se subdividem em:

b. 1) neologismos por derivação

derivação prefixal: unindo uma base a um prefixo, ocorre o acréscimo de significados, como em: “anti-greve” (oposição), “pré-carnaval” (anterioridade, antecipação), “pós-comunismo” (seqüência), “megashow” (grandiosidade), etc.

derivação sufixal: um sufixo se une a uma palavra-base e atribui a ela uma idéia acessória, o que freqüentemente faz com que a nova palavra mude de classe gramatical. Como exemplos, podemos citar: Argentina → “argentinização”, selecionar → “selecionáveis”, alavanca → “alavancar”, besteira → “besteirol”, PT → “petista”, gol → “golaço”, etc.

derivação parassintética: processo pelo qual dois afixos (um sufixo e um prefixo) interdependentes incorporam-se simultaneamente a uma mesma base. Como exemplo, temos o substantivo “palhaço” que, ao unir-se ao prefixo “a-” e ao sufixo “-ar”, dá origem ao neologismo “apalhaçar”. Esse processo não é muito produtivo no PB.

b. 2) neologismos por composição

composição subordinativa: ocorre na união de dois termos com uma relação de determinante/ determinado entre eles. Como exemplo, temos: “lava-louças”, “enredo-denúncia”, “operação desmonte”, etc.

composição coordenativa: é dada pela justaposição de substantivos, adjetivos ou membros de outra classe gramatical. Temos como exemplos: “sueco-argentina”, “jordânico-palestina”, “rítmico-harmônicas”, etc.

composição satírica: dá-se pela associação dos mais variados matizes semânticos e, às vezes, causa estranhamento pela quantidade de elementos compostos, como em, “candidato-deputado-cantor”, ou pelo caráter incomum da associação, como em, “atriz-fetichista” ou “partido-ônibus”. Encaixam-se também, nesta categoria de composição satírica, os neologismos, como, “papamóvel”, “camelódromo” e “fumódromo”.

composição sintagmática: processo pelo qual os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se em uma íntima relação sintática, morfológica e semântica de modo a construir uma única unidade léxica. Como exemplo, podemos citar “produção independente”, que possui um significado único e preciso e que se difere, por exemplo, de “produção muito independente”.

composição por siglas ou acronímica: sendo um tipo especial de composição sintagmática, ela ocorre com a redução do sintagma, visando torná-lo mais simples e eficaz no processo de comunicação. É como se esse processo fosse guiado por uma espécie de “lei do menor esforço” na fala. Assim, temos como exemplos, PC do B, PFL, FMI, CPF, RG, etc.

b. 3) neologismos por conversão: são também denominados derivação imprópria, e referem-se a um tipo de formação lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição sem a manifestação de mudanças formais. É o caso de adjetivos empregados

substantivamente, como, “consorciados” e de verbos substantivados, como o verbo “digladiar”, usado em “o digladiar”.

b. 4) neologismos semânticos: também chamados de neologismo conceptual, esse tipo de neologismo é aquele criado sem nenhuma mudança formal em unidades léxicas existentes e que acarreta uma transformação semântica. Em outras palavras, o que ocorre não é a criação de um novo significante, mas de um novo significado atribuído ao mesmo significante⁴. Assim, a nova palavra resulta de um emprego conotativo. Como exemplos, temos: “baixinho” (referindo-se à criança), “gato” (ligações clandestinas), “mala” (pessoa inconveniente), “laranja” (falso proprietário), “rede” (de computadores), etc.

b. 5) neologismos por empréstimo: o processo de neologismo por empréstimo lexical será apresentado e explorado em maiores detalhes logo em seguida.

c) Outros processos

Embora classificados por Alves (2002) como menos produtivos, eles também contribuem para o enriquecimento do acervo lexical do PB. São eles:

c. 1) truncação: ocorre um encurtamento do significante, ou seja, um truncamento da palavra que, mesmo com seu significante reduzido, mantém seu significado. Este é o caso de “euro” para “europeu”, “níver” para “aniversário”, de “otorrino” para “otorrinolaringologista”, dentre outros.

⁴ Para as definições de significado e significante, Cf. página 9.

c. 2) palavra-valise: também chamada de cruzamento vocabular, manifesta-se em situações quando há um tipo de redução (de uma ou duas bases) para a constituição de um neologismo. A nova palavra é formada com “pedaços” de outras, desde que os morfemas sejam respeitados. Como exemplo, temos “brasiguai”, oriundo de “brasileiro” e “paraguaio” e “showmício”, de “show” e “comício”. Exemplos mais recentes incluem “portunhol” e “mecatrônica”.

c. 3) reduplicação: processo pouco produtivo no PB e que se refere à repetição de uma mesma base para criação neológica, como em: “trança-trança”, “zunzunzum”, “blá-blá-blá”, “troca-troca”, etc. Para maiores detalhes sobre reduplicação e truncamento, Cf. Araújo (2002).

c. 4) derivação regressiva: o neologismo surge a partir da supressão de um elemento de caráter sufixal. Neste grupo, temos palavras regressivas nominais, tais como, “barraco” (de “barracão”) e também as palavras regressivas verbais (também conhecidas como deverbais) que são substantivos provenientes de verbos, tais como, “amasso” (carícias), proveniente da forma verbal “amassar”.

2.4 A neologia por empréstimo

Os neologismos por empréstimo são o foco desta pesquisa. Diferentemente de todos os processos citados anteriormente, os quais fazem uso de bases do próprio PB, os neologismos por empréstimo são frutos do contato entre línguas e por isso fazem uso de vocábulos de outros idiomas. Foi, assim, partindo de uma palavra não vernácula, como o

football, que chegamos à palavra “futebol”, ou a partir de do termo espanhol *jicara* que chegamos à “xícara”. O árabe nos cedeu *al-khass* e ganhamos o termo “alface” do alemão, pegamos emprestado *werra* e criamos o termo “guerra”. O termo “sutiã” que hoje empregamos veio do termo francês *soutien(-gorge)*. Temos também, no PB, diversos empréstimos afros-índios, tais como, “banana”, “cochilar”, “pipoca”, “mandioca”, etc.⁵. A lista, definitivamente, não se limita apenas a essas origens acima mencionadas, mas os vocábulos acima são suficientes para exemplificar os itens lexicais que não surgiram dentro do PB, e sim fora dele. Como vimos anteriormente, esses são conhecidos como processos alóctones.

Há ainda um outro modo de integração de palavras estrangeiras no PB conhecido como **decalque**. Neste processo, o que ocorre é uma tradução ou tentativa de tradução do termo estrangeiro, assim como temos em, “arranha-céu” (*skyscraper*), “alta-tecnologia” (*high-technology*).

Será dada, a partir de agora, atenção exclusiva à categoria de neologismos por empréstimo, assim como aos conceitos que ela envolve. A criação lexical por meio de empréstimo ocorre, como vimos há pouco, através do contato entre línguas pelo qual uma palavra estrangeira é incorporada a uma outra língua. A língua que cede o termo é considerada como **fonte**, e a língua que adota o termo, como **receptora**. Carvalho (1984) denomina esse processo também como **neologismo por adoção**. Segundo essa autora, tal processo de adoção lingüística passa por várias etapas. Ela afirma que:

[...] na primeira fase de aceitação, o termo é definido como peregrino, tomando como exemplo *cartoon*. Só será empréstimo posteriormente, quando adotado verdadeiramente pela integração na forma da língua e pelo uso corrente dos falantes. Passa então a ser notado como um termo estrangeiro: cartum (CARVALHO, 1984, p. 55-6).

⁵ Para maiores detalhes sobre a influência africana no português brasileiro, Cf. Mendonça (1973).

Pela definição acima, podemos observar que há uma diferença entre os termos estrangeirismo (peregrismo) e empréstimo, os quais podem causar confusão e serem vistos como semelhantes. Alves (2002) também faz uma diferenciação destes dois termos ao explicar os diferentes níveis em que se manifesta o processo de neologismo por empréstimo. Segundo essa autora:

[...] numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua. É então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma [...] A fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando se está integrando à língua receptora, integração essa que pode se manifestar através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica (ALVES, 2002, p. 72, 77).

Dessa forma, para Alves, um novo item lexical deixa de ser considerado estrangeirismo e passa a ser considerado um empréstimo quando este se integra à língua materna, sofrendo adaptações que podem ser de natureza ortográfica (como *shampoo/ xampu*), morfossintática (quando começam a ser formados derivados e compostos, como em *new-jeca*), quando o termo já é usado de forma integrada à ortografia do PB (como *marketing*) ou sofrendo adaptações de sentido, o que faz com que certas palavras entrem no PB com caráter polissêmico (como, *ranking* e *round*, usadas em contextos não esportivos também). Interessantemente, Alves não faz nenhuma referência às adaptações de ordem fonológica e isso, provavelmente, se deve ao diferente foco de seu trabalho. Dessa forma, este trabalho pretende também contribuir, de uma certa maneira, para preencher essa lacuna não trabalhada por tal autora.

Tratando-se ainda da diferenciação entre os termos **estrangeirismo** e **empréstimo**, Câmara Júnior (1978, p. 111) define a primeira categoria como “empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros

de forma semelhante”. Da mesma maneira, o dicionário eletrônico Houaiss (2001) define um **estrangeirismo** como “palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora”. Por outro lado, o termo **empréstimo** é definido no dicionário Houaiss como uma “incorporação ao léxico de uma língua de um termo pertencente a outra língua”. Carvalho (1989, p. 35) faz-se valer das definições de Haugen, que define o empréstimo como uma tentativa de reproduzir numa língua os padrões lingüísticos já existentes em outras. Bloomfield (1967), ao definir empréstimos, afirma que estes são traços lingüísticos diversos do sistema tradicional que são adotados.

Steinberg (2003) nos mostra a dificuldade de se chegar a um consenso em relação ao termo que nomeie, precisamente, as palavras decorrentes do processo de neologismo por empréstimo. Segundo ela,

[...] empréstimo é um termo inadequado, pois (pressupõe que um vocábulo) foi tomado de outra língua e jamais devolvido. Mas, uma vez que ninguém perdeu nada, não houve prejuízo para a língua de origem. Chegou a ser utilizado o termo *adoção*. [...] Empréstimo ou adoção, toda a língua é enriquecida como um grande número dessas palavras, que são verdadeiros marcos de influências estrangeiras em uma sociedade (STEINBERG, 2003, p. 20).

Richards *et al.* (1993, p. 40) consideram como ***borrowing*** (empréstimo) uma palavra ou frase a qual foi tirada de uma língua e usada em uma outra. Além disso, afirmam que, quando esse empréstimo se refere a uma simples palavra, é denominado ***loanword*** (empréstimo lexical). Crystal, (1997, p. 46) afirma que o termo ***borrowing*** refere-se a “linguistic forms taken over by one language or dialect from another; such borrowings are known as ‘loan words’ (e.g. *restaurant, bonhomie, chagrin*, which have come into English from French), and several types have been recognized”. A esses itens lexicais reconhecidos e que vêm a ser utilizados em outra(s) língua(s) além da língua original, Crystal dá o nome de

*loan*⁶ e, assim, sua distinção *borrowing* x *loan* se assemelha à distinção que ocorre no PB entre **estrangeirismo** e **empréstimo**, já que estes dois últimos termos possuem um caráter mais oficial de reconhecimento de uso. Por fim, Bussmann (1996), além da diferenciação entre *borrowing* e *loan* vista acima, postula a categoria *foreign word* que, segundo ele, engloba as palavras que não são nem fonética e nem gramaticalmente assimiladas. Contudo, este autor admite que, muitas vezes, a diferenciação entre um *loan* e uma *foreign word* não é tão clara.

A diferença entre um estrangeirismo e um empréstimo pode ser vista também sob a ótica da dicotomia Saussuriana entre língua e fala (*langue/ parole*). Para Saussure, a linguagem tem um lado social e um individual, e é inconcebível a existência de um lado sem o outro. Ele afirma que a **língua** está no campo social e se refere “ao conjunto de hábitos lingüísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (SAUSSURE, 1993, p. 92). Além disso, a língua é vista como “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contato estabelecido entre os membros de uma comunidade” (*op. cit.*, p. 22). Dessa forma, a língua é um sistema posto à disposição da comunidade de falantes que não podem alterá-la. Esse falante, para expressar seu pensamento individual, faz uso do que Saussure define como **fala**, “um ato individual de vontade e inteligência” (*op. cit.*, p. 22). Sendo assim, não há nada de coletivo na fala, e Saussure afirma que seria ilusório unir, em um mesmo ponto de vista, língua e fala. Partindo então desta dicotomia Saussuriana, Carvalho (1989) aponta que um estrangeirismo faz parte da *parole*, da fala, do uso individual da língua. Por outro lado, um empréstimo lexical, o qual já é visto como socializado e aceito, integra a língua (*langue*). Dessa forma, podemos concluir que um empréstimo tem um caráter mais

⁶ Crystal (1997) ainda categoriza os processos de empréstimos em: *loan words* (forma e significados assimilados), *loan blends* (significado e apenas parte da forma emprestada), *loan shifts* (o significado é emprestado, mas a forma é nativa) e *loan translations* (em que, em um sentido amplo, os elementos são traduzidos item por item, como o decalque no português brasileiro).

coletivo do que um estrangeirismo, o qual se limita mais a indivíduos, à opção pessoal de se usar uma palavra, já que, para Saussure, a fala (*parole*) não é coletiva.

Concluindo, podemos observar que a literatura faz uma distinção entre um **estrangeirismo** e um **empréstimo**, sendo a integração à língua nacional o critério de diferenciação (PAIVA, 1991). O que é não incorporado recebe o primeiro termo, e o que já está inserido no acervo lexical do PB recebe a segunda denominação. Isso fica ainda mais claro com a afirmação de Carvalho (1989, p. 47) de que “o empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas”.

As adaptações pelas quais os empréstimos passam podem ser ortográficas, semânticas e fonológicas. Há, ainda, casos em que um termo importado mantém sua grafia original, independentemente de serem palavras usadas freqüentemente por falantes do PB. Neste caso, ele será denominado um **xenismo**⁷ (CARVALHO, 1984). Esse termo se aproxima do que Crystal (1997) define como *loan shift*, que ocorre quando o significado é tomado por empréstimo e a forma se mantém nativa.

Santos (2000) afirma que “há um número excessivamente grande de palavras estrangeiras (sobretudo francesas e inglesas) que são empregadas em português, as quais não foram ainda assimiladas, o que significa dizer que conservam a sua grafia original”. Santos se refere aos xenismos, palavras como, *show, sexy, AIDS, mouse, scanner, xerox, e-mail, closet, drugstore*, dentre outras.

Segundo Carvalho (1989), a introdução de um termo estrangeiro em uma língua possui quatro fases:

⁷ O termo “xenismo” parte do radical grego *ksénos*, o qual significa estrangeiro. Nesta dissertação, o termo xenismo sempre será uma referência às palavras do inglês utilizadas no PB sem adaptação ortográfica.

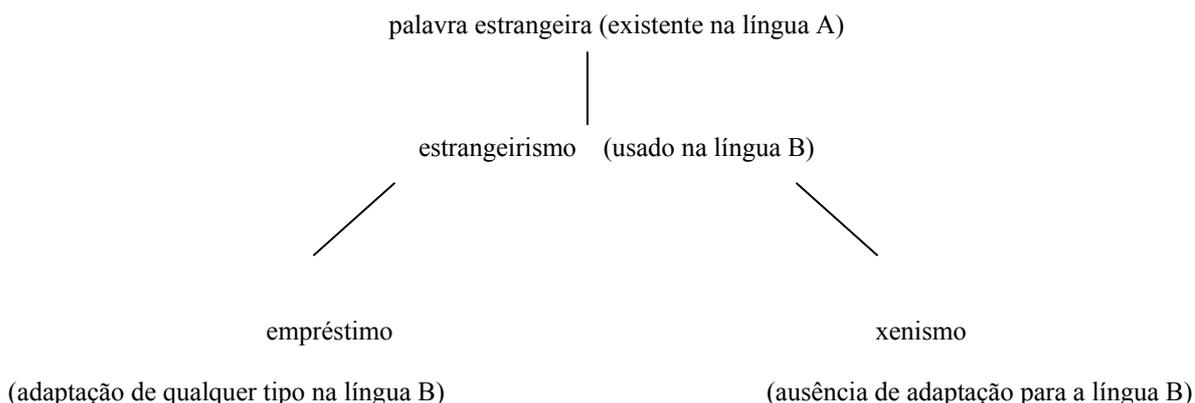


FIGURA 2: Quatro fases da introdução de um termo estrangeiro em uma língua

Alguns comentários sobre a categorização acima são pertinentes, levando-se em conta os empréstimos que o PB faz a partir da língua inglesa. Sob a luz da definição anterior de empréstimo – que o considera como sendo uma palavra estrangeira integrada à língua nacional –, nem sempre se pode fazer uma oposição entre empréstimo e xenismo conforme o esquema acima, pois há palavras, como, *shopping*, *gay*, *AIDS*, *skate* e *show*, que são xenismos e que também são consideradas empréstimos, já que são incorporadas ao PB. Por outro lado, há também xenismos, como, *air bag*, *delivery*, *home theater*, *drive-thru*, *blog*, e *setup* que ainda são vistos como estrangeirismos, uma vez que não foram (ainda) dicionarizados e/ ou aceitos pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.⁸ Além disso, a “ausência de adaptação”, mencionada por Carvalho (1989), refere-se somente à ortografia, pois uma adaptação fonológica sempre ocorrerá. Dessa forma, propomos pequenas mudanças ao esquema anterior, juntamente com alguns exemplos para seu melhor entendimento:

⁸ O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) tem o caráter de listar a ortografia oficial do português brasileiro e foi publicado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1998. O VOLP foi regulado pela própria ABL em 12 de agosto de 1943, foi adotado em documentos oficiais pela circular de 5 de julho de 1946, da Secretaria da Presidência da República, pelo Decreto-Lei nº 2623, de 21 de outubro de 1955 e pela lei nº 5765, de 18 de dezembro de 1971.

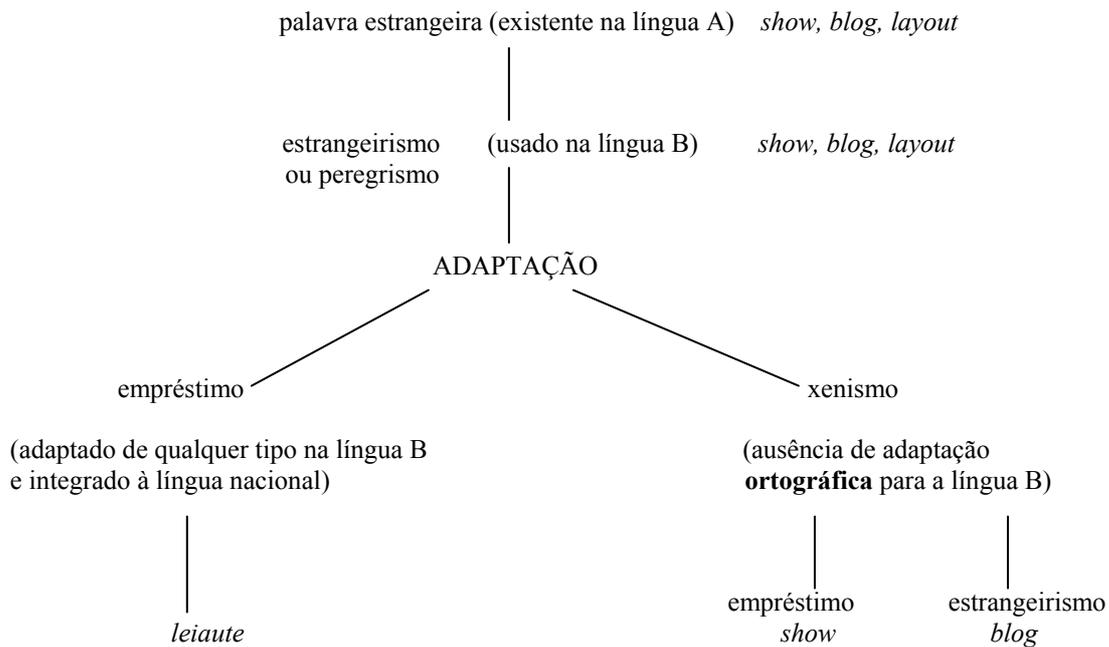


FIGURA 3: Fases de introdução de um termo estrangeiro

É importante enfatizar que, na classificação acima, mais especificamente na categoria dos xenismos, a ausência de adaptação mencionada é a ortográfica, pois a fonológica sempre ocorrerá, e um xenismo nunca terá uma pronúncia como a de sua língua original. Pierrehumbert (2000, p. 1) afirma que “languages differ systematically in arbitrarily fine phonetic detail”. Isso quer dizer que, por mais próximo que um som comum às duas línguas seja, ele nunca será o mesmo, o que é válido para qualquer língua e que, obviamente, se aplica ao PB. Podemos exemplificar isto, tomando como exemplo um empréstimo, como, *show*, o qual é composto de sons comuns nos sistemas sonoros do inglês e do PB ([ʃ], [oʊ]), mas que não são exatamente iguais, pois são distintos no detalhe fonético. O detalhe fonético pode se manifestar de várias maneiras, como uma duração mais ou menos curta de um

determinado som, VOT⁹, ausência ou ocorrência de aspiração, através de um som mais ou menos frontal, dentre outros. Dessa forma, podemos afirmar que um estrangeirismo, ao ser utilizado no PB, será sempre adaptado foneticamente, pois, por mais próximo que sua pronúncia seja da pronúncia original, ela não será exatamente a mesma.

Esta pesquisa visou trabalhar apenas com xenismos de língua inglesa. O motivo para essa escolha está ligado ao objetivo desta pesquisa, que foi o de se observar a pronúncia dessas palavras tanto em L1 e L2¹⁰, já que elas possuem ortografia semelhante nas duas línguas e pronúncias distintas. Entretanto, não foi feita nenhuma distinção entre quais destes xenismos são efetivamente **empréstimos**, ou quais são ainda **estrangeirismos**, pois essa distinção não é relevante para este estudo. O que importa para este estudo é que tais palavras são utilizadas como instrumentos de comunicação e, para isso, não importa se uma dessas palavras é um xenismo-estrangeirismo ou um xenismo-empréstimo, mesmo que essa diferença possa estar ligada à frequência de ocorrência da palavra no PB. Essa frequência (*token frequency*) se refere à frequência de ocorrência de uma unidade em um corpus. Dessa forma, palavras mais freqüentes (recorrentes) parecem tender a serem aceitas como empréstimo, e as menos freqüentes (mais raras), como estrangeirismos. Entretanto, a frequência de ocorrência nem sempre parece distinguir essas categorias, pois temos exemplos de palavras “comuns” no PB, como, *delivery, drive-thru, self-service, check-in, happy-hour*, que ainda são consideradas estrangeirismos. Por outro lado, há palavras classificadas como empréstimos que não são muito empregadas nos dias de hoje, como, *booster, stencil, footing* e

⁹ O termo VOT ou *voice onset time* se refere à duração do período de tempo entre a liberação de uma consoante oclusiva e o início da vibração glotal da vogal que segue. Esse período de tempo é medido em milissegundos (ms). O VOT se difere não somente entre línguas diferentes, mas entre falantes diferentes também. Richards *et al.* (1993, p. 402), afirmam que “the voice onset time for French, Spanish and Thai /b/ is generally earlier than that for English [b]”. Esse exemplo nos mostra que um mesmo som pode apresentar características diferentes em línguas diferentes. Assim, pronúncias de um xenismo, como *boy*, em inglês e no PB, apresentam, entre outras diferenças, VOT’s diferentes.

¹⁰ Daqui para frente, iremos nos referir à língua materna como L1 e a uma segunda língua como L2. Estas serão, respectivamente, o português brasileiro e a língua inglesa, a não ser quando indicado.

pullman, o que evidencia, para nós, o caráter difuso das distinções que a literatura faz entre as categorias estrangeirismo e empréstimo.

2.4.1 Possíveis causas dos empréstimos

Uma questão que está ligada à neologia por empréstimo é a de se investigar a(s) sua(s) causa(s). Embora esse não seja o foco deste trabalho, faremos rápidas considerações sobre esse ponto. Alves (2002) sugere que elas estão ligadas à dependência econômica e cultural em relação à “meca do capitalismo monopolista”. Carvalho (1984, p. 56-8) adota uma posição semelhante, ao afirmar que um empréstimo é:

[...] reflexo da interpenetração das culturas, sendo que, quanto mais poderosa for uma nação, maior será a influência de sua língua. Os atuais empréstimos resultam de uma adaptação à concepção da sociedade e modo de vida americano pela imprensa, literatura, turismo, indústria, comércio e cinema, enfim pela pressão econômica e cultural do imperialismo norte-americano. [...] A maioria dos empréstimos é do inglês americano, porém há espaço para outros idiomas.

Para Paiva (1991, p. 125), “as causas do empréstimo lexical são a necessidade de nomear novos objetos, conceitos e lugares, a convivência entre falantes de idiomas diferentes e o imperialismo cultural”. Já Kelm (2001, p. 12) aponta como causas da entrada de tantos estrangeirismos em outras línguas a moda (*status*), a ausência de algo que não existe na cultura local e, por fim, o que ele denomina de “natureza inovadora da fala”, que faz com que nos esforcemos para melhor representar o que sentimos. Steinberg (2003, p. 11) diz que “a necessidade de nomear novos conceitos, novos objetos, novas invenções, novas situações, que

venham a fazer parte (de uma) comunidade lingüística, dá origem aos neologismos”. Além disso, ela aponta como demais causas: mudanças sócio-econômicas, migrações e momentos históricos (STEIBERG, 2003, p. 13). Dessa forma, podemos observar que, nas posições acima sobre as possíveis causas do emprego de empréstimos lexicais no PB (sobretudo os de origem inglesa), são pontos em comum a subserviência econômica-cultural e a nomeação de conceitos novos. E, às vezes, essas causas estão interligadas. Podemos pensar em xenismos, como, *pay-per-view* e *download*, que, ao mesmo tempo em que nos mostram uma necessidade de se nomear algo novo no PB, deixam evidente como o PB está submisso à língua inglesa em relação aos termos que se referem à tecnologia e à informática. De qualquer forma, essas são causas que explicam a grande maioria dos empréstimos que temos atualmente no PB. Contudo, para este trabalho, mais importante do que determinar precisamente as causas dos empréstimos é ter consciência de que eles existem no PB e são utilizados, antes de tudo, para fins de comunicação.

2.4.2 O papel da mídia e dos falantes

Uma vez discutidas possíveis causas dos empréstimos lexicais no PB, é importante também mencionar o papel que a mídia possui na divulgação e circulação desses novos termos. Carvalho (1984, p. 13) afirma que “a imprensa é a via de acesso de inúmeras modificações na linguagem, notadamente dos empréstimos à língua estrangeira”. Paiva (1996, p. 25) aponta que os meios de comunicação de massa se encarregam dessa divulgação perfeitamente. Do mesmo modo, Alves (2002, p. 6) aponta que falantes de uma língua têm o

direito de criação léxica, mas “é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos”. Podemos observar, então, que é, através da imprensa, a forma mais fácil de se tomar conhecimento de uma inovação lingüística, de se divulgá-la e, desta forma, tal inovação acaba sendo uma das responsáveis pela freqüência de uso dos empréstimos lexicais no PB.

Como podemos observar nas posições apresentadas anteriormente, os motivos pelos quais ocorre o processo de neologismo por empréstimo transcendem questões puramente lingüísticas e englobam questões sócio-políticas. Isso fica ainda mais evidente à luz do projeto de lei 1676/1999¹¹, do deputado federal Aldo Rebelo, sobre “a promoção, proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa” e de toda controvérsia criada por ele. Diferentemente de muito do que tem sido publicado (sobretudo artigos) nos últimos anos sobre os estrangeirismos no PB, este trabalho não irá omitir nenhuma opinião sobre este assunto. Para essa discussão, Cf. Faraco (2001), Paiva (1991, capítulo 4) e Berber-Sardinha (2005). Para questões identitárias ou sócio-políticas que envolvem os estrangeirismos no PB atualmente, seria pertinente uma abordagem sociolingüística da questão.

Então, o que pretendemos aqui é estudar os xenismos no PB como ocorrência puramente lingüística, com seu uso em L1 e suas conseqüências em L2. O que assumimos aqui é que, independentemente de serem estrangeirismos ou empréstimos, xenismos são utilizados no PB, porque são, de uma certa maneira, funcionais para a comunicação. Ou seja, um falante do PB faz uso de uma ou outra palavra não porque ela é um anglicismo, ou galicismo, ou orientalismo (muitos podem nem fazer idéia da origem das palavras que usam), mas porque ela é instrumento de comunicação, caso contrário ela não seria utilizada.

¹¹ O texto do projeto de lei do deputado Aldo Rebelo pode ser encontrado no endereço <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 25 de Maio de 2003.

2.4.3 Adaptações

Um outro fato importante envolvido na incorporação de anglicismos é o de saber o que ocorre com essas palavras quando são emprestadas ao PB. Sobre os ajustes de incorporação dos estrangeirismos à língua receptora, Câmara Júnior (1978, p. 111) afirma que “um vocábulo estrangeiro [...] tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento”.

Em relação às adaptações fonológicas, Carvalho (1989, p. 44) afirma que:

[...] quanto a sua forma fônica, no momento em que os falantes introduzem um termo estrangeiro em seu sistema lingüístico, mesmo que essa adaptação não se faça a nível escrito, ela se dá a nível fonológico. É o caso de *show*, que permanece um xenismo quanto à forma escrita, porém adaptado aos hábitos lingüísticos do português.

Do mesmo modo, Steinberg (2003, p. 31) afirma que:

[...] a parte interessante nesse tipo de neologismo (por empréstimo) é a do processo lingüístico pelo qual passa para se incorporar ao léxico. O primeiro deles é o de adaptação fonológica, isto é, a substituição dos fonemas estranhos ao idioma por outras a ele pertencentes e que se assemelham aos do empréstimo.

Sendo assim, uma palavra é aportuguesada quando vem de uma outra língua qualquer (neste caso, a língua inglesa) e se ajusta, morfológica e/ ou foneticamente, à língua portuguesa. A palavra “futebol” é um exemplo de mudança de ortografia – de *football* para “futebol” – e fonética – de [ˈfʊtbɔ:l] para [futʃiˈbɔw]. É importante lembrar que esses tipos de mudanças

não são exclusivos do PB. Em qualquer língua, empréstimos lexicais, assim como no português, se ajustam para estarem de acordo com o sistema fonético da língua receptora. (SHEPERD, 1996).

Os empréstimos lexicais acabam, ao longo do tempo, incorporando-se completamente à língua receptora, e muitos deles já estão tão adaptados que não se assemelham mais a unidades lexicais estrangeiras. Para Santos (2000), estas são palavras “que adquiriram direito de vernaculania ou cidadania da palavra”¹². E a razão para que isso aconteça é basicamente o uso que, por sua vez, está ligado à necessidade de comunicação. Um vocábulo atinge tal “vernaculania” quando ele é necessário para os falantes se comunicarem. Achamos o termo “necessário” questionável e pensamos que um determinado vocábulo atinge este estágio proposto por Santos quando ele é funcional, pois não se trata de uma necessidade de utilizar uma palavra estrangeira ou outra, mas se usa tal palavra porque ela tem uma funcionalidade comunicativa. Caso contrário, estas palavras estariam fadadas ao desaparecimento ou, até mesmo, nem entrariam em um idioma.

Tanto nos casos onde ocorre adaptação ortográfica e fonológica quanto nos casos de adaptação fonológica apenas, um falante do PB utiliza o sistema fonológico do português para pronunciar tais palavras, o que é a sua única alternativa. Câmara Júnior (1978, p. 105) mostra que ocorre “uma substituição de fonemas estranhos (de L2) por fonemas nativos a que são assimilados” e cita como exemplos a palavra “alfaiate” (originada a partir de *al-xajjât*), em que a laringeal árabe [x] é feita como [f] e a palavra “guerra” (vinda de *werra*), em que a labiovelar germânica [x] é feita como [g]. Em palavras de origem inglesa, por exemplo, há

¹² Trecho da Palestra "Empréstimos Lingüísticos: Tradição e Atualidade". Seminário “Idioma e Soberania: Nossa Língua, Nossa Pátria”. Brasília, 2000.

uma forte tendência à substituição de consoantes nasais finais por vogais nasais, como em *dumping*, em que [m] e [ŋ] tornam-se [ã] e [ĩ] respectivamente ([ˈdãpi]).

Na grande maioria das vezes, o processo de aportuguesamento acaba levando a uma pronúncia que se afasta da pronúncia da sua língua original, já que o português e o inglês, apesar de terem sons em comum, possuem sistemas fonológicos bem diferentes (SHEPHERD, 1987, p. 90)¹³. Essa pronúncia “diferente” que os estrangeirismos assumem no PB não parece oferecer problema para L1, uma vez que tais palavras são usadas na sua forma aportuguesada, e isso parece não afetar a comunicação entre falantes desse idioma. Na verdade, a pronúncia adaptada facilita a comunicação entre eles, uma vez que, se fossem pronunciadas exatamente como L2, essas palavras poderiam ser incompreensíveis para alguns falantes. Além disso, a pronúncia de um estrangeirismo é modificada, porque não há outra possibilidade para os falantes, os quais tendem a se acostumar com a(s) pronúncia(s) diferente(s) ou adaptada(s) por eles.

Entretanto, para o ensino de inglês como língua estrangeira, mais especificamente para o ensino de pronúncia em L2, as adaptações e uso da forma adaptada de L1 para L2 são fatos que merecem atenção. Como essas palavras são ortograficamente similares em L1 e L2, a pronúncia delas (durante o período de aquisição de L2) em L2 pode ser afetada, já que L1 é uma influência na pronúncia de tais palavras, conforme a Teoria de Transferência Lingüística (capítulo 3) irá nos mostrar.

¹³ Devido a tais diferenças, Shepherd faz, em seu trabalho, uma comparação entre os sistemas sonoros do PB e do inglês levando em consideração vários aspectos, como: vogais, ditongos, consoantes, encontros consonantais, influência da ortografia, ritmo, stress, entonação, além de pontuação, gramática e vocabulário. Seu estudo tem o propósito de servir como ajuda para antecipar as dificuldades características desses aprendizes falantes nativos do PB, e para entender melhor como essas dificuldades surgem.

2.5 Estudos sobre estrangeirismos no PB

Kelm (2001) faz um breve estudo dos estrangeirismos do PB com foco na semântica, na pronúncia e no gênero de tais estrangeirismos, já que considera pessoalmente tais aspectos como “a parte mais difícil do aprendizado do português” (KELM, 2001, p. 1). Embora seu trabalho seja voltado para alunos de português como língua estrangeira, a parte de seu estudo que trata dos processos fonéticos e fonológicos do PB que afetam a pronúncia de empréstimos do inglês nos ajuda a entender como falantes do PB tentam gerenciar os estrangeirismos em L1.

Ao traçar as características da pronúncia de tais palavras por falantes do PB, Kelm as agrupa em: (a) palavras que imitam total ou parcialmente a pronúncia do inglês (e aqui ele ressalta a importância da proficiência do falante em L2) e (b) palavras cujas regras seguem a ortografia do português. Além disso, ele lista alguns processos fonológicos que afetam a pronúncia de tais palavras, como: a palatalização (pênalti ['penawtʃi]), a nasalização (*camping* ['kãpi]), as diferenças no sistema vocálico que causam uma transferência negativa (*fax* ['faks] e não ['fæks]), a vogal epentética (*fastfood* [fɛstʃi'fudʒi]), além de outros processos que considera relevante, como: (a) o 's' tornando-se sonoro em posição intervocálica e em posição final de sílaba antes de outra consoante sonora (e.g., casa, Lisboa), o que ele observa em mouse ['mauzi]; (b) o levantamento de vogais pretônicas (*staff* [es'tafi] sem levantamento e [is'tafi] com levantamento da vogal inicial). Na conclusão de seu trabalho, Kelm afirma que seus exemplos mostram que:

[...] a pronúncia, gênero, e significado de estrangeirismos causam dificuldades para o aluno de português como língua estrangeira, independente do debate social sobre a invasão dessas palavras. Também vimos que ao entenderem os processos fonológicos do português brasileiro se pode aprender muito sobre a pronúncia dada a esses estrangeirismos (KELM, 2001, p. 12).

Não somente concordamos completamente com a afirmação de Kelm sobre a dificuldade gerada pela pronúncia dos estrangeirismos em L1, como também com sua afirmação de que muito podemos aprender com a pronúncia dada a eles. Além disso, acreditamos ser o presente estudo mais uma contribuição para este debate.

Freitas (1984) realizou um trabalho de descrição de alguns procedimentos e estratégias adotados por falantes cariocas para a nativização (adaptação fonológica) de empréstimos em inglês. Dentro de um marco teórico da teoria gerativa, essa autora faz uma análise de seus dados segundo a premissa de que “os empréstimos são adaptados de acordo com as restrições da estrutura superficial de língua receptora” (*op. cit.*, p. 41). Seus dados foram obtidos através de entrevistas e leitura de excertos de textos e, após a análise destes, ela propõe 14 procedimentos de adaptação que, mais tarde, são formalizados em duas estratégias básicas de adaptação. A primeira delas é a epêntese vocálica, quase sistematicamente [i]. A segunda delas é a apócope consonantal, a qual ocorre em situações de final de sílaba, em que existe um grupo consonantal não permitido no PB, o que leva à queda da segunda consoante do grupo. Além disso, a autora lista alguns procedimentos adicionais que não se prendem à estrutura silábica e que não se encaixam nas duas estratégias básicas propostas por ela. São alguns procedimentos que levam em consideração o dialeto dos informantes. Por exemplo, ela afirma que, se no dialeto dos informantes há uma só representação possível – como por exemplo, o [l] final sendo vocalizado como em sal [saw] –, o som estrangeiro terá essa interpretação única, como em *milk* ['miwki], por exemplo.

Sobre a previsibilidade em relação à nativização dos empréstimos, Freitas afirma que esta:

[...] não pode, nem deve, pelo menos até onde nossos dados levam a crer, ser estabelecida em termos absolutos, ou seja: dada a forma de empréstimo X, dificilmente poderíamos dizer que resultaria na mesma forma adaptada Y. Contudo é viável prever quais estruturas silábicas sofrerão adaptação [...] e até quais estratégias poderiam aplicar-se a cada caso, o que não significa que todas aplicar-se-ão necessariamente (FREITAS, 1984, p. 81).

A conclusão de Freitas nos mostra, ao mesmo tempo, um questionamento à noção de processo em termos absolutos nos casos de aportuguesamento estudados por ela e também uma certa previsibilidade de estruturas mais propensas a mudanças. Para tentar entender melhor a influência do português brasileiro na pronúncia de palavras estrangeiras que, no nosso caso, são os xenismos, falaremos no próximo capítulo sobre transferência lingüística. Além disso, nele abordaremos também os modelos multirrepresentacionais em análise (Teoria de Exemplares e Fonologia de Uso).

2.6 Conclusão

Apresentou-se, neste capítulo, a definição de palavra, de léxico de uma língua e dos processos de renovação de palavras que no léxico ocorrem. Além disso, foram vistos as diferentes categorias de neologismos no português brasileiro e os termos nelas envolvidos. Foram colocados em foco os neologismos por empréstimo, suas especificidades, possíveis causas e vimos que eles têm na mídia, assim como nos próprios falantes, importantes veículos

de difusão. Por fim, foram vistos o que ocorre com essas palavras ao serem incorporadas no PB e as conseqüências dessa adaptação tanto para L1 quanto para L2. No capítulo seguinte, apresenta-se o referencial teórico adotado nesta dissertação.

CAPÍTULO 3

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Introdução

Este capítulo apresenta, inicialmente, um breve panorama das teorias de aquisição de habilidades fonológicas em L2 segundo Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000) com a finalidade de contextualizar a Teoria de Transferência Lingüística, a qual se refere à influência de uma língua na aprendizagem de uma outra. Devido à natureza desta pesquisa, será priorizada a questão da transferência lingüística em relação aos sistemas sonoros.

Na segunda parte deste capítulo, serão apresentados os modelos multirrepresentacionais que são adotados neste trabalho. Serão tratadas, separadamente, a Teoria de Exemplos e a Fonologia de Uso, e também será mostrada a razão pela qual esses modelos parecem fornecer um referencial teórico mais sólido para este estudo, sugerindo explicações que não são possíveis dentro da Teoria de Transferência Lingüística. Uma conclusão sintetizará os principais pontos abordados neste capítulo.

Este trabalho toma como referencial os sistemas sonoros da língua inglesa e do português brasileiro. Portanto, para uma descrição detalhada do sistema sonoro do PB, Cf. Cristóvão-Silva (1999). Para o sistema sonoro da língua inglesa, Cf. Underhill (1994).

3.2 Panorama das teorias de aquisição fonológica em L2

Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000)¹⁴ apresentam seis teorias que propõem explicar, na aquisição de uma segunda língua, a aquisição de habilidades fonológicas, as quais se intercalam e não são mutuamente exclusivas. Essas teorias serão brevemente apresentadas a seguir.

A sistemática comparação de semelhanças e diferenças entre línguas é denominada **análise contrastiva** (*contrastive analysis*). De acordo com Richards *et al.*(1993, p. 83), a análise contrastiva, desenvolvida e utilizada na lingüística estrutural dos anos 50 e 60 do último século, é baseada na crença de que as dificuldades de aprendizagem de uma nova língua são causadas pela interferência de L1 e podem ser previstas de antemão. Além disso, materiais didáticos de ensino de L2 podem utilizar-se desta análise para reduzir os efeitos dessa interferência da língua materna sobre a língua estrangeira a ser aprendida.

O termo “análise contrastiva”, que há muito tempo faz parte da pedagogia de aprendizagem de uma segunda língua, foi inicialmente proposto para explicar todos os aspectos da aprendizagem de uma língua, de modo que L1 facilitaria a aprendizagem nos casos em que as estruturas de L2 fossem semelhantes e interferiria (negativamente) nos casos em que elas se mostrassem diferentes (LADO, 1957,*). Essa versão ficou conhecida como a “versão forte” (*strong version*) da análise contrastiva, a qual serviria para prever todos os problemas de aprendizagem de uma L2. Atualmente, essa versão possui poucos adeptos, pois já é evidente para muitos pesquisadores (como, ELLIS, 1997) que a L1 não é a única causa de erros de um aprendiz.

¹⁴ As referências desta seção das teorias de aquisição fonológica em L2 indicadas por (*) são todas citadas por Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000).

Uma segunda versão da análise contrastiva foi proposta e denominada *weak version* ou “versão fraca”, a qual serviria para explicar apenas alguns, mas não todos os erros sistemáticos de aprendizagem de uma segunda língua. Tais explicações seriam *post facto*, ou seja, surgindo um determinado problema devido às diferenças entre dois sistemas lingüísticos, a análise contrastiva seria usada para então tentar explicá-lo posteriormente, e não mais de antemão como a sua primeira versão propunha. Em outras palavras, essa versão era analítica e sua proposta era a de explicar o que havia ocorrido (de errado), sendo assim diagnóstica e não preditiva.

A análise contrastiva mostrou-se mais bem-sucedida no campo da fonologia do que em outras áreas e, por isso, ela é ainda um fator importante para os estudos de transferência lingüística, sobretudo de pronúncia. Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000, p. 20) afirmam que;

[...] today most researchers in the field, while minimizing the role that native language interference plays in other areas of language acquisition, would agree that interference (now more commonly referred to as negative transfer), is valid in second language pronunciation acquisition [...] These researchers hold that negative transfer is a significant factor in accounting for foreign accents, particularly with regard to acquisition of more segmental features such as aspiration and of suprasegmental features such as intonation and rhythm.

Esta posição nos mostra claramente que, para a aquisição de pronúncia em L2, a análise contrastiva ainda é um fator importante, o que corrobora a importância de que estar ciente das semelhanças e diferenças dos sistemas sonoros do PB e do inglês, no nosso caso, é relevante para a aquisição de habilidades fonológicas em L2 e, sobretudo, para o ensino de pronúncia do inglês.

A teoria da análise contrastiva teve suas origens na necessidade de se ensinar L2 da maneira mais eficiente possível. Para Lado (1957, *apud* ELLIS, 1985), um de seus

precursores, “the teacher who has made a comparison of the foreign language with the native language of the students will know better what the real problems are and can provide for teaching them”. Sendo assim, mesmo que em outras áreas (como na aquisição de vocabulário ou de estruturas gramaticais) a análise contrastiva tenha suas limitações, seu papel na aquisição de habilidades fonológicas ainda é importante. Não somente concordamos com a afirmação acima como também sentimos que professores brasileiros de inglês poderiam e deveriam estar mais preparados neste sentido, estudando a fonologia tanto da L2 a que se propõem ensinar, como da L1, da qual são falantes nativos. Entretanto, acreditamos que, mesmo para a aquisição de habilidades fonológicas, essa teoria tem suas limitações, e algumas delas serão discutidas a seguir.

A hipótese da análise contrastiva (*contrastive analysis hypothesis*), teve seus críticos, como por exemplo, Banathy; Madarasz (1969,*), que viam a necessidade de complementá-la com a análise de erros que ocorrem na interlíngua¹⁵ dos aprendizes. Essa viria a ser a segunda hipótese, conhecida como análise de erros (*error analysis hypothesis*). Richards (1971,*) foi outro crítico da análise contrastiva e proponente da análise de erros. Ele propôs uma classificação de erros que ajudaria não somente a entender melhor o processo de aquisição de uma segunda língua, mas também a contribuir para um melhor ensino de L2. Segundo ele, os erros eram classificados como erros de interlíngua (*interlingual errors*), causados por transferência negativa de L1, erros de intralíngua (*intra lingual errors*), causados por traços complexos de uma L2 por falantes de qualquer L1, independentemente de qual seja, e, por fim, erros de desenvolvimento (*developmental errors*), que são erros em L2 que refletem problemas e estratégias usadas por crianças quando aprendem sua L1.

¹⁵ Interlíngua é entendida como a língua produzida por aprendizes de uma segunda língua ou língua estrangeira que ainda estão no processo de aprendizagem desta L2.

A teoria de análise de erros também teve suas críticas, principalmente por focar os problemas (erros) dos aprendizes, ao invés de centrar nos seus acertos. Além disso, ela ignorava uma estratégia de aprendizagem conhecida como evitamento (*avoidance*¹⁶).

A terceira hipótese apresentada por Celce-Murcia, Brinton e Goodwin é a de interlíngua (*interlanguage hypothesis*), a qual começa com Selinker (1969, 1972,*) propondo a noção de interlíngua, definida anteriormente. Com Selinker, também veio a noção de cristalização ou fossilização (*fossilization*), a qual representa o ponto a partir do qual a aprendizagem torna-se muito difícil para um aluno progredir, a não ser através de esforço e motivação excepcionais. Corder (1974,*) desenvolveu a noção de interlíngua e propôs que ela fosse vista como um contínuo em que o aprendiz se movimenta em direção de L2, processando insumo (*input*) de L2 ou até chegar ao platô de cristalização. Pesquisas em fonologia baseadas nesta hipótese de interlíngua foram centralizadas na natureza do desenvolvimento da interlíngua de um aprendiz e também na investigação da universalidade de padrões de aquisição de habilidades fonológicas entre grupos de idade e L1 distintos. Nos anos 80, a pesquisa em fonologia de interlíngua teve vários focos, dentre eles, modelos de desenvolvimento fonológico, teorias de fonologia de interlíngua, aquisição de estrutura silábica, aquisição de suprasegmentais e variações de produção decorrentes do grau de formalidade em que os aprendizes se encontram.

Uma outra teoria que deu sua contribuição na sua tentativa de explicar a aquisição de habilidades fonológicas foi a teoria de marcação (*markedness theory*), proposta primeiramente e desenvolvida por lingüistas da Escola de Praga, incluindo, em especial, Trubetzkoy e Jakobson. Tal teoria sugere que, em qualquer oposição lingüística, fonológica ou semântica, um dos itens de qualquer par de opostos é considerado não-marcado

¹⁶ Esse termo se refere a uma estratégia de aprendizagem de L2 em que o aprendiz evita fazer uso de uma estrutura ou palavra considerada difícil por ele e, com isso, faz uso de uma outra considerada mais simples. As conseqüências do uso dessa estratégia são a sub e superprodução de estruturas e/ou palavras. Segundo Almeida Filho; Schmitz (1998, p. 150), esse termo também é denominado fuga ou mascaramento.

(*unmarked*), por ser mais universal, freqüente e adquirido primeiramente, e um outro será marcado (*marked*), ou seja, mais específico, menos freqüente e adquirido posteriormente. A teoria da marcação foi muito útil em explicar diferenças fonológicas entre línguas. Por exemplo, Chomsky; Hale (1968, *apud* Richards *et al.*, 1993) sugerem que [p, t, k, s, n], como ocorrem na maioria das línguas, são as consoantes menos marcadas enquanto [v, z] são consideradas menos comuns e, com isso, marcadas.

Erickman (1977,*) faz uso da teoria da marcação e a aplica na sua teoria de marcação diferencial, que veio a acrescentar naquilo que, segundo ele, a análise contrastiva não explicava: prever precisamente quais áreas da fonologia de L2 seriam mais difíceis para um determinado grupo de L1 e quais sons seriam substituídos por esses aprendizes.

A hipótese dos universais lingüísticos (*language universals*) é defendida por lingüistas que assumem que todas as línguas compartilham propriedades semelhantes e que suas diferenças superficiais não são tão importantes. No seu desenvolvimento, essa teoria tomou duas vertentes, a de Jakobson (1941,*) e a de Greenberg (1962,*). A primeira vertente trata de princípios (elementos dados) e parâmetros (variações permitidas) e muito influenciou Chomsky e seu modelo de gramática universal, para sua postulação da existência de um dispositivo de aquisição de linguagem¹⁷ em todas as pessoas. A segunda vertente, por sua vez, examina aspectos comuns a várias (algumas vezes, todas as) línguas e contribuiu para Eckman (1991,*) propor a sua hipótese de conformidade estrutural de interlíngua (*interlanguage structural conformity hypothesis*) para aquisição de pronúncia. A hipótese de Eckman acredita que os universais lingüísticos podem ser usados para explicar certos fatos sobre a forma da interlíngua sem nenhuma referência à L1 dos aprendizes.

¹⁷ Segundo Richards *et al.* (1993, p. 197), o LAD, ou *language acquisition device*, é a capacidade de aquisição de uma L1, quando esta capacidade é vista sob a forma de um tipo de mecanismo ou aparato. Segundo a hipótese inatista, os seres humanos nascem com o LAD, o qual inclui o conhecimento básico da natureza e estrutura da linguagem humana.

Por fim, temos a teoria de processamento de informação (*information processing theory*), cuja proposta é a de tentar explicar a aquisição de habilidades fonológicas sem ignorar o efeito de L1 sobre L2. Essa teoria se originou a partir de trabalhos em ciência cognitiva. Rumelhart; Norman (1978,*) mostraram que aprendizes processam novas informações a partir do conhecimento de estruturas existentes, o que é denominado *schemata* (esquemas). Schineider; Schiffrin (1977,*) propõem que informações previamente armazenadas podem ser processadas automaticamente (de uma maneira não controlada, modificada ou inibida) ou de uma maneira controlada (que requer atenção e consciência), e que esses processos, além de não serem excludentes, podem ocorrer simultaneamente. Portanto, a hipótese de processamento de informação prevê que, na aquisição de sons em uma L2, os aprendizes mostram uma tendência de interpretar esses sons a partir do inventário de sons que eles controlam como parte do seu sistema de L1. Além disso, os aprendizes tendem a processar as informações automaticamente.

Rumelhart; Norman (1978*) postulam três modos de aprendizagem que são: *accretion* (quando os aprendizes acrescentam informações em sua *schemata*), *restructuring* (quando eles organizam suas estruturas já existentes e criam uma nova *schemata* baseada em padrões pré-existentes) e *tuning* (que é quando os aprendizes modificam sua nova ou antiga *schemata*, tornando-a mais precisa ou específica). Exemplificando, um falante do PB aprendendo inglês se depara com mais vogais em L2 do que ele possui em seu inventário de L1. De acordo com essa teoria, ele primeiramente tentará adicionar as novas vogais à sua *schemata* de vogais (*accretion*). Como o falante não consegue gerenciar as novas vogais sem nelas interferir, ele se vê obrigado a reestruturar sua *schemata* existente e chega a uma espécie de meio-termo entre L1 e L2, uma forma que não é nem L1 e nem L2. Com o tempo (uso), com mais insumo e assumindo que não haverá fossilização, ele irá ajustar seu sistema, produzindo vogais cada vez mais próximas de L2.

Essas foram, portanto, as teorias de aquisição de habilidades fonológicas de L2 apresentadas por Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000). A seguir, será apresentada a Teoria de Transferência Lingüística, sua evolução e será retomada uma das teorias acima apresentada, a de análise contrastiva, uma vez que ela e a Teoria de Transferência Lingüística estão intrinsecamente ligadas.

3.3 Transferência lingüística

Dentre as teorias de aquisição de habilidades fonológicas em L2 apresentadas acima, a teoria da análise contrastiva fornece uma base sólida para os estudos baseados em **transferência lingüística**, uma vez que estudos baseados em transferência lingüística entre duas línguas dependem de comparações sistemáticas entre tais línguas. Contudo, uma grande limitação de tais comparações é o fato de estas não levarem em conta variações dialetais, seja em L1 ou em L2, o que já é, a princípio, uma limitação dessa teoria.

3.3.1 Teoria behaviorista de aprendizagem e transferência lingüística

Para se compreender a transferência lingüística e, conseqüentemente, o papel de L1 na aprendizagem de uma L2, é importante mencionar um pouco de sua evolução, a qual

remonta ao final dos anos 60, uma época em que teorias de aprendizagem de línguas eram baseadas em teorias de aprendizagem em geral. A escola dominante na psicologia, o behaviorismo, ditava a maior parte das regras sobre a aprendizagem e suas noções básicas incluíam hábitos e erros. Os behavioristas se propuseram a explicar o comportamento observando respostas que aprendizes ofereciam a diferentes estímulos, os quais poderiam ser não-previsíveis ou regulares. Dentro desta teoria, um **hábito** corresponderia então a uma associação de respostas a estímulos específicos. Além disso, um hábito tinha as características de ser observável (o que excluía a noção de processos cognitivos¹⁸) e automático, formado espontaneamente e dificilmente erradicado, a não ser através de mudanças que levassem à extinção dos estímulos que o criaram. Dessa forma, um hábito se forma quando um estímulo é associado a uma determinada resposta. Embora essa associação seja vista diferentemente por diferentes teóricos do behaviorismo, como, Watson (1924) e Skinner (1957) (*apud* Ellis, 1985), ela serviu para nos mostrar que a aprendizagem de um hábito se dava por imitação, ou seja, o aprendiz copia o estímulo de maneira freqüente para que esse fique automatizado, ou por reforço, em que o aprendiz é aclamado ou punido dependendo de sua resposta. Sendo assim, a teoria de formação de hábito era uma teoria geral de aprendizagem, mostrava como a L1 de um aprendiz influenciava do processo de aprendizagem de L2 e explicava por que o aprendiz cometia erros.

Na teoria behaviorista, hábitos antigos interferem em novos hábitos. Como isso, surge um conceito que tem um lugar central nessa teoria: **interferência**. Essa noção era vista como o resultado do que era determinado por inibição proativa (*proactive inhibition*). Sobre essa inibição, Ellis (1985) afirma que :

¹⁸ Processos cognitivos são quaisquer processos mentais que aprendizes utilizam na aprendizagem de uma língua, como fazer inferências, generalizações, deduções, etc.

[...] is concerned with the way in which previous learning prevents or inhibits the learning of new habits. In SLA¹⁹ it works as follows. Where the first and second language share a meaning but express it in different ways, an error is likely to arise in the L2 because the learner will transfer the realization device from his first language into the second (ELLIS, 1985, p. 22).

Para desenvolver novos hábitos em L2, um aprendiz tem que superar essa proibição proativa. Sendo assim, para a teoria de aprendizagem behaviorista, a transferência lingüística irá ocorrer entre L1 e L2 e será vista como negativa no caso de ocorrência de inibição proativa, a qual levará a erros. Ao mesmo tempo, se os hábitos em L1 e L2 forem semelhantes, ocorrerá então transferência positiva, e erros não ocorrerão.

Dentro dessa teoria, erros são totalmente indesejáveis e considerados como evidência de aprendizagem imperfeita. É por isso que o termo transferência negativa ficou até hoje com esse legado (herdado das teorias behavioristas) de ser algo indesejável e algo a ser evitado. Atualmente ainda existem cursos de línguas que possuem suas metodologias calcadas em crenças behavioristas. Nesses cursos, L1 é totalmente abolida da sala de aula e esforços são concentrados na tentativa de criar nos alunos novos hábitos em L2 que, por sua vez, levam esses aprendizes o mais próximo possível dessa língua alvo. Em outras palavras, L1 é abolida da sala de aula justamente devido a essa crença de que ela é uma fonte de transferência negativa.

Segundo Ellis (1985), a análise contrastiva tem um aspecto psicológico e um aspecto lingüístico. Seu aspecto lingüístico se manifesta nas duas versões (forte e fraca) discutidas anteriormente. Para ele, a forma ideal da análise contrastiva seria aquela que lidasse com as condições sob as quais a transferência lingüística ocorresse e que envolvesse fatores não-lingüísticos também. Ellis aponta que uma das maiores fontes de críticas da análise contrastiva tem sido a falta de uma teoria psicológica mais desenvolvida. Mais à frente, será retomada a discussão dos aspectos psicológico e lingüístico da análise contrastiva.

¹⁹ SLA se refere à aquisição de uma segunda língua (*second language acquisition*).

Utilizando o modelo dos lingüistas estruturalistas (BLOOMFIELD, 1933; FRIES, 1952, *apud* ELLIS, 1985), a análise contrastiva enfatizou a importância de uma detalhada descrição científica das línguas, baseada na descrição de diferentes categorias que formam os padrões de uma língua. Idealmente, a análise contrastiva necessitava basear-se em categorias universais, ou seja, comuns a todas as línguas, que se diferem na maneira como são lingüisticamente realizadas de uma língua para outra. Mas Ellis (1985) nota que a maioria dos estudos contrastivos realizados foram baseados em características de estruturas superficiais²⁰, com uma seqüência de descrição (formal de duas línguas), seleção (de itens que apresentam dificuldades), comparação (para identificação de áreas de semelhanças e diferenças) e, finalmente, de predição (de quais áreas são mais prováveis de causar erros). Porém, com o tempo, os adeptos desta teoria passaram a perceber a existência de graus de semelhanças e diferenças. Por exemplo, uma comparação entre dois sistemas lingüísticos pode revelar:

- a) nenhuma diferença²¹ entre um aspecto de L1 e L2, como o fonema [ʃ], que ocorre tanto no PB quanto no inglês²²;
- b) um item de L1 ausente em L2, como as vogais nasais do PB;
- c) um item em L1 em distribuição diferente em L2, como a nasal [m], que pode ocorrer também em final de palavra no inglês, como em [bu:m];
- d) nenhuma semelhança entre um aspecto de L1 e de L2, como ocorre com [θ] e [ð];

²⁰ As estruturas superficiais (*surface structures*) são, dentro da gramática gerativa, as estruturas sintáticas de sentenças que derivam de uma forma abstrata denominada estrutura profunda ou *deep structure*. Por exemplo, frases, como, “João visita Maria” e “Maria é visitada por João”, são duas estruturas superficiais semelhantes derivadas de uma mesma estrutura profunda.

²¹ O termo “nenhuma” diferença é controverso devido a detalhes fonéticos, discutidos na página 20.

²² Afirmamos que esse fonema é semelhante, mesmo sabendo que ele pode apresentar diferentes características acústicas em línguas diferentes.

- e) fenômeno de divergência, em que um item de L1 torna-se dois itens em L2, como o ‘h’ ortográfico que, no PB, é mudo, enquanto que, no inglês, pode se apresentar como mudo ou não, nos casos de *heir* [eə^r] e *hatch* [hætʃ], respectivamente.

A análise contrastiva apresenta como um de seus maiores problemas a relação entre o seu aspecto lingüístico e o psicológico. Desenvolver categorias de diferenciação de duas línguas como as acima é um fenômeno lingüístico, enquanto relacionar essas categorias com dificuldades de aprendizagem é algo que envolve considerações psicológicas também. Dessa forma, a análise contrastiva recebeu várias críticas que envolviam o questionamento da sua capacidade de prever erros, além de críticas de natureza teórica e da sua relevância pragmática. Vemos, criticamente, além dessas limitações, a noção de processo que uma categorização supracitada propõe, pois ela nos sugere que as diferenças entre duas línguas podem levar a erros, mas de forma processual. Pretendemos mostrar, com este estudo, que erros e diferenças, em uma produção em L2, não ocorrem obrigatoriamente desta maneira.

Retomando, a teoria behaviorista designou um papel negativo para a transferência lingüística de L1 na aprendizagem de L2. A análise contrastiva herdou muitas de suas idéias, e também por isso foi alvo de muitas críticas. Independentemente disso, a análise contrastiva no campo da aquisição de habilidades fonológicas sempre teve seu papel importante e, por isso, ainda, é a mais importante base para os estudos baseados em transferência lingüística, conceito que detalharemos a seguir.

3.3.2 O conceito de transferência lingüística

Segundo Odlin (1989, p. 3), “there appears to be widespread assumption that language transfer is an important characteristic of second language acquisition”. Para entendermos melhor essa afirmação, precisamos primeiramente definir mais precisamente o que é transferência lingüística. Na literatura em lingüística aplicada, esse termo pode ter outras terminologias, tais como, *mother tongue influence* (CORDER, 1967), *native language influence* (GASS, 1996), e *cross-linguistic influence* (KELLERMAN; SHARWOOD-SMITH, 1986; ODLIN, 1989).

O termo transferência lingüística é definido por Richards *et al.* (1993, p. 386) dentro de uma teoria de aprendizagem, como sendo,

[...] the carrying over of learned behaviour from one situation to another. **Positive transfer** is the learning in one situation which helps or facilitates in another later situation. **Negative transfer** is learning in one situation which interferes with learning in another later situation.

Podemos ver que essa definição ainda traz consigo muito do legado da teoria behaviorista no que diz respeito a comportamento aprendido e também à transferência negativa, muito enfocada pelos teóricos dessa linha.

Para Weinreich (1953, p. 1), a transferência lingüística é evidenciada como “those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals as a result of their familiarity with more than one language”. Weinrich, por sua vez, enfoca a bidirecionalidade da transferência lingüística, que pode ocorrer tanto de L1 para L2,

como vice-versa. Além disso, para ele, a transferência lingüística pressupõe um afastamento do que é visto como norma em uma língua.

Ellis (1997, p. 51) postula que a transferência lingüística se refere à “influence that the learner’s L1 exerts on the acquisition of an L2”. Para esse autor, ela se manifesta de diferentes maneiras, tais como, transferência positiva, negativa e como evitamento de algumas formas, assim como o conseqüente uso excessivo de outras.

Odlin (1989, p. 27), por sua vez, define a transferência lingüística como “the influence resulting from similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired”. As definições apresentadas acima se complementam e, com isso, podemos concluir que, uma vez que L1 e L2 possuem diferenças e semelhanças, a transferência lingüística é a influência de uma língua sobre a outra, a qual pode se manifestar de uma forma negativa (impondo dificuldades para a aprendizagem de L2) ou positiva (facilitando a aprendizagem dessa L2).

Odlin (*op. cit.*) é quem mais aprofunda em sua definição e, além de definir o que é a transferência lingüística, preocupa-se em definir também o que não é. Dessa forma, partindo da noção de transferência surgida no auge da teoria behaviorista, Odlin mostra que ela não é simplesmente uma conseqüência de formação de hábitos, uma vez que ela não pressupõe nenhuma substituição na L1 de um aprendiz. Na verdade, muito antes dos behaviouristas, Whitney (1881, *apud* ODLIN, 1989) já empregava o termo transferência para se referir às diferenças entre sistemas lingüísticos. Além disso, a transferência lingüística não se resume à interferência, normalmente associada à transferência negativa, pois, como pôde ser visto, a transferência pode ser positiva também, como no caso de vocabulário cognato ou em quaisquer outras semelhanças entre L1 e L2. A transferência lingüística também não deve ser vista como uma simples recorrência à L1 na falta de algum conhecimento em L2. Por fim, Odlin afirma que ela não se limita à influência de L1 especificamente, pois há casos em que

falantes possuem conhecimentos de L1 e L2 quaisquer que podem afetar a aquisição em uma L3. Entretanto, neste trabalho, o termo transferência lingüística se limitará à influência de L1 (português brasileiro) em L2 (inglês).

Thomason; Kaufman (1988, *apud* ODLIN, 1989), classificam a transferência lingüística em transferência de empréstimo e de substrato. A **transferência de empréstimo** (*borrowing transfer*) é a influência de uma L2 em uma língua previamente aprendida, a qual é, tipicamente, a L1 de um falante. Como exemplo, podemos citar o caso do Dyirbal, uma língua aborígine do nordeste australiano que apresenta enorme influência da língua inglesa. Na fala dos jovens dessa língua, notam-se evidências de transferência a partir do inglês, que é uma segunda língua para eles. Por outro lado, a **transferência de substrato** (*substratum transfer*) é a influência da língua nativa na aquisição de uma “segunda” língua independentemente de quantas línguas o aprendiz já sabe. É o caso, por exemplo, da influência do PB sobre o inglês (L2) de falantes do Brasil.

Odlin (1989, p. 27) ressalta a importância da transferência de substrato ao dizer que “knowledge of a single native language [o que é o caso dos falantes brasileiros] is the most typical basis for substratum transfer”. Dulay; Burt; Krashen (1982, *apud*, ODLIN, 1989), afirmam que a transferência será mais significativa na aquisição de uma segunda língua afetada por instrução formal do que em uma aquisição mais natural. De maneira interessante, é essencialmente nesse contexto que se encontra o ensino de língua inglesa no Brasil, o de instrução formal. Isso tudo nos faz pensar, deste ponto de vista, que os falantes do PB estariam propensos a fazer uso deste tipo de transferência (de substrato). Por essa razão, o termo transferência lingüística, nesta dissertação, será tomado como sendo transferência de substrato.

3.3.3 A transferência lingüística em habilidades fonológicas

Com relação à pronúncia em L2, uma melhor ou pior performance de um aprendiz dessa segunda língua certamente não pode descartar a influência de fatores não-estruturais, tais como, personalidade, ansiedade, nível de proficiência, a habilidade de se imitar sons em L2 (*phonetic mimicry*), grau de instrução, dentre outros. Apesar disso, uma L1 e seu sistema sonoro são uma grande influência e conseqüente indicativo da performance de aprendizes em L2.

Uma comparação entre sistemas sonoros de duas línguas requer uma descrição fonética delas, uma vez que sons em diferentes línguas apresentam características físicas distintas, tanto acústicas quanto articulatórias. Isso mostra que duas línguas podem até possuir sons em comum, mas esses sons são acusticamente diferentes. No PB, por exemplo, temos as oclusivas [p, t, k] que também ocorrem no inglês, mas normalmente acompanhadas de aspiração em posição inicial de sílaba, característica ausente no PB. Além disso, podemos citar algumas consoantes, como, [b],[d] e [g], que no inglês são parcialmente vozeadas, enquanto que no PB são totalmente vozeadas. Fledge (*apud* ODLIN, 1989) aponta que aprendizes de uma língua estrangeira são capazes de modificar sua pronúncia fazendo-a aproximar da língua alvo. Contudo, essas modificações resultam em aproximações que não são nem L1, nem L2, ou seja, é o que ele denomina *compromise form* ou uma espécie de meio-termo entre o português e o inglês.

No contexto atual de ensino de língua inglesa no Brasil, onde o ensino de pronúncia tem um papel secundário em sala de aula (SILVA, 2004), esses tipos de

modificações de pronúncia são esperados para falantes do PB, mesmo para aqueles que possuem um nível de proficiência mais elevado. E podemos especular que, quanto menor for o comprometimento com o ensino de pronúncia (seja da instituição ou do próprio professor), menos próxima de L2 tende a ser a pronúncia desses aprendizes.

As relações de equivalência que aprendizes estabelecem entre L1 e L2 são denominadas identificações de interlíngua (*interlanguage identifications*). Tais identificações são influenciadas por semelhanças acústicas (algumas vezes, via formas cognatas) e pelas relações internas implícitas no sistema de sons de uma língua. Scholes (1968, *apud* ODLIN 1989) mostra que falantes não-nativos estão mais propensos a categorizar os sons da L2 que estão aprendendo amplamente, em termos de seu inventário de sons de L1. Essa referência à L1 pode, por sua vez, acarretar dificuldades e facilidades, ou seja, transferência positiva ou negativa, como vimos anteriormente. Mas se o estudo de Scholes mostra que, por um lado, diferenças entre os sons de L1 e L2 podem causar confusões perceptuais, ele também mostra que o conjunto de sons de uma L1 não impede que um aprendiz perceba sons diferentes em L2. Por fim, ele atribui à alta sensibilidade fonética de alguns aprendizes o fator decisivo na superação da influência dos padrões fonológicos da língua nativa. Concordamos que a sensibilidade fonética seja importante, mas se ela não for aliada a um ensino de pronúncia que leve em consideração o sistema sonoro da L1 do aprendiz, ela não parece não ser suficiente. (SILVA, 2004).

Odlin (1989, p. 115) diz que “the most salient consequences of linguistic differences are production errors which result in pronunciation patterns that diverge from those found in the target language”. Em um estudo contrastivo entre o inglês e o alemão, Moulton (1962, *apud* ODLIN, *op. cit.*) propõe uma taxonomia de erros que são:

- a) fonêmicos: decorrentes das diferenças entre os inventários de sons de L1 e L2;
- b) fonéticos: envolvem casos de equivalência lingüística em nível fonêmico, mas não fonético, ou seja, são diferenças acústicas;
- c) alofônicos: um som ou alofone que é uma manifestação de um fonema em L1 nem sempre é uma manifestação aceita de um fonema correspondente em L2;
- d) distribucionais: erros que envolvem combinações de sons e que mostram que a posição de um som dentro de uma palavra pode afetar a facilidade com que ele será pronunciado por um aprendiz de L2.

Considerando-se essa taxonomia proposta por Moulton, do ponto de vista de falantes do PB aprendizes de L2 inglês, podemos ver que o que ele define como sendo **erros fonêmicos** ocorre quando um som do inglês não existe no português, como é o caso das fricativas dentais [θ] e [ð]. Dessa forma, falantes do PB, além de terem dificuldade de produzir tais sons devido à sua não-ocorrência nesta língua, encontram dificuldades perceptuais de distinguir pares mínimos, como, [sɪn] e [θɪn] ou, ainda, [mɒs] e [mɒθ]. A segunda categoria de erros, os **fonéticos**, pode ser observada no PB em casos em que a equivalência entre L1 e L2 ocorre no nível fonêmico, mas não fonético. Por exemplo, a fricativa velar [x] do PB não ocorre no inglês (fora da Escócia), mas [h] sim. Espera-se, então, que falantes de qualquer uma dessas duas línguas produzam os sons com características diferentes dependendo de sua L1 (KEYS, 2001, p. 177). Com relação aos **erros alofônicos**, podemos vê-los no PB, em casos de sons com diferentes características acústicas, tais como certos encontros consonantais iniciais, como ‘tr-’, que ocorre na palavra *truck*, em que [t^hr] e [tr] são formas fonemicamente semelhantes, mas foneticamente diferentes. Podemos observá-

los também em casos onde [ʃ] é aceito como forma alofônica de [s] na sua forma plural (como no dialeto carioca), o que não ocorre em formas plurais no inglês. Por fim, há os **erros distribucionais**, que são semelhantes aos alofônicos, mas que resultam da posição de um determinado fonema em uma palavra. No PB, por exemplo, eles ocorrem com o som nasal [m] que, estando em posição inicial no inglês, não oferece praticamente problema algum para falantes do PB, já que ocorre nessa mesma posição em L1. Entretanto, ao passar para a posição de final de sílaba, tal som nasal pode oferecer dificuldades, uma vez que, nessa posição no PB, o que ocorre é uma nasalização da vogal devido à influência da consoante nasal, como é o caso do xenismo *boom*, que é praticamente sempre pronunciado em L1 como [bũ] e não como [bu:m].

Os exemplos acima nos mostram que as diferenças dos sistemas sonoros de L1 e L2 podem levar ao que Odlin denomina como erros (de produção). Acreditamos que o termo “erro” seja questionável, pois nem sempre desvios de pronúncia implicam em ininteligibilidade. De qualquer forma, essa discussão vai além da proposta deste estudo, e assim assumiremos que, dentro dele, tais “erros” são os desvios de pronúncia em L2 de estrangeirismos que são empregados no PB com a mesma forma ortográfica.

Os efeitos da transferência lingüística obviamente não se limitam ao nível segmental, como foi observado nos exemplos acima. De semelhante importância é a influência da transferência lingüística no nível suprasegmental (acento, tom, ritmo e entonação) e também na aprendizagem de formas ortográficas. Contudo, devido aos objetivos desta pesquisa, foi dada prioridade à observação da transferência lingüística apenas no nível segmental, uma vez que a análise dos dados foi feita com o enfoque em palavras isoladas.

Com relação à importância da teoria de transferência lingüística para este estudo, estamos de acordo com Odlin (1989, p. 4), que afirma que:

[...] there are a number of reasons for language teachers and linguists to consider more closely the problem of transfer. Teaching may become more effective through a consideration of differences between languages and between cultures. An English-teacher aware of Spanish-based and Korean-based transfer errors, for example, will be able to pinpoint problems of Spanish-speaking and Korean-speaking ESL²³ students better [...]. Also, consideration of the research showing similarities in errors made by learners of different backgrounds will help teachers to see better what may be difficult or easy for anyone learning the language they are teaching.

Dessa forma, podemos perceber a importância de se conhecer as diferenças entre L1 e L2 para o ensino de uma língua estrangeira. Essas diferenças podem ocorrer em diversos níveis, tais como: discurso, semântica, sintaxe, escrita e fonética/fonologia. Com relação a este último nível, um professor com conhecimento das estruturas fonológicas de L1 e L2 poderá com mais facilidade remediar situações em que as diferenças entre os sistemas sonoros das línguas causam problemas ou poderá fazer melhor uso de situações em que o conhecimento de L1 serve como apoio para a aprendizagem de L2.

Embora as teorias de análise contrastiva e de transferência lingüística tenham sua devida relevância no que diz respeito ao conhecimento dos sistemas sonoros de duas línguas quaisquer e, conseqüentemente, há uma possível previsibilidade de dificuldades para falantes de uma determinada língua (como o PB) no aprendizado de uma língua estrangeira (como a língua inglesa), elas têm limitações conforme mencionado. Enfatizamos aqui que talvez uma de suas grandes maiores limitações parece ser sua noção de processo, em que uma determinada situação leva invariavelmente a outra. Em outras palavras, essas teorias assumem que falantes de uma L1, como por exemplo, o português, ao aprenderem uma L2, como a língua inglesa, terão dificuldades (e facilidades) específicas, devido a diferenças previsíveis

²³ O próprio autor, em uma nota, considera que, em sua obra, os termos ESL (English as a second language) e EFL (English as a foreign language) são vistos como semelhantes, já que essa distinção não é tão importante para pesquisadores que estudam influências translingüísticas (*cross-linguistics*).

entre os sistemas sonoros desses idiomas. Essa noção processual parece sugerir, por exemplo, que um som muda em contextos específicos. Dessa forma, pareceria ser simples esperar que falantes que têm o PB como L1 gerenciem de maneira semelhante e previsível o aportuguesamento de anglicismos provenientes do inglês, substituindo os mesmos sons ao aportuguesarem as mesmas palavras. Conforme mencionado anteriormente neste capítulo, a análise contrastiva não leva em consideração as diferenças dialetais de nenhuma das línguas em comparação, o que em si, já é uma enorme limitação. Com isso, não parece ser possível pensar em uma noção processual, ainda mais se tratando de falantes diferentes. Dessa forma, essas teorias parecem não ser suficientes para explicar todos os casos de aportuguesamento de anglicismos. Sendo assim, pensamos ser necessário, também, a utilização de um referencial teórico que não assuma essa noção processual. Trataremos então, a seguir, de modelos multirrepresentacionais de representação fonológica, que assumem mudanças sonoras como graduais e vêem a palavra como o *locus* da categorização.

3.4 Modelos multirrepresentacionais

3.4.1 Modelos tradicionais de representação fonológica

Os estudos das representações fonológicas envolvem uma grande variedade de nomenclaturas para categorizar unidades de análise semelhantes. De acordo com Cristóforo-

Silva; Abreu Gomes (2004), o Modelo Fonêmico as determina como **representações fonêmicas**; o Estruturalismo, como **representações fonológicas**; a Fonologia Gerativa, como **representações subjacentes**; a Fonologia Lexical e Autossegmental, como **representações lexicais**; e a Teoria da Otimalidade as denomina como **representações de input**. Salvo as particularidades de cada modelo, todas as abordagens acima têm em comum a propriedade de expressarem o conhecimento implícito do falante e cada representação como sendo única e categórica.

Cristófar-Silva; Abreu Gomes (*op. cit.*) agrupam os modelos tradicionais entre os que assumem:

- 1) o agrupamento de categorias (Modelos Fonêmico e Estruturalista);
- 2) a noção de processo (Fonologia Gerativa, Lexical e Autossegmental);
- 3) restrições que gerenciam o conhecimento lingüístico (Teoria de Otimalidade).

Além dos problemas específicos de cada um dos modelos acima, podemos apontar problemas inerentes a todas essas abordagens tradicionais, como a divisão entre fonética (vinculada à Gramática e que analisa parâmetros gradientes) e fonologia (vinculada ao desempenho ou dados da fala e que analisa parâmetros discretos). Contudo, todos os problemas inerentes a esses modelos tradicionais estão calcados em algumas premissas básicas do pensamento moderno, tais como aquela que vê o conhecimento lingüístico inato e gerenciado pela Gramática Universal e a que vê que as representações lingüísticas excluem informações redundantes e operam com categorias discretas. Podemos então resumir os problemas dos modelos tradicionais da seguinte maneira:

- 1) as representações (mentais) lingüísticas são simples e o mapeamento do sinal da fala para essas representações é complexo;
- 2) as unidades lingüísticas segmentais são discretas e dissociadas entre si.

É nesse contexto que surgem propostas alternativas às propostas tradicionais, como o **Modelo de Exemplos** (JONHSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) e a **Fonologia de Uso** (BYBEE, 2000, 2001). Dentre as premissas dessas propostas, podemos apontar o conhecimento lingüístico baseado em uso (experiência), gerenciado probabilisticamente e as representações lingüísticas contendo informações redundantes que contribuem no processo de categorização de unidades graduais ou, em outras palavras, representações múltiplas. Além disso, essas teorias consideram que a variação lexicalmente específica é armazenada na memória, constantemente atualizada com a experiência do falante, e que o armazenamento mental é feito através da palavra, o que contrasta com modelos tradicionais que têm o som como unidade de análise.

Dessa forma, apresentaremos, a seguir, o Modelo de Exemplos, suas características e sua relevância para o estudo aqui proposto.

3.4.2 Modelo de Exemplos

Nos modelos tradicionais, as representações mentais derivam do sinal acústico da fala e toda a informação que se refere à variação é desprezada. Segundo Johnson; Mullenix (1997), nestes modelos, as representações mentais são simples (ou seja, há somente uma representação fonológica para cada item lexical) e o mapeamento do sinal da fala para tais representações é complexo. O Modelo de Exemplos possui uma posição exatamente contrária, propondo que as representações mentais são complexas e o mapeamento do sinal é simples. Além disso, para os modelos tradicionais, a variabilidade fonética no sinal da fala é

uma fonte de ruído indesejável, a qual no Modelo de Exemplares é vista como uma fonte informativa para o ouvinte, uma vez que, a partir dela, pode-se obter diversos tipos de informações, tais como, idade, sexo, tipo de dialeto, classe social, etc. Johnson; Mullenix (1997) ainda criticam noções assumidas pelos modelos tradicionais, como a de **dicionário mental**, em que cada item lexical é associado a uma única e exclusiva forma fonética. Tais críticas estão baseadas em pesquisas que demonstram a complexidade do sinal acústico não somente entre falantes, mas também intra-falantes (*talker variability*). Neste ponto, em que há essa grande variabilidade de falantes, e em que um ouvinte possui uma capacidade de reconhecer palavras pronunciadas por esses diferentes falantes, fala-se em **processos de normalização perceptual** (Cf. PISONI, 1997), em que unidades lexicais (*tokens*) fisicamente distintas são convertidas em um formato único e semelhante para serem armazenadas na memória. Dessa forma, o processo de normalização elimina toda informação referente à variabilidade sonora (alofones) e, assim, espera-se que toda produção de um item lexical seja exatamente a mesma. Como se não bastasse o problema da variação individual da fala visto acima, há também o problema da variação contextual, que se origina na proposta de que cada som da fala tem uma descrição única, independentemente do contexto onde ocorra. Esses dois problemas são vistos juntamente como problema de falta de invariância – *lack of invariance problem* (CRISTÓFARO-SILVA, 2003).

Conforme pudemos observar, nos modelos tradicionais, a representação mental é derivada do sinal acústico da fala, e toda informação de variação é desprezada. Diferentemente, o Modelo de Exemplares sugere que um ouvinte não precisa excluir essa variabilidade para construir uma forma abstrata na memória, uma vez que as palavras são armazenadas com o detalhe fonético e que esses itens lexicais podem ser categorizados mais de uma vez. O detalhe fonético é aprendido como parte da palavra, uma vez que ela (e não o som) é o *locus* da categorização. Dessa forma, o Modelo de Exemplares assume que a

memória das propriedades fonéticas é associada a itens lexicais individuais e que os sons são avaliados em contexto (itens lexicais).

No Modelo de Exemplos, cada categoria fonética é organizada na memória de um indivíduo em uma **nuvem de exemplos**. Os exemplos são assim organizados em um mapa cognitivo, e as categorias mais frequentes possuem maior número de exemplos, e as pouco frequentes, um número menor. Uma nuvem de exemplos traz consigo categorias lingüísticas e não-lingüísticas, como podemos observar no modelo abaixo, proposto por Bybee (2001):

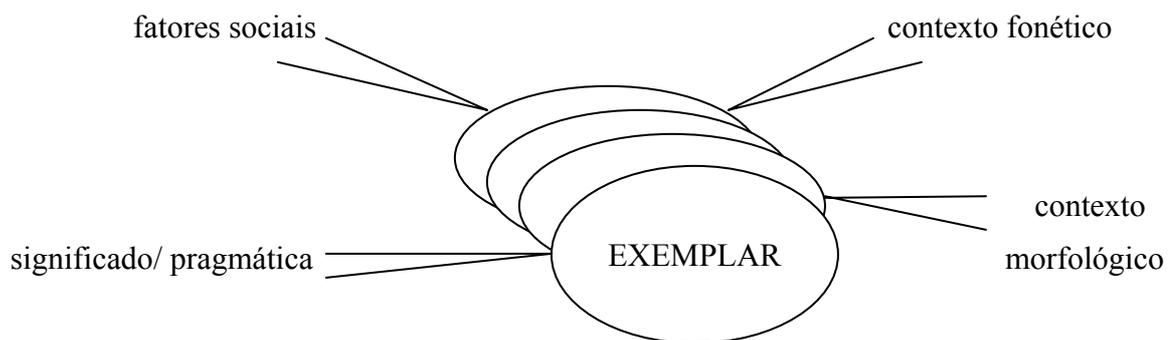


FIGURA 4: Nuvem de exemplos

A categorização de novos itens se dá em relação a itens já existentes, pois, ao ser categorizado, um item tem suas propriedades comparadas às propriedades dos exemplos existentes. Com relação à categorização de um exemplar, Pierrehumbert (2001, p. 3) afirma que:

[...] in an exemplar model, each category is represented in memory by a large cloud of remembered tokens of that category. These memories are organised in a cognitive map, so that memories of highly similar instances are close to each other and memories of dissimilar instances are far apart.

Conforme vimos anteriormente, essa posição nos mostra o fato da categorização de exemplares ser feita com relação a outros já existentes. Segundo Pierrehumbert, um conjunto de exemplares influencia a categorização de um novo exemplar (ou *token*), e a semelhança fonética é avaliada de modo a categorizar um novo *token* dentro de um determinado grupo de exemplar. Sobre isso, essa autora afirma que:

[...] when a new token is encountered, it is classified in exemplar theory according to the exemplars already stored. Perceptual encoding of the new token locates it in the relevant parameter space. Its similarity to any single stored exemplar can be computed as its distance from the exemplar in the parameter space. To classify the new token, the most probable labeling given the labeling of the exemplars in the neighborhood is computed (PIERREHUMBERT, 2001, p. 4).

Conforme mencionado no capítulo anterior, a noção de fossilização parece tornar-se mais clara dentro dessa teoria. Pronúncias muito utilizadas e que são, de alguma maneira, diferentes da sua forma correspondente em L2 tendem a formar nuvens de exemplares mais densas e, quanto mais robustas elas forem, mais difícil será para um falante, aprendiz de L2, se desvincular de tal forma, o que caracteriza a fossilização. Como já foi mencionado anteriormente, para superar esse estágio de fossilização, um falante precisaria, além de um esforço muito grande, ter mais contado (uso) de formas próprias de L2, as quais o levaria à construção de nuvens de exemplares próprias para L2. Essa questão do uso parece estar relacionada com o nível de proficiência do falante, algo que pretendemos verificar com a análise dos resultados desta pesquisa.

Dessa forma, no Modelo de Exemplares, a frequência exerce um papel crucial no mapeamento fonológico, uma vez que será a partir dela que a categorização dos exemplares apresentará nuvens mais ou menos robustas. A próxima seção tratará essa questão em maiores detalhes.

3.4.2.1 O papel da frequência

Segundo Pierrehumbert (2001, p. 4), “if every encountered token of a category is stored as a separate exemplar, then frequent categories will obviously be represented by numerous tokens and infrequent categories will be represented by less numerous tokens”. Sendo assim, nas nuvens de exemplares organizadas em um mapa cognitivo, aquelas categorias com uma frequência maior possuem um maior número de exemplares, pois, neste modelo, a frequência é então um mecanismo de diagnóstico do mapeamento fonológico. Como cada item lexical é armazenado como um exemplar separado, as palavras mais frequentes possuem um maior número de exemplares, ou seja, formam nuvens mais robustas.

Contudo, um questionamento que surge para o modelo de exemplares diz respeito à memória do falante. Para um falante armazenar toda e qualquer experiência (e suas propriedades sonoras), essa memória precisaria ser ilimitada. A resposta desta teoria a tal questionamento assume que a memória decai com o passar do tempo, ou seja, o que escutamos hoje ou ontem está certamente muito mais nítido do que algo ouvido há anos. Além disso, o Modelo de Exemplares aponta que um exemplar único não corresponde a uma única experiência perceptual e sim a uma classe de equivalência de experiências perceptuais. Pierrehumbert (2001) aponta como exemplo o fato de o ouvido humano não conseguir distinguir diferenças mínimas em F0. Dessa forma, as ocorrências (*tokens*) com valores abaixo deste são registradas como se tivessem valores de F0 idênticos. Ainda sobre esse problema da memória do falante, Bybee (2001, p. 51) afirma que experimentos em psicolinguística vêm demonstrando que a capacidade de memória do ser humano é bem maior do que se supunha inicialmente. Além disso, ela aponta que as palavras são organizadas de

uma maneira eficiente (em uma lista não-estruturada) em uma rede de ligações semânticas e fonológicas.

Para Pierrehumbert (2001), a produção e a percepção são fortemente afetadas pelo fator frequência, em que as palavras que levam mais tempo para serem reconhecidas são as pouco frequentes com vizinhos lexicais frequentes, e as palavras mais fáceis de serem reconhecidas são aquelas mais frequentes e com vizinhos lexicais que sejam em pequeno número e pouco frequentes. Dessa forma, a aceitação de uma palavra depende de sua vizinhança lexical e da frequência de suas subpartes.

O quadro abaixo sumariza os principais pontos de diferença entre a proposta tradicional e os modelos multirrepresentacionais (OLIVEIRA, 2003):

QUADRO 1

Comparação entre a proposta tradicional e a visão multirrepresentacional

Proposta tradicional	Modelos multirrepresentacionais
Representação mental minimalista	Representação mental detalhada
Separação entre fonética e fonologia	Inter-relação da fonética e da fonologia
Visão da fonologia como uma gramática formal, com a utilização de variáveis abstratas	Consideração de que a fonologia da língua envolve a distribuição probabilística de variáveis
Efeitos da frequência refletidos na produção em curso e não armazenados na memória de longo termo	Efeitos da frequência armazenados na memória de longo termo
Julgamento fonotático categórico: uma seqüência ou é considerada bem formada ou é impossível de ocorrer na língua	Efeitos gradientes nos julgamentos fonotáticos
Léxico separado da gramática fonológica	Palavra como <i>locus</i> da categorização

A inovação, no que concerne ao trabalho de Pierrehumbert (2001), é que ela sugere uma proposta que incorpora a percepção e a produção da fala e que também é utilizada por um modelo fonológico, o da Fonologia de Uso. Esse modelo é uma proposta de organização sonora do componente lexical e assume representações múltiplas. Sendo o Modelo de Exemplares uma proposta teórica compatível com tal abordagem, ele é adotado na Fonologia de Uso. Os principais pontos da Fonologia de Uso são apresentados a seguir.

lingüístico. Este modelo também permite explicar como a frequência lexical afeta a mudança sonora regular. Segundo Bybee (2001), existem dois tipos de frequência:

1) a frequência de ocorrência (*token frequency*): que se refere à frequência de ocorrência de uma unidade (geralmente uma palavra) em um corpus;

2) frequência de tipo (*type frequency*): corresponde à frequência de um padrão específico (como um sufixo *-ness* ou uma unidade sonora, como *tʃ*) no léxico ou dicionário.

Para Bybee (*op. cit.*), a frequência de ocorrência possui dois efeitos tanto na morfologia quanto na fonologia. Um deles é que uma mudança foneticamente motivada se desenvolve mais rapidamente em itens lexicais de alta frequência de ocorrência, pois esse tipo de mudança resulta de processos fonéticos aplicados em tempo real ao uso das palavras. Para isso, ela assume o modelo de *Articulatory Phonology*, de Browman; Goldstein (1992). Conseqüentemente, as palavras mais usadas serão aquelas com mais chances de serem modificadas. O segundo efeito da frequência de ocorrência diz respeito a casos de mudanças por generalização fonológica, em que, não havendo motivação fonética, as palavras de alta frequência de ocorrência, que possuem uma representação mais sólida na memória (já que são mais usadas), serão mais resistentes a mudanças.

A frequência de tipo, por sua vez, tem efeitos diretos na determinação de produtividade, que é a probabilidade que um determinado padrão estrutural possui para ser aplicado a novas formas. Dessa forma, quanto mais freqüente for um padrão, mais chances ele terá de ser aplicado a novos itens no léxico. Seja foneticamente motivada ou não, a mudança é implementada no léxico gradualmente, palavra por palavra.

Neste trabalho, foi considerada a frequência de ocorrência dos estrangeirismos selecionados em um corpus do PB com o objetivo de verificar se ela é um fator relevante na

análise dos dados. A seção seguinte apresentará algumas considerações sobre a Fonologia de Uso aliada ao Modelo de Exemplares.

3.4.4 A Fonologia de Uso aliada ao Modelo de Exemplares

Para Pierrehumbert (2000), falantes possuem conhecimento fonético detalhado de itens lexicais e fazem uso desse conhecimento. Este conhecimento implícito da estrutura sonora de uma língua é, segundo esta autora,

[...] reflected in the speaker's ability to understand novel utterances in real time, to produce novel phrases with native allophonic details, to evaluate the well-formedness of neologisms, to assimilate loan words to native sound patterns and to extend vocabulary through new morphological collocations (PIERREHUMBERT, 2000, p. 2).

O Modelo de Exemplares considera que um falante possui, além do conhecimento fonético detalhado visto acima, um conhecimento probabilístico da língua, o qual inclui a frequência de ocorrência e de tipo. Dessa forma, o Modelo de Exemplares pode acomodar, de uma boa maneira, a proposta da Fonologia de Uso, já que este modelo permite que os resultados relacionados à frequência sejam sujeitos à constante atualização com o uso. Ou seja, como cada ocorrência de um item lexical é registrada na memória, toda vez que essa palavra for registrada com qualquer variação, essa memória será atualizada.

3.5 Conclusão

Neste capítulo, foi inicialmente traçado um panorama das teorias de aquisição de habilidades fonológicas em L2. Em seguida, foram mostrados os pressupostos teóricos da Transferência Lingüística, a qual tem suas origens ligadas à análise contrastiva. Além disso, foram apresentados dois modelos multirrepresentacionais, o Modelo de Exemplares e a Fonologia de Uso.

Os dados obtidos, neste trabalho, serão tratados com base nas idéias da Transferência Lingüística, baseando-se nas diferenças dos sistemas sonoros do português brasileiro e da língua inglesa, e buscando-se verificar se esta teoria poderá explicar os resultados obtidos. O Modelo de Exemplares e a Fonologia de Uso servirão para uma análise dos dados de um ponto de vista não processual que incluirá o papel da frequência de uso dos itens lexicais (neste caso, os xenismos) em questão.

O capítulo seguinte apresentará a metodologia de pesquisa adotada e as considerações metodológicas envolvidas.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

4.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo descrever os procedimentos de seleção, montagem e coleta dos dados utilizados nesta pesquisa. Foram utilizados dois corpora: um obtido a partir do trabalho de Terra; de Nicola; Menón (2003)²⁴ sobre estrangeirismos de uso corrente no português brasileiro, o qual foi posteriormente denominado “dados preliminares”; e um outro corpus do português brasileiro escrito, a partir do qual foram obtidas informações sobre a frequência de ocorrência dos estrangeirismos selecionados nos dados preliminares. Tais corpora serão descritos detalhadamente a seguir, assim como todos os procedimentos metodológicos envolvidos na escolha dos participantes, na preparação dos instrumentos de coleta de dados e na coleta em si.

Além disso, esse capítulo apresenta informações sobre as transcrições dos dados e suas análises acústica e quantitativa. No final, uma conclusão apresentará um resumo dos principais pontos discutidos neste capítulo.

²⁴Terra; de Nicola; Menón (2003) serão doravante referidos como Terra *et al.* (2003).

4.2 Considerações teórico-metodológicas

Sobre a escolha de paradigmas e metodologias para uma pesquisa, Larsen-Freeman; Long (1991, p. 14) afirmam que:

[...] what is important for researchers is not the choice *a priori* paradigms or even methodologies, but rather to be clear on what the purpose of the study is and to match that purpose with the attributes most likely to accomplish it. Put another way, the methodological design should be determined by the research question.

Dessa forma, tendo-se em mente a(s) pergunta(s) de pesquisa deste trabalho, procedeu-se a um estudo primário²⁵ de natureza quantitativa²⁶ e estatística, e uma abordagem trans-seccional²⁷.

Utilizou-se, como instrumento de coleta de dados, a leitura em voz alta, procedimento utilizado em outras pesquisas para investigar pronúncia em segunda língua (BEEBE, 1980; FLEGE, 1980, *apud* LARSEN-FREEMAN; LONG, 1991; SILVA, 2003). As gravações em áudio fornecidas pelos informantes foram feitas através de um *software* de gravação de voz, o *Sound Forge*, versão 6.0. A análise dos dados foi feita de forma quantitativa e, com os resultados obtidos, procedeu-se a uma análise interpretativa das transcrições fonéticas dos dados, buscando-se categorizar tais dados de acordo com as

²⁵ Segundo Brown; Rodgers (2002), uma **pesquisa primária** inclui qualquer pesquisa baseada em dados primários (originais), tais como, notas de testes de alunos, observações em sala de aula, respostas a questionários, etc. Esse termo se opõe a uma **pesquisa secundária**, a qual é baseada em fontes secundárias, tais como, artigos e livros de outros pesquisadores.

²⁶ Um estudo de natureza **quantitativa** (ou estatística) é aquele baseado, predominantemente, em dados numéricos e, de uma certa maneira, se opõe a um estudo de **natureza qualitativa**, que é baseado em dados não-numéricos.

²⁷ Uma abordagem deste tipo é definida por Larsen-Freeman; Long (1991, p. 11) como um estudo da performance lingüística de um grupo de participantes, no qual os dados são coletados de uma só vez.

variáveis da pesquisa. Uma análise acústica (explicada posteriormente) foi utilizada como apoio à análise interpretativa.

4.3 Seleção inicial dos dados

Uma vez determinado o objeto de estudo, os xenismos oriundos da língua inglesa no português brasileiro, foi feita uma delimitação de um corpus dessas palavras para ser analisado. Como ponto de partida, foi utilizado o trabalho de Terra *et al.* (2003). Nesse trabalho, os autores apresentam um grupo de 1001 estrangeirismos de uso corrente no cotidiano do português brasileiro, provenientes de diversos idiomas. Os estrangeirismos são apresentados alfabeticamente juntamente com sua etimologia, pronúncia²⁸, gênero, e significado literal, seguido de contextualização em revistas e/ ou páginas da *internet* e, ainda, com as possíveis mudanças de significado quando tais palavras são empregadas em contextos diferentes.

O motivo pelo qual o trabalho de Terra *et al.* foi utilizado decorre da dificuldade de se encontrar um corpus de xenismos de uso corrente no português brasileiro²⁹. Como essa é exatamente a proposta de trabalho desses autores, aliado ao fato de ser uma obra de fácil

²⁸ A referência à pronúncia não é feita com o alfabeto fonético e sim com o comum, o que os autores justificam como sendo uma maneira de se tornar esse tipo de informação acessível ao público em geral. Como exemplo, a pronúncia de *blush* é apresentada como [blâsh] e não [blʌʃ].

²⁹ A intenção inicial era a de se utilizar um corpus de estrangeirismos de algum dicionário brasileiro da língua portuguesa. Apesar de termos obtido acesso a esses dados junto a uma editora brasileira, esta não pôde fornecer nenhum outro dado adicional como, por exemplo, a frequência de ocorrência dos empréstimos para verificarmos quais eram os mais comuns. Como a frequência foi um critério de escolha relevante para esta pesquisa, esse corpus não pôde ser utilizado.

acesso, optou-se pela montagem de um corpus de xenismos a partir de tal obra. Contudo, é importante mencionar que o trabalho de Terra *et al.* não se trata de uma obra técnica, algo que os próprios autores enfatizam. Segundo eles, a proposta desta obra é:

[...] atender ao leitor comum que se depara com inúmeros estrangeirismos, seja durante a leitura dos jornais e revistas, seja em reuniões de trabalho, passando por anúncios publicitários, rótulos, placas, cardápios, letras de música, conversas informais, enfim, pelos mais variados contextos de nosso cotidiano (TERRA *et al.*, 2003, Introdução).

Portanto, o que a princípio nos pareceu ser uma limitação, acabou tornando-se praticamente uma imposição, uma vez que deparamo-nos com a dificuldade de se encontrarem xenismos de uso corrente no português atual, o que era um fator relevante em um experimento de caráter sincrônico como este. Buscaram-se, então, dentro dos dados de Terra *et al.*, os xenismos originários do inglês, os quais representaram quase 60% de todos os estrangeirismos listados na obra (587 de 1001), fato que corrobora a notável presença de anglicismos no PB. As próximas seções exploram a delimitação destes xenismos e a escolha dos que foram utilizados neste trabalho.

4.4 Delimitação dos dados preliminares

Com o objetivo de delimitar o corpus a ser analisado, foram verificadas quais das 587 palavras eram dicionarizadas. Para isso, foi utilizado o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 1.0, de dezembro de 2001. A razão pela qual se utilizou tal fonte

foi o fato de este ser o mais recente dicionário eletrônico disponível na época do estudo³⁰. Além da dicionarização, os dados foram avaliados também no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. O VOLP, conforme mencionado no capítulo anterior, é uma obra preparada pela Academia Brasileira de Letras e tem o caráter oficial de listar o léxico do PB. Sua edição mais recente é a de 1999 e conta com 356 mil verbetes. A versão *online* do VOLP está disponível gratuitamente para consulta no *site* da Academia Brasileira de Letras³¹.

Desta maneira, os dados pré-selecionados em Terra *et al.* e que já haviam sido selecionados pela dicionarização foram submetidos também ao crivo do VOLP, primeiramente, pelo fato de este ser a palavra oficial sobre o léxico do PB e, em segundo lugar, pela necessidade de selecionar, com maior especificidade, os dados do experimento. É importante mencionar, mais uma vez, que todos os dados selecionados possuem a ortografia original de L2 mantida, uma vez que são xenismos. Em casos de empréstimos (como, *layout*) que também possuem uma forma aportuguesada (como, “leiaute”), optou-se pela a ortografia original, pois o uso de sua forma ortográfica de L1 a descaracterizaria como um xenismo.

Recapitulando, os dados previamente selecionados de Terra *et al.* foram verificados e, deles, foram selecionados apenas aqueles que tinham a **mesma** forma dicionarizada e incorporada ao VOLP. Entretanto, em alguns casos, encontraram-se formas dicionarizadas e formas presentes no VOLP que não eram exatamente as mesmas encontradas nos dados de Terra *et al.*, mas formas derivadas das lá encontradas, conforme pode ser visto no quadro a seguir. Optou-se, então, pela **não** seleção destas palavras, pois elas primeiramente não se encaixaram em todos três critérios de seleção e, também, porque as formas derivadas, encontradas no dicionário e no VOLP, nem sempre tinham o mesmo valor semântico das formas encontradas no corpus de Terra *et al.*

³⁰ O outro dicionário eletrônico disponível na época, o Aurélio Século XXI, versão 3.0, é de novembro de 1999.

³¹ Disponível em: <<http://www.academia.org.br/ortogra.htm>>. Acesso em: 25 maio 2004.

QUADRO 2

Estrangeirismos excluídos dos dados preliminares

Forma presente na seleção preliminar (Terra <i>et al.</i>)	Forma dicionarizada e registrada no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
<i>copy</i>	<i>copyright, copydesk</i>
<i>dance music</i>	<i>dancing</i>
<i>delivery</i>	<i>delivery order</i>
<i>down</i>	<i>downtime</i>
<i>drive-thru</i>	<i>drive-in, drive</i>
<i>green card</i>	<i>green</i>
<i>hip-hop</i>	<i>hip</i>
<i>play</i>	<i>playboy, playback, playground</i>
<i>video</i>	<i>videogame</i>

Um outro procedimento metodológico adotado foi o de se desconsiderar as siglas listadas em Terra *et al.*, as quais foram: *ABS, CD, CPU, DNA, NBA, PBX, PC, PDF, PVC, RPG, VCD, OK e WC*. Uma das definições de siglas (e que se aplica ao grupo supracitado) é “a letra inicial de uma palavra ou conjunto de letras iniciais de diversas palavras” (HOUAISS, 2001). Sendo assim, por serem siglas, a leitura desses estrangeirismos ocorre com a leitura das letras que os compõem e não da palavra como um todo. Dessa maneira, foi decidido que as siglas, por serem enunciadas letra a letra e não como uma palavra única, não entrariam nos dados finais. O mesmo não ocorreu com empréstimos, tais como, *AIDS, DOS e PAL*, pois esses estrangeirismos não são, por definição, siglas, e sim acrônimos, que são “palavras formadas pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução, ou pela maioria destas partes” (HOUAISS, 2001). Dessa maneira, elas são tipicamente³² lidas como palavras e não como letras, daí a razão pela qual elas não foram excluídas.

³² *DOS* pode também ser pronunciado como uma sigla, D-O-S. A propósito, em inglês, ela é assim pronunciada.

4.5 Delimitação final dos dados

Uma vez seguidos todos os procedimentos citados acima, o número de empréstimos selecionados foi reduzido de 587 para 211, os quais formam determinados **dados preliminares**. A partir deles, foi utilizado como critério de seleção final dos estrangeirismos a frequência de ocorrência destes no PB. Entende-se por frequência, aqui, o número de ocorrências de um item lingüístico em um texto ou corpus (RICHARDS *et al.*, 1993, p. 147).

Essa seleção foi feita utilizando-se um corpus lingüístico do português brasileiro escrito, o qual nos forneceu a frequência de ocorrência de cada palavra dentro de um corpus de cerca de 230 milhões de palavras³³. A opção em adotar o critério de frequência de ocorrência foi devido à necessidade de uma delimitação ainda maior dos dados e também ao objetivo de se verificar se a frequência de ocorrência dos estrangeirismos na língua portuguesa era uma variável significativa ou não neste experimento.

4.5.1 Corpus lingüístico

Sanchez (1995, p. 8-9) define um corpus lingüístico como:

[...] um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

³³ O trabalho de Terra *et al.* não traz nenhuma informação sobre frequência de ocorrência dos empréstimos nele apresentados.

Berber-Sardinha (2000), ao fazer uma revisão das definições de corpus na literatura, assume a definição de Sanchez como a mais completa, uma vez que ela incorpora, segundo ele, vários pontos importantes, tais como: a origem dos dados (que devem ser autênticos), o propósito do corpus (ser objeto de estudo lingüístico), sua composição (o corpus deve ser criteriosamente escolhido), sua formatação (os dados do corpus devem ser legíveis por computador), sua representatividade (de uma língua ou variedade) e, por fim, sua extensão (vasto o suficiente para ser representativo).

A utilização de corpora lingüísticos tem sido um ponto de grande controvérsia entre lingüistas e lingüistas aplicados, principalmente no que diz respeito à utilização (direta ou indireta) de tais corpora lingüísticos para fins pedagógicos. Este trabalho não pretende entrar no mérito dessa discussão. Seidlhofer (2003) apresenta várias dessas controvérsias.

4.5.2 O Corpus LAEL

Um corpus lingüístico do PB que preenche todos os pré-requisitos listados acima é o corpus Banco de Português, que foi criado e é mantido no âmbito do projeto DIRECT, e faz parte dos bancos de dados do CEPRIL³⁴, oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)³⁵. Vinculado à Pontifícia

³⁴ CEPRIL é o Centro de Pesquisa, Recurso e Informação nas áreas de Lingüística Aplicada e Línguas Instrumentais.

³⁵ Está disponível em <<http://lael.pucsp.br/corpora/>>, uma amostra do corpus com cerca de 1,1 milhão de palavras. Acesso em: 25 maio 2004.

Universidade Católica de São Paulo, este é um corpus de textos escritos, na sua maioria, jornalísticos e quase inteiramente de origem brasileira, de 230 milhões de palavras (*tokens*³⁶) em maio de 2004³⁷. Ele serviu de parâmetro para a delimitação final dos dados com relação à montagem do experimento, o qual foi feito com base na frequência desses dados. A partir deste corpus, foram buscados quais xenismos eram de alta e de baixa frequência de ocorrência no PB. Maiores detalhes sobre este corpus encontram-se no ANEXO A, no final desta dissertação.

É importante apontar as limitações de se utilizar um corpus escrito do português brasileiro em um trabalho como este, que objetiva investigar a produção oral dos informantes. O ideal seria a utilização de um corpus do português brasileiro falado ou de um dicionário do PB falado com frequência de uso, mas este tipo de publicação ainda é inexistente no Brasil. Dessa forma, mais uma vez, deparamo-nos com um problema que veio a ser praticamente uma imposição.

Todos os procedimentos mencionados até o momento nos forneceram dados finais que: são de **uso corrente no PB** (proposta do trabalho de Terra *et al.*), possuem **formas dicionarizadas** (conferidas no dicionário eletrônico Houaiss) e **aceitas pela Academia Brasileira de Letras** (registradas no VOLP) e que são de **alta e baixa frequência no PB** (verificadas no corpus LAEL). Tais critérios tiveram por objetivo garantir uma maior validade

³⁶ De acordo com Richards *et al.* (1993, p. 390-391), em lingüística, uma distinção é algumas vezes feita entre classes de itens lingüísticos e reais ocorrências na escrita ou fala de exemplos de tais classes. A classe de unidades lingüísticas é denominada tipo (**type**) e exemplos ou membros individuais da classe são denominados **tokens**. Como exemplos, eles apontam que *hello*, *hi* e *good morning* são três *tokens* diferentes do tipo (*type*) “greeting”. Uma unidade sonora, como um [tʃ] ou um [dʒ], também pode ser considerada um tipo.

³⁷ Agradeço ao LAEL, pela gentil concessão do corpus enviado ao projeto ASPA, que me permitiu a sua utilização.

interna³⁸ dos dados para a montagem do experimento. Uma vez verificada a ocorrência de cada um destes estrangeirismos dentro do corpus LAEL, foi feita a organização deles em forma decrescente de frequência, conforme pode ser observado no ANEXO B.

Algumas considerações devem ser feitas em relação à procura dessas palavras dentro do corpus LAEL. As palavras compostas que possuem hífen, tais como, *e-mail*, *fair-play*, *close-up*, *up-to-date*, *best-seller*, *make-up*, *by-pass*, *bye-bye*, *check-up*, *water-polo*, *cross-country* e *know-how*, não possuem hífen nas suas respectivas entradas neste corpus³⁹.

Os empréstimos pré-selecionados que não tiveram registro dentro do corpus LAEL foram desconsiderados. Esses foram os casos de: *dry-farming*, *downtime*, *drive-in*, *flip-flop*, *full-time*, *new-look*, *self-service*, *sex-appeal*, *walkie-talkie*, *walk-over* e *blue-jeans*. Por fim, o termo *shopping center* somente foi encontrado no corpus LAEL como *shopping* (não existe ocorrência de *shopping center* no corpus). Como, no PB, utilizamos a palavra *shopping* como sendo semanticamente semelhante a *shopping center* (que utilizamos também), foi decidido manter o termo *shopping*.

Para a escolha das palavras de alto índice de ocorrência, foram selecionadas as 15 mais frequentes dentro do corpus. Esse grupo incluiu palavras cujo número de ocorrências foi de 46.628 (mais frequente) até 5.555 (15ª). Já para as palavras de baixa ocorrência, foram escolhidos também 15 vocábulos cujo número de entradas foi inferior a 1.000, uma vez que a frequência muito baixa (no caso, muito inferiores a 1000) é de palavras muito pouco conhecidas.

³⁸ Brown; Rodgers (2002, p. 241) definem validade interna como: “the degree to which the results can be accurately interpreted”, e validade externa como: “the degree to which the results can be generalized”.

³⁹ Todas essas palavras aparecem com hífen na listagem de Terra *et al.*, no VOLP e no dicionário Houaiss, salvo as seguintes exceções neste último que são: *fair-play*, que aparece como *fair play*, *water-polo* como *water polo* e *check-up* como *checkup*.

4.5.3 Organização final dos dados

Com os dados pré-selecionados passados pelo crivo da frequência de ocorrência no corpus LAEL, foi feita então uma recategorização de tais dados, levando-se em consideração: a frequência deles dentro do corpus lingüístico (alta ou baixa ocorrência); quais destes vocábulos são monossilábicos e os que são polissilábicos⁴⁰; e, por fim, quais possuem acento diferente no português e no inglês⁴¹.

QUADRO 3

Categorização final dos dados selecionados

	Acento	> frequência	N	< frequência	N
Monossilábicos	-	<i>show, site, AIDS, rock, bar, jazz, pop, set, black</i>	9	<i>stop, short, pub, grill</i>	4
Polissilábicos	Acento igual em L1 e L2	<i>shopping, marketing, impeachment, performance, design</i>	5	<i>bacon, gospel, blazer, magazine, dumping, hardware, western, hippie, thriller,</i>	9
	Acento diferente em L1 e L2	<i>internet</i>	1	<i>cocktail, merchandising</i>	2
TOTAL			15		15

Dentre os estrangeirismos selecionados, alguns, tais como, *bar* e *performance* parecem ser mais vernáculos do que outros, tais como, *hardware* ou *dumping*. Uma possível

⁴⁰ Essa categorização foi feita em relação a critérios fonéticos.

⁴¹ Esse procedimento foi adotado mesmo tendo o estudo piloto nos mostrado uma predisposição do PB para a incorporação de vocábulos que possuem acento semelhante.

explicação para isso pode estar na data (período) de entrada destas palavras no PB, o que faz com que empréstimos mais antigos (e, conseqüentemente, com mais tempo de uso) soem mais vernáculos que outros. Como a data de entrada de palavras estrangeiras em uma língua é algo praticamente impossível de se delimitar, a questão de quais empréstimos aparentam ser mais ou menos estrangeiros não foi abordada.

Concluindo, foi selecionado para esta pesquisa um grupo de 30 palavras, todas xenismos (anglicismos sem mudança ortográfica), de uso corrente no PB, dicionarizadas e registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sendo que 15 delas são de alta frequência de ocorrência no PB e 15 são de baixa frequência de ocorrência. Falaremos, em seguida, sobre os participantes da pesquisa.

4.6 Os participantes

De acordo com Ladefoged (2004), a escolha de participantes para coleta de sons de uma língua deve ser guiada pelos seguintes princípios:

- 1) os participantes devem ser falantes nativos da língua a ser analisada;
- 2) é importante procurar participantes que sejam rápidos e dispostos a ajudar;
- 3) é necessário utilizar mais de um participante para fazer qualquer descrição fonética;
- 4) é importante proteger a identidade dos participantes;

Com a escolha dos participantes dessa pesquisa orientada pelos critérios acima, os participantes foram escolhidos em número de oito, com idades entre 16 e 30 anos e distribuídos em dois grupos, denominados grupos 1 e 2. Os participantes do grupo 1 foram em número de quatro, escolhidos aleatoriamente, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. Além disso, um casal foi de nível iniciante, e o outro casal, de nível avançado. Esses participantes são todos os alunos de língua inglesa de um centro de idiomas privado da região centro-sul de Belo Horizonte. Os participantes do grupo 1 de nível iniciante foram um estudante universitário de 21 anos e um técnico em química de 30, ambos colegas de sala do 3º período do curso básico de língua inglesa. Quanto aos participantes de nível avançado, eles foram uma advogada de 27 anos e um estudante universitário de 19, ambos colegas de classe em um curso preparatório para obtenção de um certificado de proficiência em língua inglesa.

Assim como os participantes do primeiro grupo, os participantes do grupo 2 foram em número de quatro, escolhidos aleatoriamente, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, e sendo que um casal foi de nível iniciante, e o outro casal, de nível avançado. Todos são alunos de uma escola pública de ensino fundamental e médio, localizada na região Sul de Belo Horizonte e cuja proposta pedagógica é ter a língua inglesa como parte do currículo. Os participantes de nível iniciante são estudantes de 16 anos, e os de nível avançado, de 17 e outro, de 19 anos. Um outro critério de seleção para esses participantes do grupo 2 foi optar por alunos que nunca freqüentaram um curso de idiomas além das aulas de língua estrangeira oferecidas pelo colégio, uma vez que a instituição de ensino foi uma outra variável desta pesquisa.

A escolha e divisão dos participantes dos grupos 1 e 2 por níveis de proficiência foi feita com a intenção de se verificar se alunos de nível iniciante, os quais aqui assumimos como ainda não fluentes em L2, gerenciariam a pronúncia dos estrangeirismos diferentemente ou não dos alunos de nível avançado, os quais aqui assumimos como fluentes em L2. No

entanto, houve dificuldade para selecionar participantes do grupo 2 que fossem fluentes em L2, mas isso já era esperado dentro da realidade do ensino de língua estrangeira no contexto escolar público brasileiro. A solução foi optar por alunos do 3º ano do ensino médio, mas cientes de que, se essa escolha não nos garantisse que eles fossem fluentes na língua alvo, eles estariam no mais alto nível de proficiência que a instituição poderia oferecer-lhes. Já os alunos do grupo 2, de nível iniciante, foram alunos da 8ª série, uma vez que alunos de séries mais baixas seriam de uma faixa etária muito baixa, o que não foi desejável para esta pesquisa. A distribuição dos participantes se resume conforme o quadro abaixo:

QUADRO 4

Distribuição dos participantes

PARTICIPANTES		
	GRUPO 1	GRUPO 2
NÍVEL DE PROFICIÊNCIA	curso livre de língua inglesa	escola pública de ensino médio
INICIANTE	1 (sexo masc.)	1 (sexo masc.)
	1 (sexo fem.)	1 (sexo fem.)
AVANÇADO	1 (sexo masc.)	1 (sexo masc.)
	1 (sexo fem.)	1 (sexo fem.)

Foram aplicados consentimentos de participação para os participantes de todos os grupos, assim como para os diretores das escolas que participaram desta pesquisa e para os pais dos alunos menores de 18 anos (ANEXO C).

4.6.1 Idade e classe social

Na seleção de participantes, a escolha por participantes com idade superior a 16 anos se deu pela complexidade da questão do fator idade na aquisição de habilidades fonológicas (Cf. LARSEN-FREEMAN; LONG, 1991, capítulo 6; CELCE-MURCIA; BRINTON; GOODWIN, 2000, capítulo 2). A opção por participantes com essa idade mínima foi uma tentativa de não se incluir mais uma variável na pesquisa. De acordo com Celce-Murcia; Brinton; Goodwin (2000, p. 16):

[...] it is undoubtedly the case that adults will acquire the phonological system of a second language in a manner different from that of their first language, given that the acquisition of the new sounds in the second language must be integrated into already existing neural networks .

Esse, então, foi o perfil do participante optado nesta pesquisa, ou seja, um participante falante do PB, aprendiz de inglês como segunda língua e com idade superior a 16 anos. A intenção foi que a idade dos participantes não fosse muito baixa para ser mais um fator influente nos dados, uma vez que, como podemos observar no comentário acima, o aluno adulto obrigatoriamente gerencia os novos sons de L2 de acordo com seu conhecimento dos sons de sua L1, e era essa a situação desejada para esta pesquisa.

A classe social não foi um fator utilizado para agrupar os participantes. De acordo com Cristófar-Silva (2002), a segmentação por classe social, tradicionalmente utilizada em trabalhos de sociolinguística, não parece ser apropriada. Para Gumperz; Tannen (1979, p. 306), “the correlation of linguistic variation with social variables has begun from the assumption that social groups are identifiable and known. This, however, is an issue much in

dispute in the social sciences.” Dessa forma, definir diferentes grupos sociais seria uma grande dificuldade e, mesmo assim, essa definição poderia ser imprecisa. Por essa razão, não foi utilizado a variável classe social.

4.6.2 Origem dos participantes

Para garantir uma maior validade dos dados obtidos, além da idade, nível de proficiência e instituição de origem, o último critério de seleção foi exigir que os participantes fossem naturais de Belo Horizonte, para se evitar uma possível interferência dialetal e garantir resultados generalizáveis para falantes do PB dessa cidade. Para isso, foi utilizado, como instrumento, um questionário em que os participantes nos forneceram sua naturalidade além do tempo de exposição à L2 (ANEXO D). Esse questionário serviu, ainda, para verificar que nenhum dos oito participantes esteve no exterior para aprender ou praticar o idioma. A seguir, serão feitas breves considerações sobre a cidade natal dos participantes.

4.6.2.1 A cidade de Belo Horizonte

A cidade de Belo Horizonte está localizada no estado de Minas Gerais, onde é capital e se encontra na região sudeste do Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística (IBGE⁴²), Belo Horizonte possui uma extensão territorial de 331 km² e uma população estimada, para 2004, de 2.350.564 habitantes.

De acordo com a prefeitura municipal⁴³, o município de Belo Horizonte possui 546 bairros, os quais são distribuídos em 9 regionais (Barreiro, Centro-Sul, Leste, Nordeste, Noroeste, Norte, Oeste, Pampulha e Venda Nova). A região metropolitana de Belo Horizonte possui 33 cidades. Encontra-se em anexo um mapa da região metropolitana deste município (ANEXO E).

Belo Horizonte, por não ser uma cidade tipicamente turística e, conseqüentemente, por receber poucos estrangeiros, oferece, assim, poucas oportunidades extra-classe para que os alunos de inglês como língua estrangeira se comuniquem com outros falantes que não sejam brasileiros. Além disso, não é comum, em Belo Horizonte, a presença de estudantes intercambistas estrangeiros nas escolas, sejam públicas, particulares ou cursos livres de língua inglesa.

4.7 Instrumento de coleta de dados

O instrumento de coleta de dados foi baseado em gravações digitais em áudio, as quais foram feitas com os seguintes materiais: um computador portátil, um microfone condensador e um programa específico para gravação e edição de sons, o Sound Forge, versão 6.0.

⁴² Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 jun. 2004.

⁴³ Disponível em: <<http://www.pbh.gov.com>>. Acesso em: 15 jun. 2004.

Segundo Ladefoged (2004), um bom sistema de gravação deve oferecer boa frequência de resposta, boa proporção entre sinal e ruído, confiabilidade e fácil manuseio, além da possibilidade de se utilizar as gravações por um longo período. A opção por gravações digitais feitas diretamente em um computador portátil se deveu ao fato de tais gravações oferecerem frequência de resposta quase perfeita, baixo ruído comparado às gravações com fitas k-7, além de extrema facilidade de manuseio dos dados (como encontrar determinadas palavras e repeti-las várias vezes) e, também, a confiabilidade em se fazer cópias de segurança em CD's, as quais poderão ser utilizadas por vários anos. Para isso, os dados foram gravados digitalmente em formato WAV⁴⁴, 16-bit e 22.000 Hz. De acordo com Ladefoged (*op. cit.*, p. 26), não há necessidade de se usar frequências superiores a essa.

4.7.1 A contextualização dos xenismos

Com os dados selecionados e categorizados, estes foram contextualizados em excertos de notícias (em L1 e L2) para a leitura dos participantes, recurso que Freitas (1984) também utilizou em sua coleta de dados. A contextualização de palavras oferece vantagens sobre a leitura de uma simples lista de palavras. Segundo Ladefoged (2004, p. 7),

[...] whenever anyone says a list of words, there is a tendency to produce them with the special intonation pattern used for lists. If you ask a speaker of English to say a list of words such as *heed, hid, head, had*, the last word will almost invariably be produced with a lower pitch and a longer vowel than it would have if it had been earlier in the sequence.

⁴⁴ WAV é um formato de som desenvolvido pela Microsoft, usada extensivamente pelo sistema operacional Windows.

Portanto, foram retirados, de revistas e jornais, excertos que continham os itens lexicais selecionados, tanto em L1 quanto em L2, pois se optou pela não tradução dos excertos. Com o objetivo de contextualizar as palavras em notícias recentes, foram selecionados excertos com data posterior a 2000.

Um estudo piloto feito nos critérios listados acima nos mostrou a necessidade de se encontrar contextos em que os xenismos se encontrassem em posição final de frase para se evitar a junção do xenismo com a palavra seguinte. Essa decisão foi tomada apesar da consciência de que, nessa posição, há uma tendência à queda no tom de voz, além de outras conseqüências, tais como, o acento frasal e o alongamento final.

Foram utilizados excertos de várias revistas e periódicos *online*, uma vez que são mais acessíveis, facilitam a busca por palavras-chave em contextos específicos e também são mais fáceis de serem editados nos casos em que houve dificuldade de ser encontrar anglicismos em posição final de frase. A lista das fontes dos excertos, bem como uma amostra deles encontram-se no ANEXO E. Foram selecionados excertos que possuem o mesmo valor semântico tanto em L1 quanto L2. Entretanto, houve exceções. O xenismo *short*, por exemplo, foi utilizado para L1, mas, para L2, foi utilizado *shorts*, já que não possui forma singular em L2. Contudo, a equivalência semântica foi mantida. Por fim, o termo *shopping* para L2 teve que ser trocado por *shopping mall*, uma vez que apenas o termo *shopping* para L2 apresentaria um outro valor semântico, conforme já discutido neste capítulo.

São apresentados, em seguida, alguns exemplos da contextualização dos xenismo:

(a)

SOCIEDADE Enviar matéria Assine já

01/09/2004

"Big Brother 5" abre inscrições na internet

Quem quiser participar do "Big Brother 5" pode se preparar porque as inscrições já começaram. Até o dia 30 deste mês, estarão abertas na internet as inscrições para o programa. A mecânica continua a mesma: basta imprimir o formulário, preencher o questionário e enviá-lo com um vídeo de apresentação. As inscrições por cupons de revista também continuam. Elas devem estar nas bancas a partir de outubro.

(b)



FIGURA 6: Exemplos de contextualização dos xenismos em excertos, em (a) L1 e (b) L2

Os anglicismos contextualizados foram lidos pelos participantes dos grupos 1 e 2. Primeiramente foi feita a leitura de todas as manchetes em L1 e, em seguida, em L2. Entretanto, os participantes só ficaram sabendo que iriam fazer a leitura das manchetes em língua inglesa após o término das leituras em português. Esse procedimento foi adotado com o intuito de se obter leituras mais espontâneas em português.

4.7.2 Instrumento extra de coleta de dados

Procedeu-se também à leitura dos xenismos em um formato de *frame*, conforme sugerido por Ladefoged (2004, p. 7), quem postula que “it’s often a good idea to record within a carrier sentence”, pois essa técnica tende a garantir uma pronúncia mais clara do item ou contraste a ser analisado. Foram utilizados como *frame*: “Diga ___ novamente” e “Say ___ again” (ANEXO H). A leitura desses *frames* serviu apenas para consultas em (alguns poucos) casos, em que a leitura dos excertos não foi clara o suficiente para a análise a transcrição.

4.8 Coleta dos dados

A coleta dos dados dos participantes dos grupos 1 e 2 foi realizada nas próprias escolas onde eles estudam. Com relação ao ambiente de gravação, foram escolhidas salas que pudessem ter suas portas e janelas totalmente fechadas. Além disso, foram escolhidos horários posteriores às aulas, não somente porque os alunos estariam disponíveis, mas também para evitar barulhos externos.

Para otimizar o tempo de coleta dos dados, não foi necessária a leitura de todas as notícias na íntegra, mas apenas a leitura das manchetes. Entretanto, antes das gravações, foi pedido que todos os participantes lessem todas as notícias por inteiro. Pelo fato de os participantes saberem com antecedência o que precisariam ler, não foi necessária a presença do pesquisador durante a leitura dos excertos, o que pode ser um ponto positivo segundo Larrsen-Freeman; Long (1991, p. 26), que afirmam que “while it might be desirable to study only subjects’ spontaneous production [...] the mere presence of the observer is likely to cause the subjects to pay more attention to their speech and thus result in unspontaneous performance”. Como o material coletado poderia ser editado posteriormente, os participantes foram instruídos a repetirem as leituras que eles não achassem satisfatórias.

4.9 Pronúncias de referência

Para servir de referência para posterior comparação com as pronúncias dos participantes, foram selecionadas pronúncias de referência dos xenismos. Para L1, foram utilizados Araújo; Grundy (2003) e Knight (2004)⁴⁵, os quais foram os dois dicionários bilíngües português-inglês mais recentes encontrados e que traziam as transcrições das entradas em português também. Nos casos em que mais de uma pronúncia possível foi encontrada, ambas estão incluídas. Entretanto, encontramos em algumas pronúncias sugeridas pelos autores acima características não comuns no sistema sonoro do PB, como por exemplo, vogais nasais seguidas de consoantes nasais. Esse foi, por exemplo, o caso de *dumping* ['dãpĩŋ] e *shopping* ['ʃõpĩŋ]. Para esses casos, utilizou-se como referência a transcrição apenas com a vogal nasal, como em ['dãpĩ] e ['ʃõpĩ]). Utilizou-se também, para L1, Cristófaros-Silva (1999), com o objetivo de deduzir as transcrições não presentes em **nenhum** dos dois trabalhos acima, conforme as características dialetais do PB de Belo Horizonte.

Para L2, utilizou-se como referência Jones (1997). Nos casos em que mais de uma pronúncia de referência é apresentada, a primeira se refere à variação britânica e a segunda, à variação americana, conforme apresentadas por este mesmo autor. A tabela completa de pronúncias de referência encontra-se no ANEXO I, no final desta dissertação. Não se esperou dos participantes nenhuma pronúncia específica, como a britânica ou a americana.

⁴⁵ As transcrições apresentadas por Knight (2004), as quais tomam o dialeto carioca como referência, foram adaptadas para as características dialetais de Belo Horizonte de acordo com Cristófaros-Silva (1999). Além disso, elas foram transcritas de acordo com os símbolos do IPA.

4.10 Análise dos dados das gravações

Uma vez feitas as gravações, a análise destas foi de cunho quantitativo e qualitativo interpretativista. Para isso, foram feitas transcrições fonéticas e tabulação dos dados. As tabelas com todas as transcrições dos dados encontram-se no ANEXO P, no final desta dissertação e são apresentadas conforme o exemplo a seguir:

QUADRO 5
Apresentação das transcrições dos dados obtidos

	Referência L1	Referência L2
	[ĩteɦ'netʃɪ]	['ɪntənet] ['ɪntənet]
Participante	Resultados	
	L1	L2
1INIF	[ĩteɦ'netʃ]	[ĩteɦ'netʃɪ]
1INIM	[ĩteɦ'netʃ]	['ĩtenet]
2INIF	[ĩteɦ'netʃ]	[ĩteɦ'netʃ]
2INIM	[ĩteɦ'netʃ]	['ĩteɦnetʃ]
1AVF	[ĩteɦ'netʃ]	['ĩtənet]
1AVM	[ĩteɦ'netʃ]	['ĩtənet]
2AVF	[ĩteɦ'netʃɪ]	[ĩteɦ'netʃɪ]
2AVM	[ĩteɦ'netʃ]	['ĩteɦnetʃ]

Os códigos de identificação dos participantes utilizados nas tabelas de transcrição dos dados são explicados a seguir:

QUADRO 6
Códigos de identificação dos participantes

Participante	código de identificação	idade
grupo 1, nível iniciante, sexo feminino	1INIF	30
grupo 1, nível iniciante, sexo masculino	1INIM	21
grupo 2, nível iniciante, sexo feminino	2INIF	16
grupo 2, nível iniciante, sexo masculino	2INIM	16
grupo 1, nível avançado, sexo feminino	1AVF	27
grupo 1, nível avançado, sexo feminino	1AVM	19
grupo 2, nível avançado, sexo feminino	2AVF	17
grupo 2, nível avançado, sexo masculino	2AVM	19

As transcrições foram feitas em termos perceptivos (análise auditiva) e, naqueles casos em que a percepção foi dúbia, foi feita a análise acústica do sinal, utilizando-se o programa PRAAT⁴⁶. Este programa decompõe a onda sonora complexa das vogais em formantes (frequências primárias) que correspondem às ressonâncias do trato vocal, ao grau de levantamento ou abaixamento do corpo da língua (F1) e ao grau de posteriorização ou anteriorização da desta (F2). Segundo Kent; Read (1992, p. 92), “a vowel’s formant pattern can be used to identify a vowel and even to establish relationships between acoustic and perceptual parameters”. Por esta razão, foi utilizada a análise acústica para caracterizá-las.

Na ausência de trabalhos que ofereçam uma caracterização acústica das vogais para o dialeto do PB de Belo Horizonte, tais valores foram obtidos a partir de amostras das vogais tônicas, em outras palavras, a partir dos excertos lidos pelos participantes⁴⁷. Dessa forma, foi possível obter valores próprios para cada participante. Para os valores de vogais pré-tônicas, utilizaram-se os valores de Moraes; Callou; Leite (1996)⁴⁸. Já para os valores de F1 e F2 para L2, utilizou-se Kent; Read (1992).

As gravações foram editadas de modo que cada xenismo fosse isolado de sua frase original e ficasse, em seqüência, a leitura de todos os oito participantes, seguindo a ordem estabelecida no quadro 6. A figura, a seguir, nos mostra um exemplo desta edição e da ordem na qual os dados foram organizados para a sua análise e transcrição. As quatro primeiras leituras se referem aos participantes de nível iniciante, e as quatro últimas, aos participantes de nível avançado:

⁴⁶ O foco da análise acústica foi a qualidade vocálica.

⁴⁷ A obtenção destes valores foi feita a partir dos 20 ms centrais de cada vogal, evitando-se assim, pegar a vogal inteira e suas co-articulações.

⁴⁸ Não se utilizou os próprios dados das leituras dos participantes, porque não havia contextos adequados para a obtenção desses valores pré-tônicos. Por isso foi dada a opção pelos valores do trabalho de Moraes; Callou; Leite (1996), embora o dialeto de Belo Horizonte não faça parte de tal trabalho. Neste caso, a referência foi o dialeto do Rio de Janeiro. Além disso, como os informantes de Moraes, Callou e Leite foram todos do sexo masculino, foi acrescido 10% para a obtenção de valores para informantes do sexo feminino.

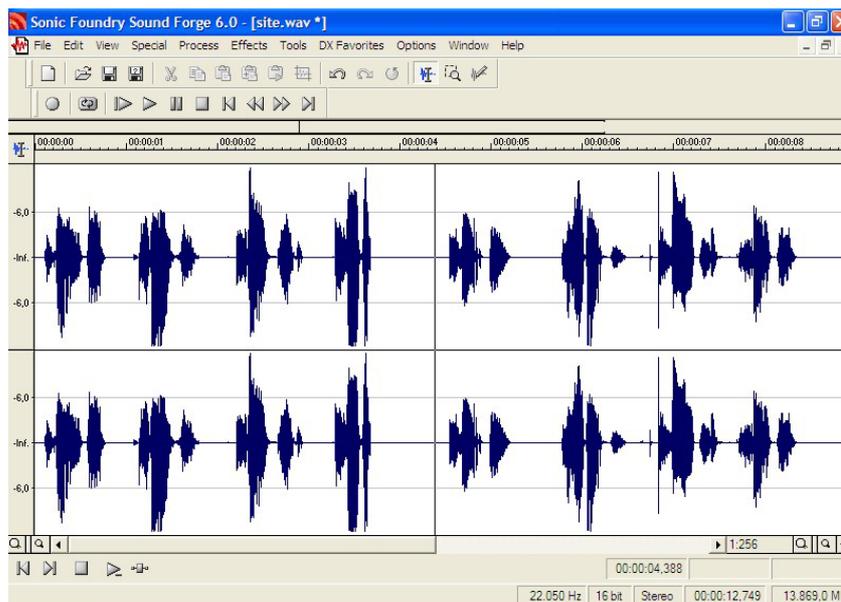


FIGURA 7: Edição da palavra *site* com a leitura de tal palavra pelos participantes

4.11 Análise quantitativa

Uma vez transcritos os resultados, procedeu-se a uma análise estatística deles, utilizando-se o *software* “*Minitab for Windows* versão 13”. O Minitab é um *software* estatístico destinado à análise estatística em vários ramos do conhecimento, tais como, a biologia e a indústria. Este *software* é em formato de planilha, assim como vários outros utilizados para análise estatística, e se assemelha muito ao Excel, mas oferece uma gama maior de funções estatísticas embutidas. Nele, estão armazenadas também as funções matemáticas para manipulação de dados. Além disso, o Minitab possui uma tela complementar, na qual são mostrados todos os resultados das funções estatísticas utilizadas. Para maiores informações sobre este programa, Cf. <<http://www.miniatabrasil.com.br>> .

A análise estatística serviu para apontar a presença ou ausência de tendências nos dados obtidos, levando-se em consideração as variáveis da pesquisa que são: nível de

proficiência, instituição de ensino e gênero do participante, além da frequência de ocorrência da palavra em um corpus lingüístico.

Muito embora o número de dados obtidos seja pequeno (240), espera-se obter resultados relevantes para esta pesquisa.

4.12 Definindo pronúncias próximas ou distantes de L2

Conforme será apresentado a seguir, no capítulo de resultados, foi necessário determinar se os estrangeirismos lidos pelos participantes em língua inglesa eram mais próximos de L1 ou de L2. Em outras palavras, foi necessário estabelecer critérios para apontar quais das palavras tinham pronúncias (em L2) ainda mais próximas ao português e quais já tinham pronúncias mais próximas do inglês, sugerindo uma possível habilidade dos falantes em tratar L1 e L2 como sistemas sonoros independentes.

Para tal distinção, foram levantadas as estratégias de adaptação de que os falantes se utilizam ao aporuguesar uma palavra (como nasalização, epêntese vocálica, palatalização, vocalização de [l], dentre outros). As tabelas com essas estratégias encontram-se no ANEXO Q, no final desta dissertação. Após esse levantamento das estratégias para aporuguesamento dos xenismos, foram observadas quais das estratégias eram “reaproveitadas” para L2. Dessa forma, foi decidido como pronúncias próximas de L1 aquelas pronúncias (em L2) do estrangeirismo que apresentou (quase todas as) estratégias para o seu aporuguesamento e sua enunciação em português. Por outro lado, as pronúncias que menos apresentaram tais estratégias foram determinadas próximas de L2.

Por exemplo, a palavra *show*, pronunciada como [ˈʃou], foi considerada como próxima a L2, uma vez que se difere da forma de L2, basicamente, em relação à qualidade vocálica. Por outro lado, uma palavra como *impeachment*, pronunciada como [ĩˈpitʃimã], foi considerada como próxima de L1, já que apresentou estratégias, como, nasalização, omissão de consoante nasal e epêntese vocálica, as quais são normalmente utilizadas quando essa palavra é enunciada em L1.

4.13 Conclusão

Neste capítulo, foram explicitados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Primeiramente, foram apresentados os procedimentos de seleção dos dados (xenismos) – uso corrente, forma dicionarizada, registro no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e frequência de ocorrência no português brasileiro. Em seguida, foi mostrado como esses empréstimos foram organizados e contextualizados em excertos em L1 e L2, para posterior gravação da leitura de tais empréstimos pelos participantes. Gravações em formato de *frame* também foram feitas.

Foram apresentadas informações sobre os participantes, instrumentos de coleta dos dados, pronúncias de referência e análises acústica e quantitativa dos dados obtidos. Por fim, foram apresentados os critérios para se determinar quais pronúncias das leituras, em língua inglesa, foram próximas de L1 e quais foram próximas de L2. No próximo capítulo, será feita a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Introdução

Neste capítulo, faz-se uma análise dos dados obtidos dos oito informantes, os quais fizeram a leitura dos itens lexicais (xenismos) descritos no capítulo de metodologia. Serão analisados dois *corpora* de 30 palavras cada, sendo que um deles refere-se à leitura dos xenismos em português, e o outro, à leitura das mesmas palavras em língua inglesa.

Este capítulo é organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, avaliaremos o número de pronúncias iguais ou diferentes (provenientes das leituras em L1 e L2) para os neologismos e exploraremos aspectos relacionados ao nível de proficiência do participante, instituição de ensino, gênero do informante e frequência de ocorrência dos neologismos no português brasileiro. Em seguida, avaliaremos, separadamente, os casos em que os neologismos tiveram pronúncia igual em português e em inglês e verificaremos se estas, sendo iguais, são mais próximas de L1 ou de L2. Finalmente, avaliaremos, da mesma maneira, os casos em que as pronúncias dos neologismos foram diferentes em L1 e L2. A proposta é compreendermos melhor se o aprendiz de inglês como L2 tem maior ou menor grau de dificuldade em integrar os neologismos do português ao aprender inglês como língua estrangeira.

5.2 Resultados gerais

Primeiramente, foi feita uma categorização dos dados, estabelecendo-se os códigos “0” e “1”, respectivamente, para casos em que as enunciações das palavras em L1 e L2 foram diferentes ou iguais. Tal categorização é relevante, pois pronúncias idênticas dos estrangeirismos em português e em inglês, mesmo que não sejam necessariamente “corretas” (em relação a L2), indicam uma relação direta entre L1 e L2. Em outras palavras, a incidência de pronúncias idênticas sugere que aquele(s) falante(s) ainda trata(m) L1 e L2 como sistemas sonoros dependentes, ou seja, ele(s) possui(m) representações mentais equivalentes. As tabelas com os resultados da categorização entre pronúncias iguais ou diferentes encontram-se nos anexos 17 e 18 no final deste trabalho.

De um total de 240 dados (120 leituras para palavras de alta frequência e 120 para palavras de baixa frequência), observamos a ocorrência de um maior número de pronúncias diferentes (56,25%) em L1 e L2, conforme podemos verificar nas ilustrações abaixo:

TABELA 1: Classificação geral dos dados

	N	%
Pronúncias diferentes (0)	135	56,25
Pronúncias iguais (1)	105	43,75
Total	240	100,0

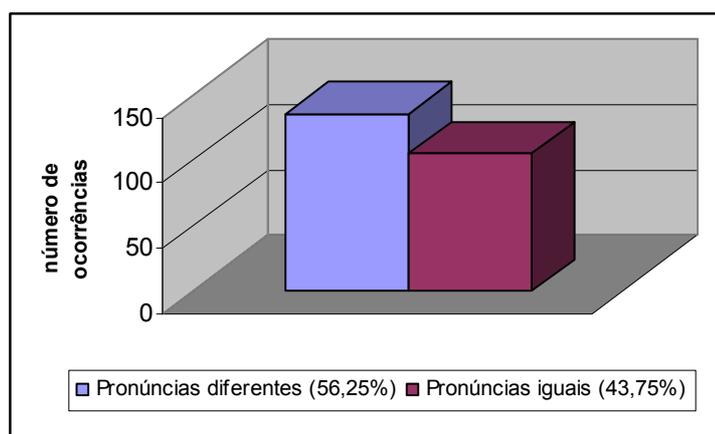


FIGURA 8: Distribuição geral dos dados entre pronúncias iguais e diferentes em L1 e L2

O resultado apresentado acima indica que um percentual maior dos falantes tende a fazer uma separação entre L1 e L2. Contudo, como veremos posteriormente, a tendência geral é que, mesmo nos casos em que temos pronúncias diferentes, haja uma proximidade maior com a pronúncia do neologismo em português (e não em inglês). O aspecto positivo deste resultado é que os falantes parecem se esforçar para separar as duas línguas em alguma dimensão. Por outro lado, a porcentagem de pronúncias similares (43,75%) nos mostra a existência de situações em que os falantes parecem não caracterizar L1 e L2 separadamente.

Para os resultados gerais, foram observados os seguintes parâmetros: nível de proficiência, instituição de ensino, gênero do informante e frequência do neologismo no português. Iniciando com o nível de proficiência dos alunos, os resultados indicam que os estudantes avançados são aqueles que mais apresentam pronúncias diferentes (62%) em L1 e L2.

TABELA 2: Distribuição geral dos dados em relação ao nível de proficiência

	Nível de proficiência				Total
	avanzado		iniciante		
	N	%	N	%	
Pronúncias diferentes (0)	75	62%	60	50%	135
Pronúncias iguais (1)	45	38%	60	50%	105
Total	120		120		240

$$\chi^2 = 3,810; P = 0,051$$

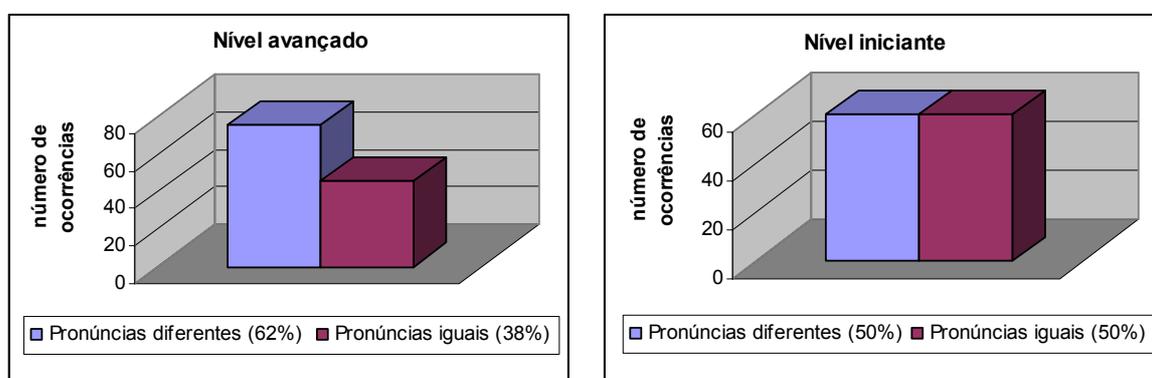


FIGURA 9: Distribuição geral dos dados em relação ao nível de proficiência dos participantes

Este resultado indica que os falantes com um nível de proficiência mais avançado tendem a apresentar pronúncias distintas para os neologismos em L1 e L2, embora isso ainda não implique que eles estejam tratando os sistemas sonoros de L1 e de L2 de forma independente. Contudo, os estudantes iniciantes apresentaram um resultado homogêneo em relação às pronúncias iguais ou diferentes em L1 e L2, resultado o qual parece não diferir consideravelmente dos casos dos estudantes avançados. Veremos que o que distinguirá os casos de estudantes avançados e iniciantes será o fato de que as pronúncias **diferentes** dos falantes avançados são mais próximas do inglês. Já no caso dos estudantes iniciantes, as pronúncias diferentes são mais próximas do português. Estes resultados serão discutidos em maiores detalhes, nas próximas páginas.

Em relação à instituição de ensino dos participantes, os resultados gerais indicam que não há muita diferença percentual entre os estudantes do curso de idiomas e os da escola pública.

TABELA 3: Distribuição geral dos dados em relação à instituição de ensino

	Instituição de ensino				
	curso livre		escola pública		Total
	N	%	N	%	
Pronúncias diferentes (0)	70	58%	65	54%	135
Pronúncias iguais (1)	50	42%	55	46%	105
Total	120		120		240

$$\chi^2 = 0,423; P = 0,515$$

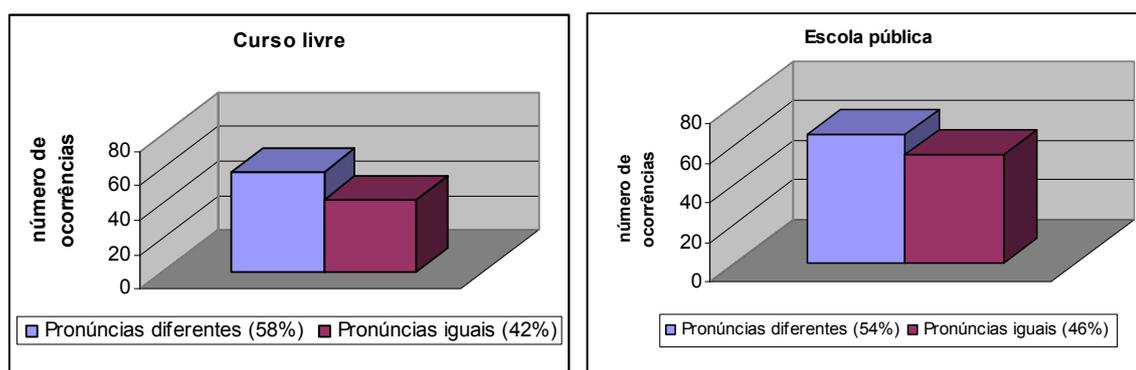


FIGURA 10: Distribuição geral dos dados em relação à instituição de ensino dos participantes

Apesar disso, podemos observar que os valores estatísticos não nos permitem generalizar neste aspecto, uma vez que temos o chi quadrado baixo ($\chi^2 = 0,423$) e o nível de significância alto ($P = 0,515$)⁴⁹. O papel desempenhado pela escola será retomado posteriormente, pois ele

⁴⁹ O *chi quadrado*, normalmente escrito como χ^2 , é um valor que permite verificar igualdade (semelhança) entre categorias discretas e mutuamente exclusivas. Ele nos informa em que medida os valores observados se desviam do valor esperado. Quanto maior o *chi quadrado*, mais significativa é a relação entre as variáveis analisadas. Sendo assim, valores de *chi quadrado* muito baixos nos indicam valores estatísticos que não nos permitem generalizações. Em estatística, um resultado é considerado significativo se for improvável que tenha ocorrido por acaso. O nível de significância estatística (P) indica a probabilidade de cometer um erro tipo-I, que é um erro em que se rejeita uma hipótese nula quando esta é verdadeira. Em outras palavras, esse nível é uma medida estimada do grau em que o resultado obtido é “verdadeiro”, ou seja, representativo. Quanto menor o índice de significância, mais seguros e generalizáveis são os resultados analisados.

ficará mais evidente quando tratarmos dos casos de pronúncias iguais ou diferentes separadamente.

Em relação ao gênero do informante, os resultados são apresentados na tabela e nos gráficos abaixo:

TABELA 4: Distribuição geral dos dados em relação ao gênero dos participantes

	Mulheres		Homens		Total
	N	%	N	%	
Pronúncias diferentes (0)	60	50%	75	62%	135
Pronúncias iguais (1)	60	50%	45	38%	105
Total	120		120		240

$$\chi^2 = 3,810 \quad P = 0,051$$

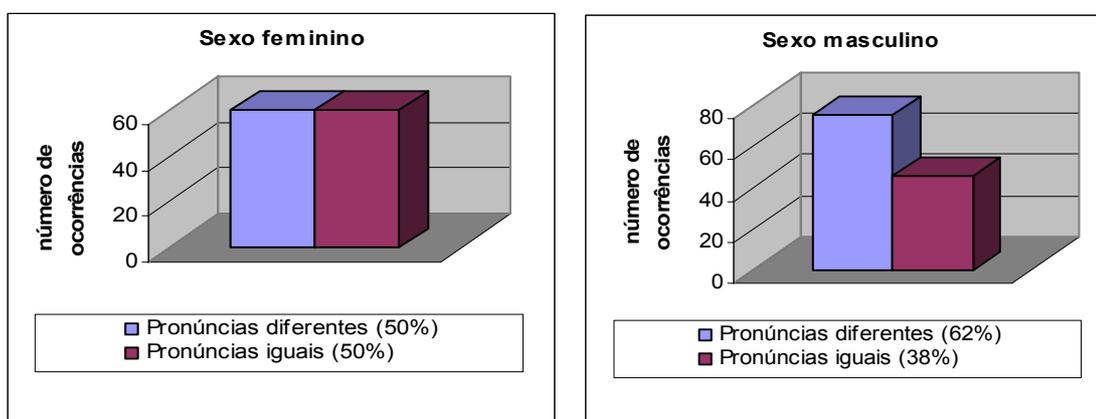


FIGURA 11: Distribuição geral dos dados em relação ao gênero dos participantes

Observamos que os homens apresentam um maior número de pronúncias diferentes em L1 e L2, nos neologismos (62%). Por outro lado, as mulheres apresentaram índices idênticos para os casos de pronúncias iguais ou diferentes.

Em relação à frequência de ocorrência do neologismo no português, os resultados foram os seguintes:

TABELA 5: Distribuição geral dos dados em relação à frequência de ocorrência da palavra

	Frequência de ocorrência da palavra				Total
	mais freqüente		menos freqüente		
	N	%	N	%	
Pronúncias diferentes (0)	60	50%	75	62%	135
Pronúncias iguais (1)	60	50%	45	38%	105
Total	120		120		240

$$\chi^2 = 3,810; P = 0,051$$

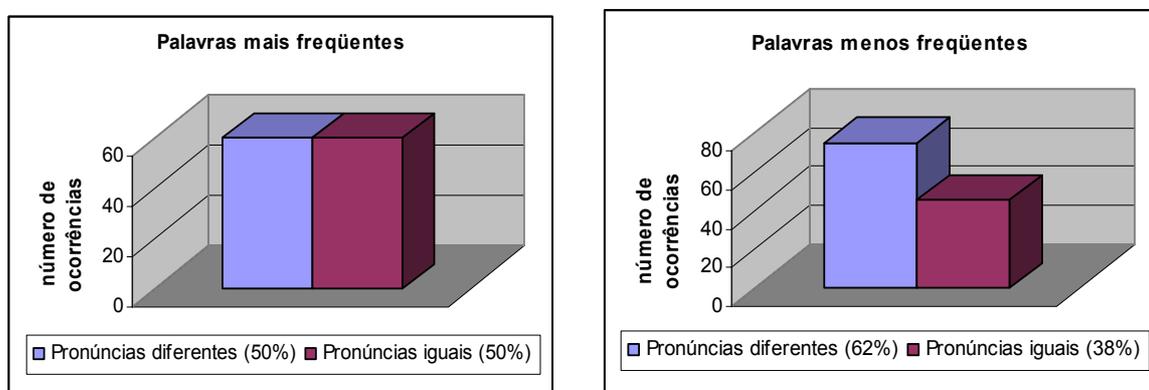


FIGURA 12: Distribuição geral dos dados em relação à frequência de ocorrência da palavra

Observando esses resultados, podemos perceber que as palavras menos freqüentes apresentaram um maior índice de pronúncias diferentes (62%). Poderíamos sugerir que a falta de familiaridade com o item lexical – por ele ser menos freqüente e, portanto, por o falante estar menos exposto a ele – faz com que a sua pronúncia seja mais próxima da pronúncia do português, o que se aplicaria tanto para enunciações em L1 quanto para L2. Avaliaremos esta possibilidade mais à frente.

Podemos verificar também que, para os casos em que a pronúncia de um estrangeirismo foi idêntica no português e no inglês, a maioria dos casos foi de palavras freqüentes (50%). A teoria de modelos multirrepresentacionais nos sugere explicações para o fato de palavras mais freqüentes estarem mais suscetíveis a pronúncias semelhantes em L1 e

L2 do que palavras pouco freqüentes. Dentro desta teoria, conforme já vimos anteriormente, a palavra é o *locus* da categorização e o detalhe fonético é aprendido como parte dela. Por serem palavras mais freqüentes, elas conseqüentemente possuem nuvens de exemplares mais robustas e que são mais resistentes à mudança. Dessa forma, por se tratarem de palavras muito usadas no PB, o falante parece ter dificuldades de se desvincular dessa forma utilizada na sua língua materna e acaba fazendo uso de uma forma equivalente para L2. Isso nos sugere que estrangeirismos que são aprendidos em L1, aportuguesados e utilizados com sua forma adaptada, fazem com que os exemplares desta pronúncia se fortaleçam pelo uso e, quando for necessária a utilização desta mesma palavra em L2 (lembrando que são ortograficamente idênticas), esta nuvem robusta servirá de referência para o processamento em L2, já que o uso freqüente em L1 faz com que seja mais resistente uma mudança em direção à L2. Um exemplo claro dessa dificuldade de mudança que obtivemos nos resultados foi o da palavra *show*, de alta freqüência de ocorrência no PB, o que faz com que o exemplar de [[OU], robusto devido ao uso de tal forma em L1, seja perpetuado em L2, como foi observado para todos os participantes. As palavras menos freqüentes, por sua vez, possuem nuvens de exemplares menos densas e com isso, parecem demonstrar que são menos suscetíveis a influenciarem uma enunciação em L2.

Verificamos, primeiramente, com essa análise geral dos dados, que a maioria dos dados (56,25%) foi de casos em que a pronúncia dos estrangeirismos em L1 e L2 foi diferente. Sob o ponto de vista do nível de proficiência, pudemos verificar que alunos mais proficientes tendem a separar mais L1 e L2. A instituição de ensino não se mostrou um fator relevante, e o gênero sugere que homens façam mais essa separação do que mulheres. Por fim, o fator freqüência nos mostrou que palavras de baixa freqüência foram as que tiveram maior ocorrência de pronúncias diferentes. As palavras mais freqüentes, por outro lado, foram

as que mais tiveram pronúncias idênticas. A seguir, trataremos, separadamente, os casos de pronúncias semelhantes nas leituras dos xenismos em português e em inglês.

5.3 Resultados para pronúncias iguais em L1 e L2

Nos dados gerais discutidos anteriormente, obtivemos um total de 43,75% de casos de pronúncias iguais em L1 e L2, o que pode indicar que os falantes tratam L1 e L2 como sonoramente equivalentes. Entretanto, os resultados indicam que, quando ocorreram pronúncias iguais em L1 e L2, estas foram muito mais próximas do português do que do inglês, com um índice um pouco maior para os iniciantes (90%) do que para os estudantes avançados (78%)⁵⁰. Estes resultados são apresentados abaixo:

TABELA 6: Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes

Pronúncia em L2	Nível de proficiência				Total
	avanzado		iniciante		
	N	%	N	%	
mais próxima do português	35	78%	54	90%	89
mais próxima do inglês	10	22%	06	10%	16
Total	45		60		105

$$\chi^2 = 2,947 \quad P = 0,085$$

Os alunos de nível de proficiência mais avançado, apesar do baixo índice (22%), tendem a ter mais pronúncias iguais próximas de L2 do que os alunos iniciantes.

⁵⁰ Os critérios para apontar quais neologismos enunciados em L2 foram próximos ou distantes da língua alvo foram apresentados no capítulo 4 (metodologia).

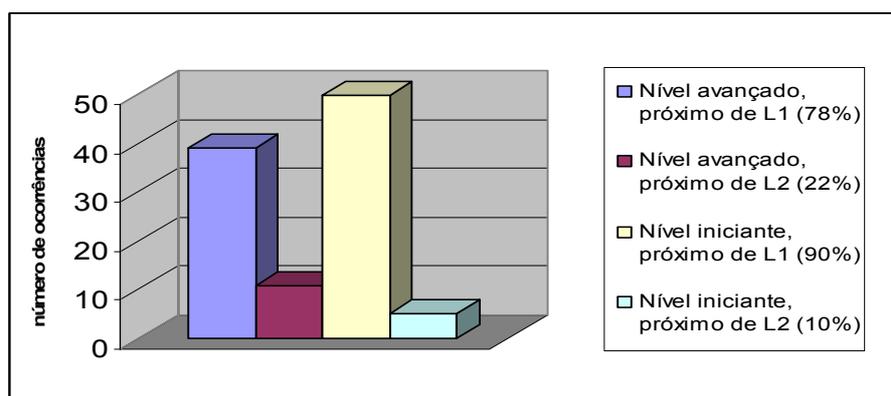


FIGURA 13: Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência

Com relação à instituição de ensino dos participantes, pudemos observar índices percentuais altos nos casos em que as pronúncias foram iguais em L1 e L2, tanto no curso livre de idiomas (78%) quanto na escola pública (91%). Conseqüentemente, quando as pronúncias foram iguais em L1 e L2, os alunos do curso de idiomas apresentaram maior índice de pronúncias próximas ao inglês (22%) do que os alunos de escola pública (9%). Os resultados são apresentados a seguir:

TABELA 7: Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes

Pronúncias iguais	Instituição de ensino				Total
	curso de idiomas		escola pública		
	N	%	N	%	
mais próximas do português	39	78%	50	91%	89
mais próximas do inglês	11	22%	05	9%	16
Total	50		55		105

$$\chi^2 = 2,947 \quad P = 0,066$$

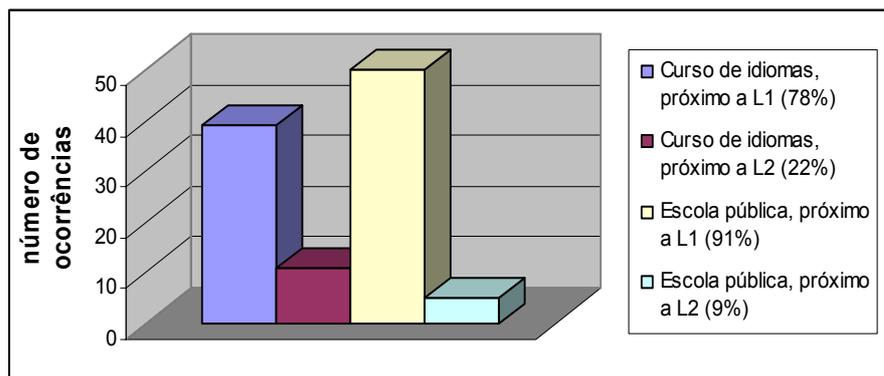


FIGURA 14: Pronúncias iguais em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes

Os resultados em relação ao gênero dos participantes apresentaram índices estatísticos que não nos permitem oferecer generalizações ($X^2=0,393$ e $P=0,531$) e índices percentuais muito próximos. Para os casos de pronúncias mais próximas ao português, os índices foram de 82% para os homens e de 87% para as mulheres.

A frequência de ocorrência do item lexical não se mostrou relevante estatisticamente para os empréstimos, apresentando índices que não nos permitem oferecer generalizações ($X^2=0,221$ e $P=0,635$) e os índices percentuais foram muito próximos. Por exemplo, as palavras mais frequentes apresentaram 83% de pronúncias mais próximas ao português enquanto que as palavras menos frequentes apresentaram 87% de pronúncias próximas ao português.

Conforme pudemos observar nos casos de equivalência lingüística entre L1 e L2, há uma tendência maior de a pronúncia dos neologismos estar mais próxima do português do que do inglês. Apesar dos baixos índices percentuais, a proficiência em L2 nos mostra que os alunos de nível avançado têm mais pronúncias próximas de L2 do que os alunos iniciantes. O mesmo aconteceu com os alunos do curso de idiomas em relação aos alunos da escola pública.

Passaremos, agora, para os casos em que as pronúncias dos estrangeirismos lidos pelos participantes foram diferentes em L1 e L2.

5.4 Resultados para pronúncias diferentes em L1 e L2

Conforme visto no início deste capítulo, o índice geral de pronúncias diferentes para L1 e L2 foi de 56,25%. A princípio, isso parece nos sugerir que os falantes estejam tratando os dois sistemas sonoros como independentes, uma vez que as pronúncias em L1 e L2 foram distintas. Entretanto, o fato de serem distintas não implica que a pronúncia em L2 seja necessariamente próxima de L2. Desta forma, assim como nos casos de pronúncias iguais, os casos de pronúncias diferentes foram estudados separadamente, conforme a análise que apresentaremos a seguir.

Em relação ao nível de proficiência do informante, podemos afirmar que os estudantes de nível iniciante apresentaram um maior número de pronúncias próximas ao português (87%), enquanto que os estudantes avançados apresentaram um maior número de pronúncias próximas ao inglês (59%), tratando assim L1 e L2 como sistemas sonoros distintos. Esses dados nos permitem apontar uma tendência de falantes mais proficientes não só distinguirem os sistemas sonoros de L1 e L2, como aproximarem de L2 quando se enunciam em inglês. Esses dados são apresentados na tabela a seguir:

TABELA 8: Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes

Pronúncias diferentes	Nível de proficiência				Total
	avanzado		iniciante		
	N	%	N	%	
mais próximas do português	31	41%	52	87%	83
mais próximas do inglês	44	59%	08	13%	52
Total	75		60		135

$$\chi^2 = 28,927 \quad P = 0,000$$

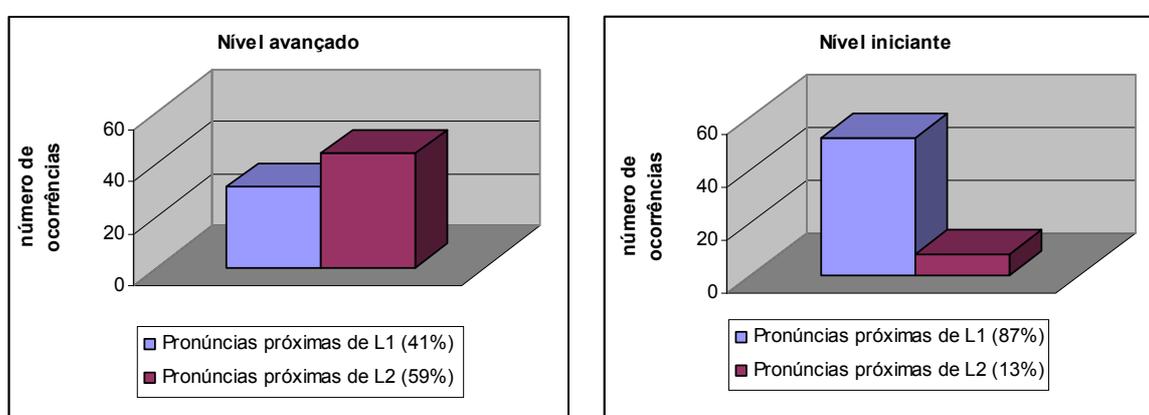


FIGURA 15 : Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação ao nível de proficiência dos participantes

Os resultados anteriores indicam que nos casos em que as pronúncias foram diferentes, o nível de aprendizado do participante foi relevante. A explicação para isso é que alunos mais proficientes estão mais (e há mais tempo) expostos à língua alvo. Conseqüentemente, eles têm um maior uso da língua e, com isso, possuem mais exemplares, os quais incluem exemplares da(s) forma(s) de língua estrangeira também.

A variável instituição de ensino também se mostrou relevante. Os estudantes do curso de idiomas apresentam índice maior de pronúncias mais próximas ao inglês (59%), enquanto que os participantes da escola pública apresentam maior número de pronúncias diferentes, mas mais próximas ao português (83%). Isso pode ser um indicativo de uma

qualidade de ensino (sobretudo de pronúncia) superior no curso livre de idiomas em comparação com a escola pública, o qual foi um resultado, de certa maneira, já esperado.

TABELA 9: Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes

Pronúncias diferentes	Instituição de ensino				Total
	curso de idiomas		escola pública		
	N	%	N	%	
mais próximas do português	29	41%	54	83%	83
mais próximas do inglês	41	59%	11	17%	52
Total	70		65		135

$$\chi^2 = 24,686 \quad P = 0,000$$

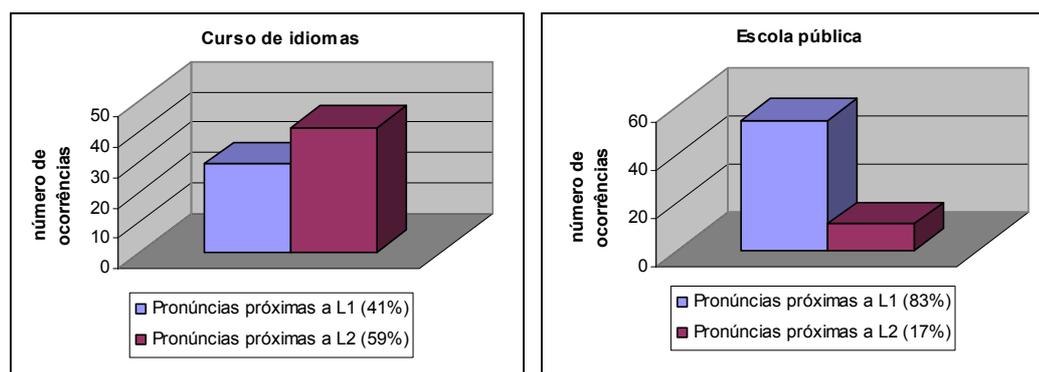


FIGURA 16: Pronúncias diferentes em L1 e L2 em relação à instituição de ensino dos participantes

Esses resultados expressam que diferenciar os neologismos em L1 e L2, apresentando pronúncias dos neologismos em L2 mais próximas de L1 é mais provável de ocorrer entre participantes da escola pública. Os dados da tabela 8 indicam que se os estudantes forem de nível avançado, eles tendem a apresentar pronúncias mais próximas do inglês do que os estudantes iniciantes. Portanto, pelo menos nos casos dos neologismos ortograficamente comuns ao português e ao inglês, a separação de L1 e L2 com pronúncias específicas para a

língua em alvo tem estreita relação com o nível de aprendizagem de L2 e do tipo de escola que o estudante frequenta.

Os resultados em relação ao gênero dos participantes apresentaram índices estatísticos que não nos permitem oferecer generalizações ($X^2=1,916$ e $P=0,166$) e índices percentuais muito próximos. Para os casos de pronúncias mais próximas ao português, os índices foram de 67% para os homens e de 55% para as mulheres.

A frequência do item lexical também não se mostrou relevante estatisticamente, uma vez que também apresentou índices que não nos permitem oferecer generalizações ($X^2=1,916$ e $P=0,166$), e os índices percentuais também foram muito próximos. Por exemplo, as palavras mais frequentes apresentaram 55% de pronúncias mais próximas ao português, enquanto que as palavras menos frequentes apresentaram 67% de pronúncias próximas ao português.

5.5 O item lexical

Na análise dos dados, pudemos observar que alguns itens lexicais apresentaram pronúncia dos neologismos bastante sistemática e próxima da língua alvo. Este é o caso da palavra *show*, que não apenas teve a pronúncia semelhante em L1 e em L2 para todos os informantes, como também teve uma proximidade muito grande com a pronúncia do inglês. Palavras, como, *show*, além de *aids*, *bar*, *jazz* e *hippie*, possuem estruturas sonoras mais semelhantes ao PB do que, por exemplo, palavras, como, *thriller*, *dumping*, *hardware*, *internet* e outras. Tais palavras nos sugerem que a proximidade fonológica possa estar ligada aos casos de pronúncias semelhantes, uma vez que as palavras com estrutura sonora mais

semelhante a L1 apresentaram mais casos de ocorrências de pronúncias idênticas em L1 e L2. Outros itens lexicais apresentaram pronúncia dos neologismos também bastante sistemática, embora distante de L2. Este foi o caso da palavra *shopping* que teve a pronúncia igual em L1 e L2 para todos os informantes, mas com proximidade da pronúncia típica do português. Isso sugere que a proximidade fonológica não é um fator exclusivo para pronúncias semelhantes em L1 e L2.

Por outro lado, algumas palavras apresentaram inúmeras possibilidades de pronúncia. Este é o caso, por exemplo, para a palavra *internet*, conforme podemos ver no quadro abaixo.

QUADRO 7
Diferentes pronúncias da palavra *internet* em L2

Participante	L2
1INIF	[i'tɛf'nɛtʃɪ]
1INIM	[i'tɛnɛt]
2INIF	[i'tɛf'nɛtʃ]
2INIM	[i'tɛfnɛtʃ]
1AVF	[i'tɛrnɛt]
1AVM	[i'tɛrnɛt]
2AVF	[i'tɛf'nɛtʃɪ]
2AVM	[i'tɛfnɛt]

A grande variabilidade que observamos neste trabalho, ao fazermos uma análise acurada do sinal acústico da fala nos leva a postular que, no aprendizado de L2, a construção da sonoridade em L2 se dá de maneira foneticamente gradual, diferentemente do que sugere uma teoria como a de Transferência Lingüística, em que ocorrem substituições processuais. Ou seja, uma vez que um certo padrão é percebido, ele é percebido em uma palavra específica, em um contexto específico e será ampliado gradualmente para outros contextos, através do léxico e do uso. Padrões existentes e sólidos são mais rígidos a sofrerem alterações do que padrões raros ou esparsos. Além disso, padrões de L2 que são inexistentes em L1

tentam se ancorar em padrões de L1, e uma mudança em direção à L2 parece ocorrer gradualmente, juntamente com o avanço do nível de proficiência e uma maior exposição a padrões de L2. A emergência de novos padrões sonoros de L2 e as alterações dos padrões sonoros (exemplares) já existentes em L1 em direção à L2 ocorrerão de maneira gradual e devem ser tratadas no nível da palavra como item individual, o que é justamente o que os modelos multirrepresentacionais propõem.

Esta abordagem pode ser comparada àquela proposta para a difusão da mudança sonora nas línguas naturais pela Fonologia de Uso. Nesta teoria, a mudança se propaga através do léxico atingindo itens lexicais individualmente e apresentando propriedades fonéticas graduais e contínuas. O léxico tem um papel crucial na organização da linguagem. Tal linha de investigação poderá ser adotada em pesquisas futuras, inclusive para aprendizado de uma segunda língua.

5.6 Conclusão

Este capítulo analisou os dados obtidos a partir da leitura dos estrangeirismos, os quais foram transcritos e categorizados como sendo iguais ou diferentes em L1 e L2. Inicialmente, foi feita uma análise dos dados de uma maneira geral e, logo em seguida, foram feitas análises independentes dos casos em que as pronúncias dos empréstimos foram iguais e diferentes. Em todos os casos, observou-se a relevância das seguintes variáveis: frequência de ocorrência do item lexical no português brasileiro, nível de proficiência, instituição de ensino e gênero dos participantes. O quadro a seguir sumariza os principais pontos destas análises:

QUADRO 8
Resumo da análise dos dados obtidos

	Resultados Gerais	Casos de pronúncias iguais em L1 e L2	Casos de pronúncias diferentes em L1 e L2
nível de proficiência	alunos de nível avançado possuem mais pronúncias diferentes em L1 e L2	alunos de nível avançado têm mais pronúncias próximas de L2 do que alunos iniciantes	alunos de nível avançado têm pronúncia dos anglicismos mais próxima de L2
Instituição de ensino	não foi estatisticamente significativa para a pronúncia dos neologismos	alunos do curso de idiomas têm mais pronúncias próximas de L2 do que alunos da escola pública	alunos do curso de idiomas têm pronúncia dos anglicismos mais próxima de L2
gênero	homens apresentam mais pronúncias diferentes do que mulheres	não foi estatisticamente significativo para a pronúncia dos neologismos	não foi estatisticamente significativo para a pronúncia dos neologismos
freqüência de ocorrência do item lexical	palavras menos freqüentes têm mais pronúncias diferentes; palavras mais freqüentes têm mais pronúncias iguais	não foi estatisticamente significativa para a pronúncia dos neologismos	não foi estatisticamente significativa para a pronúncia dos neologismos

O próximo capítulo retomará os objetivos desta pesquisa, apresentará as conclusões obtidas a partir das análises feitas neste capítulo, apontará possíveis etapas subseqüentes deste estudo e abordará implicações deste trabalho para o ensino de inglês como língua estrangeira.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou a pronúncia de anglicismos de ortografia semelhante no português brasileiro e no inglês à luz da Teoria de Transferência Lingüística, do Modelo de Exemplares e da Fonologia de Uso. Analisou-se o efeito de fatores, tais como, frequência de ocorrência do item lexical, nível de proficiência, gênero e instituição de ensino dos participantes.

Um dos primeiros objetivos desse trabalho foi o de investigar como ocorre a pronúncia desses xenismos em português. Esperávamos que a Teoria de Transferência Lingüística pudesse oferecer meios para prevermos tais pronúncias. Entretanto, concluímos que a pronúncia de tais palavras não ocorre de uma maneira processual e previsível, e a diversa gama de pronúncias obtidas nos resultados nos mostra isso.

Com relação à maneira como um falante nativo do português brasileiro gerencia a (re)aprendizagem dessas mesmas palavras em língua estrangeira, verificamos que a língua materna é sim uma influência, mas que a maneira pela qual ela interfere na pronúncia dessas palavras, em inglês, também é gradual e dependente da palavra em si, o que é justamente o que os modelos multirrepresentacionais nos mostram.

Esperávamos, inicialmente, que os neologismos mais freqüentes no português tivessem uma pronúncia, em inglês, mais próxima da pronúncia do português, visto que são mais conhecidos. Já com relação aos neologismos pouco conhecidos, que assumimos serem pouco freqüentes no português brasileiro, esperávamos que eles tivessem a pronúncia mais próxima de L2, por não sofrerem a interferência de L1, já que, sendo pouco conhecidos pelos

falantes, eles não teriam nuvens de exemplares robustas para L1. Os resultados gerais mostraram que as palavras menos freqüentes apresentaram um índice maior de pronúncias dos anglicismos diferentes em L1 e L2 (62%). Poderíamos sugerir que a falta de familiaridade com o item lexical – por ele ser menos freqüente e, portanto, por o falante não ter a fonte de aprendizagem seja em L1 ou L2 – poderia levar a pronúncia do inglês a ser distinta e mais próxima do português tanto em L1 como em L2. Embora as palavras pouco freqüentes indicaram esta tendência nos dados gerais de freqüência, os dados particulares não indicaram efeitos de freqüência do item lexical na pronúncia de L2.

No caso em que as pronúncias foram iguais para L1 e L2, as palavras menos freqüentes tiveram um índice de 87% de pronúncias próximas ao português. No caso em que as pronúncias foram diferentes em L1 e L2, as palavras menos freqüentes tiveram um índice de 67% de pronúncias próximas ao português. Ou seja, para as palavras menos freqüentes, a tendência é que a pronúncia do neologismo seja mais próxima do português, o que foi um resultado diferente do esperado.

As palavras com maior freqüência de ocorrência tiveram igualmente um índice geral de 50% nos neologismos, tanto para pronúncias iguais como diferentes. Nos casos das pronúncias iguais, as palavras freqüentes tiveram um índice de 83% de pronúncias próximas ao português. No caso em que as pronúncias foram diferentes, as palavras mais freqüentes também apresentaram índices mais altos para as pronúncias próximas ao português (55%). Ou seja, de maneira geral podemos afirmar que, nos neologismos de ortografias semelhantes para português e inglês, existe uma tendência de eles serem pronunciados de maneira mais próxima ao português, independente do fato de a palavra ser freqüente ou não como neologismo no português. Dessa forma, aproveitando-se o fato de estes estrangeirismos tenderem a ser pronunciados com sua forma aportuguesada, eles podem ser utilizados em sala de aula como ferramentas para, não somente expor os alunos a noções de fonologia do

português brasileiro, mas também para demonstrar a importância de se tratar L1 e L2 como sistemas sonoros independentes.

Foi demonstrada a relevância do tipo de escola, se curso livre de idiomas ou escola pública, em relação à pronúncia do estudante ser mais próxima à pronúncia do inglês. Há fortes indícios de que os cursos livres ofereçam ensino diferenciado, que direciona para o aprendizado da pronúncia em L2 com mais eficiência. Por outro lado, esses resultados podem servir como um diagnóstico da necessidade de uma melhoria do ensino de pronúncia na instituição de ensino público.

O nível de aquisição de L2 do estudante se mostrou relevante. Estudantes iniciantes aproximam mais a pronúncia dos xenismos ao português do que os estudantes avançados, que apresentam mais pronúncias próximas do inglês. Isso pode ser visto como um diagnóstico da necessidade de professores mais capacitados (não apenas para o ensino de pronúncia) em níveis iniciantes, no ensino de inglês como língua estrangeira, uma vez que, normalmente, esses professores ficam responsáveis por níveis mais avançados, e os professores menos experientes, por níveis iniciantes. De uma maneira geral, isso nos mostra a importância de se capacitar melhor o professor não-nativo de língua inglesa, que é uma maioria no Brasil, independentemente da instituição de ensino onde ele leciona ou pretende lecionar.

Em etapa subsequente da pesquisa, pretendemos avaliar a pronúncia de palavras do inglês que não ocorram no português em neologismos. Um outro aspecto a ser investigado é a relação entre o aprendizado de palavras do inglês que tenham tipos silábicos frequentes e análogos em português tanto em neologismos quanto em não-neologismos.

Espera-se que este trabalho tenha mostrado a importância e a necessidade do conhecimento de fonética e fonologia do português brasileiro para o ensino de língua inglesa no Brasil, não somente para os alunos, mas sobretudo para o professor de língua estrangeira e

para o professor de língua estrangeira em formação. Além disso, espera-se que este estudo tenha contribuído para a discussão sobre estrangeirismos (anglicismos) no português brasileiro sob outra ótica, a dos modelos multirrepresentacionais e do ensino de pronúncia. Por fim, espera-se que este trabalho ofereça uma aplicação prática, embora simples, para o ensino e a aprendizagem da língua inglesa através dos empréstimos lexicais, já que essas palavras, utilizadas nos dois idiomas, são amostras de que o português brasileiro do qual os alunos são falantes nativos e a língua inglesa que eles estudam operam (em relação a sistemas sonoros) diferentemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. 3 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: ABL, 1999. 816p.

ALMEIDA FILHO, J.C.P; SCHMITZ, J.R. *Glossário de Lingüística Aplicada*. São Paulo: Pontes, 1998. 277p.

ALVES, I. M. *Neologismo: Criação Lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002. 93p.

ARAÚJO, G. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 61-90, jan/jun. 2002.

ARAÚJO, L.; GRUNDY, V. (Coord.). *Dicionário Larousse Ática Avançado*. São Paulo: Ática, 2003. 404 p.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. [Informações sobre a cidade de Belo Horizonte]. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2004.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Bairros e regionais do município de Belo Horizonte*, 2002. Mapa. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br>>. Acesso em: 17 dez. 2004.

BERBER SARDINHA, T. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. *DELTA*. [online]. 2000, vol.16, n^o2, p.323-367. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 mar. 2004.

BERBER SARDINHA, T.; BARBARA, L. Frequência e uso de estrangeirismos ingleses no português brasileiro: Um estudo baseado em corpus. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 98-114, 2005.

BLOOMFIELD, L. *Language*. London: George Allen & Unwin, 1967.

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. Articulatory phonology: an overview. In: *Phonetica*. v. 49, p. 155-180, 1992.

BROWN, J. D.; ROGERS, T.S. *Doing Second Language research*. Oxford: Oxford University Press, 2002. 314p.

BUSSMANN, H. *Dictionary of Language and Linguistics*. Tradução de Gregory Trauth; Kerstin Kazzazi. London; New York: Routledge, 1996. 530p.

BYBEE, J. The phonology of the lexicon: evidence from Lexical Diffusion. In: KEMMER, S.; BARLOW, M.. (Eds.) *Usage-based models of language*. Stanford California: CSLI Publications, 2000. p. 65-85.

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 238 p.

CÂMARA JÚNIOR, J.M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 266p.

CARVALHO, N. *Empréstimos Lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989. 84p.

CARVALHO, N. *O que é Neologismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984. 76p.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D.; GOODWIN, J. *Teaching Pronunciation: a Reference for Teachers of English to Speakers of Other Languages*. 4 ed. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2000. 435p.

CORDER, P. The significance of learner errors. *International Review of Applied Linguistics (IRAL)*. 5, 2/3: p. 161-170, 1967.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Difusão Lexical: estudo de casos do português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002. Relatório.

CRISTÓFARO SILVA, T. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: HORA, D.; COLLISHCHONN, G. (Org.) *Teoria Lingüística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Universitária, 2003. p.227-231.

CRISTÓFARO SILVA, T.; ABREU GOMES, C. Representações múltiplas e organização do componente lingüístico. Submetido para “Fórum Lingüístico” UFSC em 2004. Inédito.

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 4 ed., rev. e aum. Oxford: Blackwell, 1997.

DUBOIS, J, *et al. Dicionário de Lingüística*. Tradução de I. Blikstein *et al.* 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1973. 653 p. Título Original: *Dictionnaire de Linguistique*.

ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. Oxford; New York: Oxford University Press, 1997. 147p.

ELLIS, R. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1985. 327p.

FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. 191p.

FRANÇA, J. L. *et al. Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 7 ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 230p.

FREITAS, M. A. *Os empréstimos do inglês no português do Brasil: algumas estratégias de adaptação*. 1984. 125f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

GASS, S. Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. (Ed.) *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996. p. 317-345.

GUMPERZ, J. J.; TANNEN, D. Individual and social differences in language use. In: FILLMORE, C.; KEMPLER, D.; WANG, W. S-Y. (Eds.). *Individual differences in language ability and language behaviour*. New York: Academic Press, 1979.

HOUAISS, A. (Ed.). *Dicionário Eletrônico Houaiss*. São Paulo: Objetiva, 2001. CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.com>>. Acesso em: 17 de dez. de 2004.

INTERNATIONAL PHONETICS ASSOCIATION – IPA. Disponível em: < <http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/index.html> >. Acesso em: 15 de mai. de 2001 e 30 de jan. 2002.

JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. Complex Representation used in speech perception. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (Ed.). *Talker variability without in speech perception*. San Diego: Academic Press, 1997. p. 1-8.

JONES, D. *English Pronouncing Dictionary*. 15 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 559 p.

KELERMAN, E; SMITH, M.S. *Crosslinguistic influence in second language acquisition*. New York: Oxford University Press, 1986.

KELM, O. R. O ensino de pronúncia e gênero de estrangeirismos na fala cotidiana do Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, 6. 2001, Cidade do México. Disponível em: <<http://www.laits.utexas.edu/~orkelm/cvkelm.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2003. 13f.

KENT, R. D.; READ, C. *The Acoustic Analysis of speech*. San Diego: Singular, 1992.

KEYS, K. J. State of the Art: interlanguage phonology – factors and processes in the development of a second language phonology. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, n. 1, p. 155-190, 2001.

KNIGHT, L. S (Ed.). *Dicionário Collins inglês-português/português-inglês*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 422p.

LADEFOGED, P. *Phonetic data analysis: an introduction to fieldwork and instrumental techniques*. London: Blackwell, 2004. Capítulo 1.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. *An introduction to second language acquisition research*. London; New York: Longman, 1991. Capítulos 1 e 2.

MENDONÇA, R. *A influência africana no Português do Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1973. 191p.

MORAES, J.; CALLOU, D. LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. A. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas, SP: Unicamp, 1996. p. 33-53.

ODLIN, T. *Language Transfer: Cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. 210p.

OLIVEIRA, D. Gradualidade e Frequência: contribuições do Modelo de Exemplar e da Fonologia de Uso ao estudo da variação sonora nas seqüências de (sibilante +africada alveopalatal). Final Paper Course LIG917. FALE/UFMG. 2003.

PAIVA, V. L. M. O. A língua inglesa no Brasil e no Mundo In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Ensino de Língua Inglesa: reflexões e experiências*. Campinas: Pontes, 1996. p. 9-27.

PAIVA, V. L. M. O. *A língua inglesa enquanto signo na cultura brasileira*. 1991. 394f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

PIERREHUMBERT, J. What people know about sounds of language. In: *Studies in the Linguistic Sciences* 29, 2000, p.110-120. Disponível em: <www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html> Acesso em: 20 mai. 2004.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19. Disponível em: <www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html>. Acesso em: 20 maio 2004.

PIERREHUMBERT, J. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.). *Probability Theory in Linguistics*. MIT Press, 2003. p. 1-33. Disponível em: <www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html> Acesso em: 20 maio 2004.

PISONI, D. Some thought on ‘normalization’ in speech perception. In: JOHNSON, K; MULLENIX, J. (Ed.). *Talker Variability in speech processing*. San Diego: Academic Press, 1997.

RICHARDS, J. C.; PLATT, J.; PLATT, H. *Dictionary of Language Teaching and Applied Linguistics*. 3 ed. Harlow: Longman, 1993. 423p.

SANCHEZ, A. Definição y historia de los corpus. In: SANCHEZ, A. *et al.* (Org.). *CUMBRE Corpus Linguístico de Espanol Contemporaneo*. Madrid: SGEL, 1995.

SANTOS, V. Empréstimos Lingüísticos: Tradição e Atualidade. In: SEMINÁRIO CÂMARA NOS 500 ANOS. IDIOMA E SOBERANIA: NOSSA PÁTRIA, NOSSA LÍNGUA. Brasília, 2000. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/internet/camara500/Seminarios/Id_Volnyr_P1.htm>. Acesso em: 2 fev. 2004.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 13 ed. (português). São Paulo: Cultrix, 1993. 279p. Título original: *Cours de Linguistique Générale*.

SEIDLHOFER, B. *Controversies in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2003. 314p.

SHEPHERD, D. Portuguese Speakers. In: SMITH, Bernard; SWAN, Michael (Eds.). *Learner English: a teacher's guide to interference and other problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 90-103.

SHEPHERD, J. W. Loanwords: A pitfall for all students. *The Internet TESL Journal*. [online]. 1996, vol. II, n 2. Disponível em <<http://iteslj.org/Articles/Shepherd-Loanwords.html>>. Acesso em: 29 mai. 2004.

SILVA, F. C. A. *Contribuições aa Fonética e da Fonologia ao ensino de língua estrangeira: o caso das Vogais Altas Frontais e do Glide /j/ no Inglês e no Português Brasileiro*. 2004. 181f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

STEINBERG, M. *Neologismos de Língua Inglesa*. São Paulo: Editora Nova Alexandrina, 2003. 127p.

TERRA, E.; DE NICOLA, J.; MENÓN, L. M. *1001 Estrangeirismos de uso corrente em nosso cotidiano*. São Paulo: Saraiva, 2003. 286p.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. 364p. Título original: *Key concepts in language and linguistics*.

UNDERHILL, A. *Sound Foundations*. Oxford: Macmillan Heinemann, 1994. 210p.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

ANEXOS

ANEXO A: Informações adicionais sobre o corpus LAEL:

Tokens	231,960,832	13-letter words	1,558,490
Types	618,868	14-letter words	664,515
Type/Token Ratio	0.27	15-letter words	345,459
Standardised Type/Token	47.03	16-letter words	134,913
Ave. Word Length	4.81	17-letter words	40,913
Sentences	6,140,003	18-letter words	18,263
Sent.length	37.70	19-letter words	7,752
sd. Sent. Length	47.50	20-letter words	1,415
Paragraphs	19,615	21-letter words	2,975
Para. length	6,333.24	22-letter words	420
sd. Para. length	35,499.05	23-letter words	220
Headings	163	24-letter words	96
Heading length	264.80	25-letter words	36
sd. Heading length	889.75	26-letter words	36
1-letter words	25,872,004	27-letter words	14
2-letter words	42,568,412	28-letter words	8
3-letter words	29,123,796	29-letter words	4
4-letter words	21,260,552	30-letter words	4
5-letter words	25,840,000	31-letter words	4
6-letter words	21,042,520	32-letter words	3
7-letter words	20,496,678	33-letter words	1
8-letter words	16,557,789	34-letter words	8
9-letter words	10,738,872	35-letter words	4
10-letter words	8,372,547	36-letter words	0
11-letter words	4,558,245	37-letter words	3
12-letter words	2,753,852		

ANEXO B: Dados obtidos a partir de Terra *et al.*, dicionário Houaiss, VOLP e do corpus LAEL. Os 30 estrangeirismos em destaque foram os selecionados para a montagem do experimento.

Xenismo selecionado	Posição no corpus LAEL (em 618.868)	Número de ocorrências
INTERNET	472	46.628
SHOW	625	37.290
SITE	1278	19.295
AIDS	1291	19.054
ROCK	1308	18.775
SHOPPING	1368	18.133
MARKETING	1452	17.111
BAR	1696	14.675
JAZZ	2093	11.829
POP	2282	10.913
IMPEACHMENT	3260	7.339
PERFORMANCE	3519	6.731
SET	3578	6.578
DESIGN	3763	6.195
TOP	4208	5.399
BLUES	4624	4.829
OVER	4810	4.592
WEB	5230	4.140
BIG	5319	4.052
ON-LINE	5355	4.025
HALL	5557	3.840
LOBBY	5740	3.694
GAME	5855	3.585
STAR	5856	3.585
MODEM	6589	3.096
CHIP	7164	2.784
CRACK	7348	2.691
DOPING	7651	2.543
LASER	7704	2.519
SOFT	7780	2.485
SLOGAN	8146	2.330
DIESEL	8243	2.281
GREEN	8426	2.218
LOOK	8725	2.117
BOY	8808	2.091
FLASH	9063	2.011

UNDERGROUND	9165	1.983
BOOM	9228	1.965
MÁSTER	9379	1.929
HIP	9417	1.917
HOT	9500	1.893
LEASING	10085	1.745
BUG	10108	1.741
PLAYBOY	10232	1.715
GLAMOUR	11456	1.447
LADY	11708	1.403
XEROX	11850	1.378
BREAK	11857	1.376
OPEN	12056	1.341
BOOK	12109	1.331
LINK	12218	1.313
NETWORK	12371	1.288
STANDARD	12512	1.268
HOBBY	13070	1.192
SEXY	13463	1.143
KART	13717	1.114
GIRL	13825	1.100
SURF	13864	1.096
SCANNER	14102	1.069
VERSUS	14214	1.055
SKATE	14239	1.052
VIDEOGAME	14335	1.042
POOL	14699	1.004
BACON	14907	982
GOSPEL	14974	975
BLAZER	15328	940
MAGAZINE	15540	921
COCKTAIL	16216	864
STOP	16261	862
DUMPING	16359	853
SHORT	16366	853
HARDWARE	16414	849
WESTERN	16616	833
HIPPIE	16828	815
THRILLER	17477	768

PUB	17672	756
MERCHANDISING	18302	714
ROUND	18674	693
RUSH	18922	677
ZOOM	19295	657
WEEKEND	19722	634
SCRIPT	20088	615
STORE	20198	610
SPRINT	20417	599
TRAILER	20741	583
SPRAY	21042	569
DRIVER	21728	537
STRESS	21928	530
ICEBERG	22043	525
STRIPTease	22151	521
STAFF	22647	503
SPOT	22944	492
JINGLE	23170	484
LAYOUT	23314	479
BROWSER	23453	474
STAND	23470	474
COPYRIGHT	23512	472
SWING	24246	449
MEETING	24730	433
LIVING	24795	431
SMOKING	25731	405
BACKUP	26164	393
PLAYGROUND	26721	380
BYTE	26738	379
GANG	27144	370
VIKING	27491	363
DELIVERY	27545	361
DRAFT	27797	355
SLIDE	27878	354
BIT	28121	348
BRIDGE	29546	320
E-MAIL	29622	319
TICKET	30339	306
CAMPING	30928	295

<i>CASTING</i>	31807	280
<i>BUNKER</i>	31861	279
<i>RELAX</i>	31974	278
<i>DRINK</i>	32153	275
<i>COWBOY</i>	32292	273
<i>NONSENSE</i>	32451	271
<i>JOYSTICK</i>	32770	266
<i>CLOWN</i>	32890	264
<i>COPY</i>	33311	258
<i>RELEASE</i>	33353	258
<i>JOB</i>	33832	251
<i>BACKGROUND</i>	34823	238
<i>DANCING</i>	35254	233
<i>INPUT</i>	35809	227
<i>CLOSET</i>	36487	219
<i>UPGRADE</i>	36721	217
<i>POODLE</i>	37276	211
<i>YUPPIE</i>	37706	207
<i>PULLMAN</i>	39193	202
<i>DISPLAY</i>	39575	188
<i>FEEDBACK</i>	39691	187
<i>TWIST</i>	40064	184
<i>HAPPENING</i>	40124	183
<i>SAFÁRI</i>	40907	177
<i>GROUND</i>	41499	172
<i>DECK</i>	42102	167
<i>WATT</i>	43883	155
<i>CASHMERE</i>	43906	154
<i>PEDIGREE</i>	43994	154
<i>SCOOTER</i>	44605	150
<i>DRUGSTORE</i>	45001	147
<i>HOST</i>	45347	145
<i>COMMODITY</i>	45800	142
<i>INTERVIEW</i>	47473	133
<i>BLUSH</i>	47583	132
<i>BREAKFAST</i>	48139	129
<i>GENTLEMAN</i>	49600	122
<i>INSIGHT</i>	51322	114
<i>CHARLESTON</i>	54408	101
<i>PÓSTER</i>	55139	99
<i>BIKINI</i>	56124	95
<i>CONTAINER</i>	56149	95
<i>WINCHESTER</i>	58722	87
<i>BUFFER</i>	59108	85
<i>TRANSISTOR</i>	60083	83

<i>LEAD</i>	64594	71
<i>PLAYBACK</i>	64679	71
<i>CATCH</i>	65714	68
<i>SCHEDULE</i>	66014	68
<i>SHAMPOO</i>	66487	67
<i>FOOTING</i>	67239	65
<i>BRIEFING</i>	72522	55
<i>HANDICAP</i>	75942	50
<i>CATERING</i>	81040	43
<i>FERRYBOAT</i>	86791	37
<i>PUZZLE</i>	94465	31
<i>BOOSTER</i>	94941	30
<i>SPLEEN</i>	97439	29
<i>SHERIFF</i>	108001	23
<i>CRAWL</i>	108767	22
<i>FAIR-PLAY</i>	111311	21
<i>CLOSE-UP</i>	115740	19
<i>KITCHENETTE</i>	119364	18
<i>PICKLES</i>	119865	18
<i>UP-TO-DATE</i>	120579	18
<i>CHECKING</i>	124375	16
<i>SKETCH</i>	126664	16
<i>WARRANT</i>	127070	16
<i>BEST-SELLER</i>	135374	13
<i>RALLYE</i>	138367	13
<i>FLIRT</i>	141493	12
<i>SNOB</i>	149646	11
<i>TUNER</i>	156717	10
<i>BAUD</i>	157955	9
<i>MAKE-UP</i>	161651	9
<i>BLUFF</i>	165990	8
<i>KNOCKOUT</i>	169804	8
<i>LOCKOUT</i>	170103	8
<i>BY-PASS</i>	175779	7
<i>STENCIL</i>	197969	6
<i>BYE-BYE</i>	222139	4
<i>FREELANCER</i>	228604	4
<i>CHECK-UP</i>	299382	2
<i>REFILL</i>	347452	2
<i>WATER-POLO</i>	363920	2
<i>COPYDESK</i>	417663	1
<i>CROSS-COUNTRY</i>	420307	1
<i>DIMMER</i>	432567	1

<i>KNOW-HOW</i>	491884	1
<i>DRY-FARMING</i>	sem entrada ⁵¹	-
<i>DOWNTIME</i>	sem entrada	-
<i>DRIVE-IN</i>	sem entrada	-
<i>FLIP-FLOP</i>	sem entrada	-
<i>FULL-TIME</i>	sem entrada	-
<i>NEW-LOOK</i>	sem entrada	-
<i>SELF-SERVICE</i>	sem entrada	-
<i>SEX-APPEAL</i>	sem entrada	-
<i>WALKIE-TALKIE</i>	sem entrada	-
<i>WALK-OVER</i>	sem entrada	-
<i>BLUE-JEANS</i>	sem entrada	-

⁵¹ Tais palavras não foram encontradas no corpus lingüístico LAEL.

ANEXO C: Consentimentos de participação.



U F M G

Universidade
Federal de
Minas Gerais

PosLin

Faculdade de Letras

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Pesquisador: Bruno Horta Liza

Consentimento para participar da pesquisa (Diretor)

Eu, Bruno Horta Liza, como aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, estou realizando uma pesquisa em cursos de idioma e escolas de ensino médio na disciplina de Língua Inglesa.

Sendo assim peço sua permissão para que:

- os dados - gravações em áudio, entrevistas e questionários - sejam utilizados em artigos e apresentações acadêmicas;
- os dados coletados sejam mantidos pelo pesquisador.

É de responsabilidade do pesquisador o sigilo do nome verdadeiro da escola e dos alunos. Por esta razão, serão utilizados nomes fictícios em artigos e apresentações acadêmicas.

Será anexada a esse documento uma autorização dos pais dos alunos que participarem do projeto.

Estando de acordo com o acima proposto e na condição de diretor dessa instituição particular de ensino, assino o presente documento consentindo a participação da Escola no projeto acima descrito.

Diretor da escola (assinatura e carimbo)

Pesquisador

U F  G**Universidade
Federal de
Minas Gerais**The logo for "PosLin" features the text "PosLin" in a blue, sans-serif font. A blue arc curves over the letters "o" and "s", and another blue arc curves under the letters "i" and "n".

Faculdade de Letras

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Pesquisador: Bruno Horta Liza

Consentimento para participar da pesquisa *(Aluno)*

Essa pesquisa visa buscar contribuições para a prática pedagógica na disciplina de Língua Inglesa em Escolas de Ensino Médio e em cursos de idioma.

Será pedido a você a participação na mesma e sua autorização para que os dados – gravações em áudio, entrevistas e questionários - sejam utilizados em artigos e apresentações acadêmicas.

É de responsabilidade do pesquisador o sigilo do seu nome verdadeiro bem como a utilização de um nome fictício caso seja necessário.

Caso seja de seu consentimento a participação na pesquisa, assine por gentileza abaixo.

Nome: _____

Assinatura: _____

Local e Data: _____



U F M G

Universidade
Federal de
Minas Gerais

PosLin

Faculdade de Letras

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Pesquisador: Bruno Horta Liza

Autorização para participar da pesquisa (*Pai de Aluno*)

Como aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, estou realizando uma pesquisa que visa buscar contribuições para a prática pedagógica na disciplina de Língua Inglesa em Escolas de Ensino Médio e em cursos de idioma. Para tanto, será pedida a sua permissão para que seu filho participe da mesma e que os dados – gravações em áudio, entrevistas e questionários - sejam utilizados em artigos e apresentações acadêmicas.

É de responsabilidade do pesquisador o sigilo do nome verdadeiro do seu filho bem como a utilização de um nome fictício caso seja necessário. Caso seja de seu consentimento a participação do seu filho na pesquisa, preencha e assine por gentileza o formulário abaixo.

Nome da escola: _____

Nome do(a) aluno(a):

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do pai ou responsável

Assinatura do Pesquisador

ANEXO D: Questionário

Identificação: _____

Data: _____

Nome: _____

Naturalidade: _____

Idade: _____

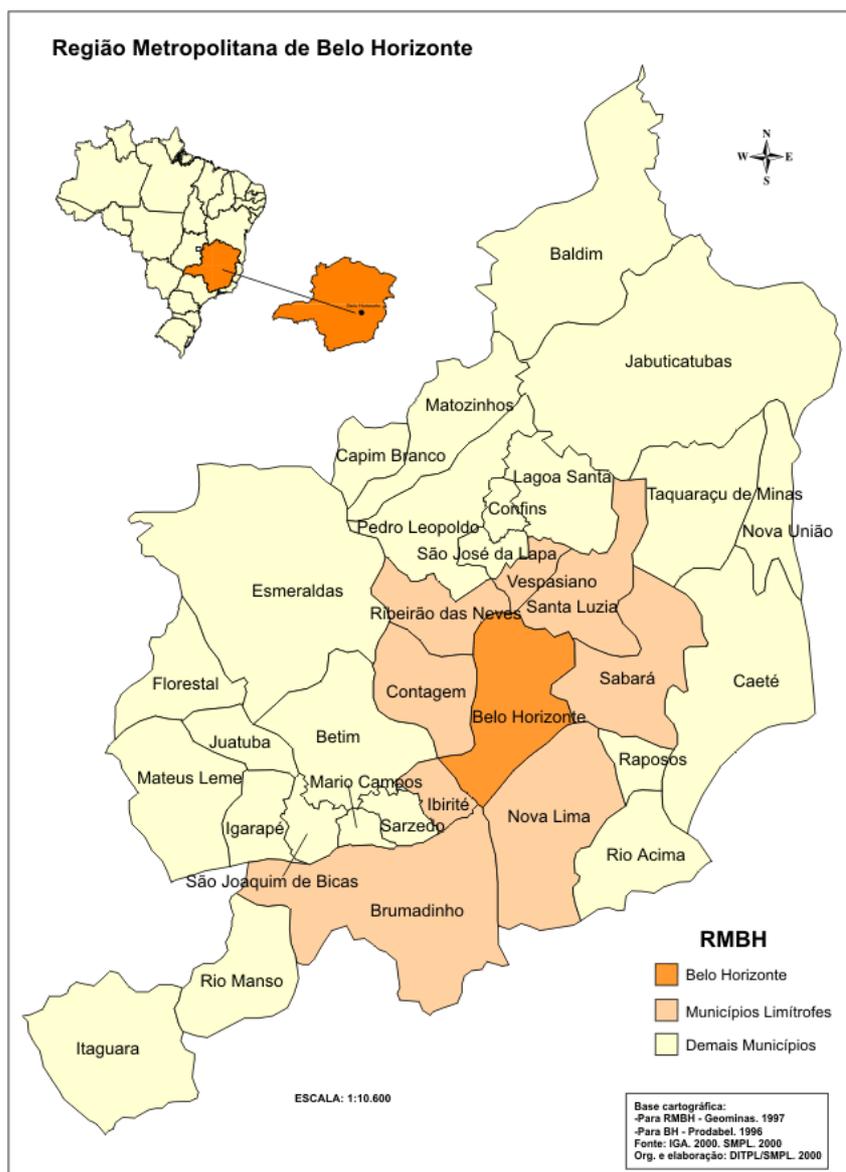
Escola: _____

Série: _____ Turma: _____

Experiência com a língua inglesa (aponte quantas forem necessárias):

 na escola desde a ___^a série. em um curso de inglês. Duração: _____ no exterior Duração: _____

ANEXO E: Mapa da RMBH



ANEXO F: Fontes dos excertos utilizados

Para os excertos em L1, foram utilizados:

Jornal Folha de São Paulo <<http://www.folha.uol.com.br>>
 Jornal Estado de Minas <<http://www.uai.com.br>>
 Jornal do Brasil <<http://www.jb.com.br>>
 Jornal do Comércio <<http://www.tc.uol.com.br>>
 Revista Época <<http://revistaepoca.globo.com>>
 Revista Veja <<http://www.veja.com.br>>
 Revista Istoé <<http://www.terra.com.br/istoe>>
 Revista IstoéGente <<http://www.terra.com.br/istoegente>>.

Para os excertos em L2 foram utilizados:

Revista Reader's Digest <<http://www.rd.com>> e
 <<http://www.readersdigest.co.uk>>
 Revista Cosmopolitan <<http://www.cosmopolitan.com>>
 Jornal Washington Post <<http://www.washingtonpost.com>>
 The New York Times <<http://www.nytimes.com>>
 The Miami Herald <<http://www.miamiherald.com>>
 USA Today <<http://www.usatoday.com>>
 Washington Times <<http://www.washingtontimes.com>>
 Financial Times <<http://www.ft.com>>
 Daily Mail <<http://www.dailymail.co.uk>>
 The Economist <<http://www.theeconomist.com>>
 The Independent <<http://www.theindependent.com>>
 Revista Billboard <<http://www.billboard.com>>
 Portais de notícia <<http://www.cnn.com>> e
 <<http://www.bbc.co.uk>>

ANEXO G: Exemplos dos xenismos contextualizados que foram utilizados para a leitura pelos participantes.

Guga consegue nova vitória em Roland Garros sem perder nenhum set

Gustavo Kuerten parece ter esquecido a má fase de vez. Ele venceu novamente em Roland Garros, numa atuação quase perfeita. Guga quebrou o saque do espanhol Feliciano Lopez em momentos fundamentais dos sets e se classificou para as quartas-de-final do Grand Slam francês com a vitória por 3 sets a 0. As parciais foram de 6/3, 7/5 e 6/4, em 1h53min.

O tenista brasileiro vai disputar uma vaga nas semifinais do Grand Slam francês na quarta-feira contra o vencedor da partida entre o russo Marat Safin e o argentino David Nalbandian.



Bourbon Street Fest: Parque Ibirapuera tem shows gratuitos de funk, blues e jazz

O parque Ibirapuera recebe hoje uma parte do elenco do Bourbon Street Fest 2004 para apresentações gratuitas com muito funk, blues e jazz. O público paulistano poderá conferir vários shows gratuitamente.



Com Ronaldo em alta, Brasil e Alemanha têm mais um round

PAULO COBOS
da **Folha de S.Paulo**, em Berlim

Nesta quarta-feira, às 15h45, é amistoso. Em 2006, se novamente acontecer, será na final da Copa do Mundo.

Na véspera do duelo entre Brasil e Alemanha, na revanche da final do último Mundial, os organizadores da próxima edição, em evento na embaixada brasileira em Berlim, transmitiram um recado de Franz Beckenbauer, o chefe do Comitê Organizador: a chave da Copa-2006 será feita de uma forma em que as seleções só possam se cruzar na decisão.



SOCIEDADE

Enviar matéria

Assine já

17/07/2002

Traficantes Bolivianos estão trocando os EUA pelo Brasil e fazem dumping

Com a prisão de três bolivianos e dois brasileiros de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, policiais do Departamento de Narcóticos (Denarc) descobriram o novo esquema do tráfico de entorpecente em São Paulo: o "dumping da droga". A polícia apreendeu 100 quilos de cocaína pura, a maior apreensão do departamento no ano.

A dificuldade de entrada do entorpecente nos Estados Unidos, segundo o delegado Ivaney Caires, diretor do Denarc, estaria fazendo os produtores e traficantes da droga bolivianos baixar os preços e buscar novos mercados.

- É como se fosse um dumping - compara Caires.

TENNIS

Last Updated: Monday, 25 October, 2004, 19:16 GMT 20:16 UK

[E-mail this to a friend](#)

[Printable version](#)

Bovina breezes into second round

Ninth seed Elena Bovina wasted little time as she cruised into the second round of the Generali Ladies in Linz.

Bovina beat Jelena Kostanic 6-4 6-2 and was later joined by fellow Russian Elena Likhovtseva, who saw off Austrian wildcard Sybille Bammer 6-3 6-1.

[E-mail this to a friend](#)

[Printable version](#)

Tobacco giant launches site

A website has been launched detailing the inner workings of leading tobacco firm British American Tobacco.

The site includes 1m pages of memos, research and reports, which BAT was forced to make public by a US court.



BAT is one of the world's leading tobacco companies

Kids kept dry with waterproof blazer

A North Yorkshire company is preparing to market what it claims is the world's first waterproof school blazer.

School Colours in Knaresborough has developed the "Ducksback" which has a special membrane between the fabric and the lining.

The company has been operating for more than 130 years and is now run by cousins Mark and Anthony Southcott.

Mark says it was his background as an industrial chemist that enabled him to develop the new blazer.

[health](#) > story page

Life expectancy in Africa cut short by AIDS

March 18, 1999

Web posted at: 12:24 p.m. EST (1724 GMT)

WASHINGTON (CNN) -- AIDS has cut the average life expectancy in Zimbabwe by a quarter-century, besides significantly reducing life spans in other [African nations](#), the U.S. Census Bureau reports.



ANEXO H: *Frames* para leitura dos xenismos.

Diga internet novamente.
Diga show novamente.
Diga site novamente.
Diga AIDS novamente.
Diga rock novamente.
Diga shopping novamente.
Diga marketing novamente.
Diga bar novamente.
Diga jazz novamente.
Diga pop novamente.
Diga impeachment novamente.
Diga performance novamente.
Diga set novamente.
Diga design novamente.
Diga top novamente.

Say internet again.
Say show again.
Say site again.
Say AIDS again.
Say rock again.
Say shopping again.
Say marketing again.
Say bar again.
Say jazz again.
Say pop again.
Say impeachment again.
Say performance again.
Say set again.
Say design again.
Say top again.

Diga bacon novamente.
Diga gospel novamente.
Diga blazer novamente.
Diga magazine novamente.
Diga cocktail novamente.
Diga stop novamente.
Diga dumping novamente.
Diga short novamente.
Diga hardware novamente.
Diga western novamente.
Diga hippie novamente.
Diga thriller novamente.
Diga pub novamente.
Diga merchandising novamente.
Diga round novamente.

Say bacon again.
Say gospel again.
Say blazer again.
Say magazine again.
Say cocktail again.
Say stop again.
Say dumping again.
Say short again.
Say hardware again.
Say western again.
Say hippie again.
Say thriller again.
Say pub again.
Say merchandising again.
Say round again.

ANEXO I: Pronúncias de referência para L1 e L2 (em destaque)

L1	
INTERNET	[ˈɪtəfˈnetʃɪ]
SHOW	[ʃou]
SITE	[ˈsaɪtʃi] [ˈsaɪtʃɪ]
AIDS	[aɪdʒs]
ROCK	[ˈhɒkɪ]
SHOPPING	[ˈʃɒpɪ]
MARKETING	[ˈmɑːkɪtɪŋ]
BAR	[bɑː] [bɑ]
JAZZ	[dʒæz]
POP	[ˈpɒpɪ]
IMPEACHMENT	[ɪmˈpiːtʃmənt]
PERFORMANCE	[pəˈfɔːmɑːns]
SET	[set]
DESIGN	[dʒiˈzaɪn] [dʒiˈzɑɪn]
TOP	[tɒp]
BACON	[ˈbeɪkən]
GOSPEL	[ˈgɒspəl]
BLAZER	[ˈbleɪzə(h)] [ˈbleɪz]
MAGAZINE	[mɑːɡəˈziːn]
COCKTAIL	[ˈkɒkɪtɔːl]
STOP	[stɒp]
DUMPING	[ˈdʌmpɪŋ]
SHORT	[ʃɔːt]
HARDWARE	[ˈhɑːdweɪ(h)] [ˈhɑːdwe(h)]
WESTERN	[ˈwestən]
HIPPIE	[ˈhɪpi]

THRILLER	[ˈtrɪlə] [ˈsrɪlə]
PUB	[ˈpʊb] [ˈpʌb]
MERCHANDISING	[ˈmɜːʃəˈdaɪzɪŋ]
ROUND	[ˈhaʊndʒi] [ˈhɑʊndʒi]
L2	
INTERNET	[ˈɪntənət] [ˈɪntənɛt]
SHOW	[ʃəʊ] [ʃou]
SITE	[saɪt]
AIDS	[aɪdz]
ROCK	[rɒk] [rɑːk]
SHOPPING	[ˈʃɒpɪŋ] [ˈʃɑːpɪŋ]
MARKETING	[ˈmɑːkɪtɪŋ] [ˈmɑːkɪtɪŋ]
BAR	[bɑː] [bɑːr]
JAZZ	[dʒæz]
POP	[pɒp] [pɑːp]
IMPEACHMENT	[ɪmˈpiːtʃmənt]
PERFORMANCE	[pəˈfɔːmənts] [pəˈfɔːrmənts]
SET	[set]
DESIGN	[dɪˈzaɪn]
TOP	[tɒp] [tɑːp]
BACON	[ˈbeɪkən]
GOSPEL	[ˈgɒspəl] [ˈgɑːspəl]
BLAZER	[ˈbleɪzə] [ˈbleɪzə]
MAGAZINE	[ˌmæɡəˈziːn] [ˌmæɡəziːn]
COCKTAIL	[ˈkɒkɪtɪl] [ˈkɑːktɪl]
STOP	[stɒp] [stɑːp]
DUMPING	[ˈdʌmpɪŋ]

SHORT	[ʃɔ:t] [ʃɔ:rt]
HARDWARE	['hɑ:dweəʃ] ['hɑ:rdwer]
WESTERN	['westən] ['westə:n]
HIPPIE	['hipi]
THRILLER	['θrɪləʃ] ['θrɪlə]

PUB	[pʌb]
MERCHANDISING	[mɜ:tʃɪŋ'daɪzɪŋ] [mɜ:rtʃɪŋ'daɪzɪŋ]
ROUND	[raʊnd]

ANEXO J: Manchetes lidas pelos participantes.

L1
<p> “Big Brother 5” abre inscrições na Internet. Titãs: celebridades lotam show. JB FM lança novo site. Banho de água fria: este ano registrou o maior número de mortes por causa da AIDS. Vibezone: adolescentes lotam a Cidade do Rock. Pesquisas sobre o olfato afetam o dia a dia de um shopping. “A good idea”: para internacionalizar a marca consagrada no Brasil, Caninha 51 investe em marketing. De bar em bar: pesquisa mostra que o programa dos jovens cariocas é girar pela madrugada. Bourbon Street Fest: Parque Ibirapuera tem shows gratuitos de funk, blues e jazz. VMB 2004: Pitty ganha prêmio de melhor videoclipe pop. Evandro Lins e Silva: o jurista que combateu a ditadura: Ministro do Supremo Tribunal cassado pelos militares, ele defendeu presos políticos e acusou Collor no processo de impeachment. As confissões de Schmidt: no papel de um viúvo rabugento, Jack Nicholson oferece excelente performance. Guga consegue nova vitória em Roland Garros sem perder nenhum set. London Fashion Week: estilista brasileiro recebe prêmio revelação em design. Precursora das top: de origem humilde, a bela Luiza Brunet foi descoberta por um fotógrafo aos 16 anos, inaugurou a era das modelos famosas e hoje é uma mulher de negócios. Sanduíches num autêntico estilo americano: situado em um belo casarão de 1928, o Eddie Fine Burgers oferece hambúrgueres com temperos personalizados, pães especiais, cebola caramelizada e bacon. Evangélicos esperam 3 milhões na marcha para Jesus com bandas gospel. Fashion week: descontração esportiva traz calças curtas e blazer. Conflitos na praça da Paz Celestial lembrados pela “Time Magazine”. Aprenda a fazer cocktail. Polícia encontra desmanche de veículos e prende sete: local funcionava como um pit stop. Traficantes bolivianos estão trocando os EUA pelo Brasil e fazem dumping. Turnê de Madonna conta novamente com grandes estilistas; cantora americana se apresenta de corpete, botas negras de cano alto e um curtíssimo short. Xbox: Microsoft quer contratar hacker para detecção de hardware. Chega às livrarias coletânea de western. Golfe chega à Trancoso, ex-reduto hippie. Preferidos da crítica ocupam salas da mostra de SP hoje: destaque para Jarequi e seu thriller. Música de qualidade é o diferencial do Gate’s Pub. Sucesso no merchandising. Com Ronaldo em alta, Brazil e Alemanha têm mais um round. </p>
L2
<p> America votes 2004: election rules could reach internet. U2 invites you to an incredible show. Tobacco giant launches site. Life expectancy in Africa cut short by AIDS. The revolution that saved rock. 1000 jobs created by shopping mall. Rosemarie Wallace, responsible for production, distribution, sales and marketing. Greedy cow: the classic rock bar. Drink warning at Brecon Jazz. Taking stock of modern pop. World Briefing: Asia, South Korea: Court to rule on Roh’s impeachment. Cassino boots Linda Ronstead after performance. Japan Open: Hewitt survives slack set. Gardening: construction and design. Political tips for the top. Recipe: beef stew in red wine, with mushrooms, onions and bacon. Swapping glamour for the gospel. Kids kept dry with waterproof blazer. Reader’s Digest large print: for easier reading: it’s big and easier to read the world’s most-read monthly magazine. The new 350-pound cocktail. Thieves kill parents, child near Tennessee rest stop. Against anti-dumping. Women’s pro shorts. Flaw exposes internet hardware. Costner returns to roots in new western. Legal loss in France for American hippie. High crimes: another glossy Hollywood thriller. Villagers want to save rural pub. McDonald’s and Destin’s Child pair up: Mcdonald’s said to sponsor the group 2005 worldwide tour and feature the trio in new commercials and special restaurant merchandising. Bovina breezes into second round. </p>

ANEXO L: Valores de F1/ F2 para o PB utilizados na análise acústica.

Valores para vogais tônicas

Participante	formante	Valores (Hz)		
		[e]	[ɛ]	[i]
1INIF	F1	400.261	551.566	358.929
	F2	2403.945	2370.863	2572.924
1INIM	F1	354.203	498.457	232.877
	F2	1899.945	2082.232	2287.666
2INIF	F1	403.572	563.053	290.611
	F2	2387.496	2339.907	2666.670
2INIM	F1	345.354	415.722	270.426
	F2	2261.558	2103.323	2253.321
1AVF	F1	430.213	519.476	330.414
	F2	2139.579	2153.557	2376.607
1AVM	F1	335.178	424.734	264.300
	F2	1719.363	1678.822	2009.812
2AVF	F1	404.115	577.155	343.207
	F2	2380.156	2110.902	2672.460
2AVM	F1	355.982	440.441	322.090
	F2	2077.82	1998.937	2154.713
3F	F1	410.342	570.026	404.654
	F2	2523.761	2323.353	2626.909
3M	F1	342.366	496.807	322.967
	F2	2100.389	1857.098	2130.270

Valores para vogal pré-tônica

Participante	formante	[e]	[ɛ]	[i]
feminino	F1	528	598.4	385
	F2	2009.7	2018.5	2360.6
masculino	F1	480	544	350
	F2	1827	1835	2146

ANEXO M: Valores de F1/ F2 para o Inglês utilizados na análise acústica.

Vogal	Homem		Mulher	
	F1	F2	F1	F2
[i]	270	2300	300	2800
[I]	400	2000	430	2500
[ɛ]	530	1850	600	2350
[æ]	660	1700	860	2050
[ɑ]	730	1100	850	1200
[ɔ]	570	850	590	900
[ū]	440	1000	470	1150
[u]	300	850	370	950
[ʌ]	640	1200	760	1400
[ɜ]	490	1350	500	1650

ANEXO N: Valores obtidos na análise acústica para L1.

<i>Participante</i>	<i>formante</i>	<i>internet</i>	<i>internet</i>	<i>jazz</i>	<i>performance</i>	<i>set</i>	<i>design</i>
1INIF	F1	624.904	657.502	573.816	521.43	584.206	319.302
	F2	2206.743	2518.981	2171.502	2101.548	2347.644	1879.479
1INIM	F1	497.701	547.137	495.058	433.350	469.279	290.485
	F2	2221.722	2271.494	1715.873	2037.745	1992.391	1794.012
2INIF	F1	581.845	651.031	625.389	558.007	615.949	466.090
	F2	2143.486	2195.598	2111.406	2091.060	2149.318	2010.460
2INIM	F1	383.670	465.797	448.936	360.537	492.048	385.336
	F2	2098.830	2139.937	2033.270	2132.408	2037.573	2231.845
1AVF	F1	601.631	631.010	580.677	542.051	501.811	342.990
	F2	1965.324	2172.745	1884.788	1964.929	2153.890	1560.523
1AVM	F1	482.948	362.076	420.685	489.025	404.040	342.967
	F2	1746.168	1819.972	1492.211	1552.553	1518.133	1554.225
2AVF	F1	544.899	557.668	530.071	515.338	538.478	294.032
	F2	2096.218	2257.685	1844.811	2124.608	2275.698	1751.808
2AVM	F1	406.510	331.571	467.708	440.541	482.214	352.712
	F2	1926.519	2190.028	1842.786	1495.741	1869.634	1702.421

ANEXO O: Valores obtidos na análise acústica para L2.

<i>Participante</i>	<i>formante</i>	<i>jazz</i>	<i>performance</i>	<i>set</i>	<i>design</i>	<i>pub</i>
1INIF	F1	658.110	509.372	688.792	341.899	541.924
	F2	2187.450	2164.560	2244.076	1915.838	1379.223
1INIM	F1	484.351	421.849	514.921	339.73	332.589
	F2	1759.316	1869.458	1898.286	1547.763	967.285
2INIF	F1	646.192	543.546	676.198	468.369	573.723
	F2	2067.655	2052.086	2111.270	2091.602	1422.903
2INIM	F1	453.447	390.874	479.206	335.326	270.396
	F2	1913.591	1501.293	2032.812	2163.666	625.433
1AVF	F1	678.654	371.614	711.359	284.055	600.770
	F2	1887.442	1470.517	1892.155	1913.650	1288.280
1AVM	F1	469.323	431.388	472.869	323.349	496.674
	F2	1510.956	1311.654	1433.261	1561.415	1210.907
2AVF	F1	583.618	527.541	526.587	299.762	486.619
	F2	2090.150	1902.523	2205.688	1729.609	1281.434
2AVM	F1	413.609	424.821	489.226	361.489	393.789
	F2	1933.429	1685.605	1995.881	1601.318	991.830

ANEXO P: Transcrições dos resultados ⁵².

internet

	Referência L1	Referência L2
	[ĩtef'netʃ]	['intənet] ['intənet]
Participante	L1	L2
1INIF	[ĩtef'netʃ]	[ĩtef'netʃ]
1INIM	[ĩtef'netʃ]	['itenet]
2INIF	[ĩtef'netʃ]	[ĩtef'netʃ]
2INIM	[ĩtef'netʃ]	['itefnetʃ]
1AVF	[ĩtef'netʃ]	['iternet]
1AVM	[ĩtef'netʃ]	['iternet]
2AVF	[ĩtef'netʃ]	[ĩtef'netʃ]
2AVM	[ĩtef'netʃ]	['itefnet]

show

	Referência L1	Referência L2
	[ʃou̯]	[ʃəu] [ʃou]
Participante	L1	L2
1INIF	[ʃou̯]	[ʃou]
1INIM	[ʃou̯]	[ʃou]
2INIF	[ʃou̯]	[ʃou]
2INIM	[ʃou̯]	[ʃou]
1AVF	[ʃou̯]	[ʃou]
1AVM	[ʃou̯]	[ʃou]
2AVF	[ʃou̯]	[ʃou]
2AVM	[ʃou̯]	[ʃou]

site

	Referência L1	Referência L2
	['saɪtʃ]	[sart]
Participante	L1	L2
1INIF	[saɪ tʃ]	[sart]
1INIM	['saɪ tʃ]	[sartʃ]
2INIF	['saɪ tʃ]	[sartʃ]
2INIM	['saɪ tʃ]	[sartʃ]
1AVF	[saɪ tʃ]	[sart]
1AVM	['saɪ tʃ]	[sart]
2AVF	['saɪ tʃ]	[sart ^h]
2AVM	['saɪ tʃ]	[sart]

aids

	Referência L1	Referência L2
	[aɪds] ['aɪdʒs]	[erdz]
Participante	L1	L2
1INIF	[aɪds]	[ards]
1INIM	[aɪds]	[ards]
2INIF	[aɪds]	[erds]
2INIM	[aɪds]	[ards]
1AVF	['aɪdʒis]	[erds]
1AVM	[aɪds]	[ards]
2AVF	['aɪdʒis]	[ards]
2AVM	[aɪds]	[ards]

⁵² Em algumas transcrições, o símbolo (*) indica uma pronúncia completamente diferente, provavelmente causada por um não reconhecimento da palavra lida.

rock

	Referência L1	Referência L2
	['hɔkɪ]	[rɔk] [rɔ:k]
Participante	L1	L2
1INIF	['hɔkɪ]	['hɔkɪ]
1INIM	['hɔkɪ]	[hɔk]
2INIF	['hɔkɪ]	['hɔkɪ]
2INIM	['hɔkɪ]	['hɔkɪ]
1AVF	['hɔkɪ]	[rɔk]
1AVM	['hɔkɪ]	[rɔk]
2AVF	['hɔkɪ]	['rɔkɪ]
2AVM	['hɔkɪ]	[rɔk]

marketing

	Referência L1	Referência L2
	['mahketʃi]	['ma:kɪtɪŋ] ['ma:rkɪtɪŋ]
Participante	L1	L2
1INIF	['mahketʃi]	['mahketʃi]
1INIM	['mahketʃ]	['mahketʃ]
2INIF	['mahkētʃ]	['mahkētʃ]
2INIM	['mahketʃi]	['merkātʃ]
1AVF	['mahketʃi]	['markɪtɪŋ]
1AVM	['mahketʃi]	['marketɪŋ]
2AVF	['mahketʃi]	['mahketʃi]
2AVM	['mahketʃ]	['mahketi]

shopping

	Referência L1	Referência L2
	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪŋ] ['ʃɔ:pɪŋ]
Participante	L1	L2
1INIF	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
1INIM	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
2INIF	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
2INIM	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
1AVF	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
1AVM	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
2AVF	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]
2AVM	['ʃɔpɪ]	['ʃɔpɪ]

bar

	Referência L1	Referência L2
	[bah] [ba]	[ba:'] [ba:r]
Participante	L1	L2
1INIF	[ba]	[ba]
1INIM	[bah]	[bah]
2INIF	[bah]	[bah]
2INIM	[bah]	[bar]
1AVF	[bah]	[bar]
1AVM	[bah]	[bar]
2AVF	[bah]	[bax]
2AVM	[bah]	[bah]

jazz

	Referência L1	Referência L2
	[dʒɛs]	[dʒæz]
Participante	L1	L2
1INIF	[dʒɛs]	[dʒɛs]
1INIM	[dʒɛs]	[dʒɛs]
2INIF	[dʒɛs]	[dʒɛs]
2INIM	[dʒɛs]	[dʒɛs]
1AVF	[dʒɛs]	[dʒɛs]
1AVM	[dʒɛs]	[dʒɛs]
2AVF	[dʒɛs]	[dʒɛs]
2AVM	[dʒɛs]	[dʒɛs]

pop

	Referência L1	Referência L2
	['pɒpɪ]	[pɒp] [pɑ:p]
Participante	L1	L2
1INIF	['pɒpʰɪ]	[pɒp]
1INIM	['pɒpʰɪ]	[pɒp]
2INIF	['pɒpɪ]	['pɒpʰɪ]
2INIM	['pɒpʰɪ]	[pɒp]
1AVF	['pɒpʰɪ]	[pʰɔp]
1AVM	['pɒpɪ]	[pɒpʰ]
2AVF	['pɒpɪ]	[pɒpʰ]
2AVM	['pɒpʰɪ]	['pɒpʰɪ]

impeachment

	Referência L1	Referência L2
	[ɪ'pɪtʃɪmɛt]	[ɪm'pi:tʃmɛnt]
Participante	L1	L2
1INIF	[ɪ'pɪtʃmā]	[ɪ'pɪtʃmā]
1INIM	[ɪ'pɪtʃmə]	[ɪ'pɪtʃmə]
2INIF	[ɪ'pɪtʃmə]	* [ɪ'.pe.a.ki.ʃāt]
2INIM	[ɪ'pɪtʃmā]	* [ɪ'.pe.sɪo.blē]
1AVF	[ɪ'pɪtʃmɛnt]	[ɪ'pɪtʃmɛnt]
1AVM	[ɪ'pɪtʃmā]	[ɪ'pɪtʃmā]
2AVF	[ɪ'pɪtʃmā]	[ɪ'pɪtʃmā]
2AVM	[ɪ'pɪtʃmā]	[ɪ'pɪtʃmā]

performance

	Referência L1	Referência L2
	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[pə'fɔ:mənts] [pə'fɔ:rmənts]
Participante	L1	L2
1INIF	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[pɛh'fɔɦmāsɪ]
1INIM	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[pɛh'fɔɦms]
2INIF	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[pɛh'fɔɦmāsɪ]
2INIM	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[per'fɔɦmāsɪ]
1AVF	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[per'fɔɦmās]
1AVM	[pɛh'fɔɦmās]	[per'fɔɦmās]
2AVF	[pɛh'fɔɦmāsɪ]	[pɛh'fɔɦmāsɪ]
2AVM	[pɛh'fɔɦmɪs]	[per'fɔɦms]

set

	Referência L1	Referência L2
	['setʃɪ]	[set]
Participante	L1	L2
1INIF	['set]	[set]
1INIM	['setʃ]	[set]
2INIF	['setʃ]	[set]
2INIM	['setʃ]	['setʃɪ]
1AVF	['setʃ]	[set]
1AVM	['setʃ]	[set]
2AVF	['setʃɪ]	[set]
2AVM	['setʃ]	[setʃ]

top

	Referência L1	Referência L2
	['tɒpɪ]	[tɒp] [tɑ:p]
Participante	L1	L2
1INIF	['tɒpʰɪ]	['tɒpɪ]
1INIM	['tɒpʰɪ]	[tɒ]
2INIF	[tɒp]	['tɒpʰɪ]
2INIM	['tɒpʰɪ]	['tɒpʰɪ]
1AVF	['tɒpʰɪ]	[tʰɒp]
1AVM	['tɒpʰɪ]	[tɒp]
2AVF	['tɒpʰɪ]	[tɒpʰ]
2AVM	['tɒpʰɪ]	[tɒp]

design

	Referência L1	Referência L2
	[dʒi'zɑ:ɪnɪ] [dʒi'zɑ:ɪ]	[dɪ'zɑ:n]
Participante	L1	L2
1INIF	[dʒi'zɑ:ɪnɪ]	[dɪ'zɑ:ɪ]
1INIM	[dʒi'zɑ:ɪ]	[dɪ'zɑ:ɪ]
2INIF	[de'zɑ:ɪnɪ]	[de'zɑ:nɪ]
2INIM	*[deh.sigɪ]	*[dezɪ]
1AVF	[dʒi'zɑ:ɪ]	[dɪ'zɑ:n]
1AVM	[dɪ'zɑ:ɪ]	[dɪ'zɑ:ɪ]
2AVF	[dʒi'zɑ:ɪnɪ]	[dɪ'zɑ:nɪ]
2AVM	[dʒi'zɑ:n]	[dɪ'zɑ:n]

bacon

	Referência L1	Referência L2
	['beɪkō]	['beɪkⁿn]
Participante	L1	L2
1INIF	['beɪkō]	['beɪkō]
1INIM	['beɪkō]	['beɪko]
2INIF	['beɪkō]	['beɪkō]
2INIM	['beɪkō]	['beɪkō]
1AVF	['beɪkō]	['beɪkⁿn]
1AVM	['beɪkō]	['beɪkⁿn]
2AVF	['beɪkō]	['beɪkō]
2AVM	['beɪkō]	['beɪkō]

gospel

	Referência L1	Referência L2
	['gɒspɛw]	['gɒspəl] ['gɑ:spəl]
Participante	L1	L2
1INIF	['gɒspɛw]	['gɒspɛw]
1INIM	['gɒsɪpɛw]	['gɒsɪpɛw]
2INIF	['gɒspɛw]	['gɒspɛw]
2INIM	['gɒsp ^h ɛw]	['gɒspɛw]
1AVF	['gɒspɛw]	['gɒspəl]
1AVM	['gɒsɪpɛw]	['gɒspɛw]
2AVF	['gɒspɛw]	['gɒspɛw]
2AVM	['gɒsɪpɛw]	['gɒsɪpɛw]

magazine

	Referência L1	Referência L2
	[maga'zɪnɪ]	[,mægə'zi:n] ['mægəzi:n]
Participante	L1	L2
1INIF	['mægəzɪ]	['mægəzɪ]
1INIM	[mægə'zɪnɪ]	['mægəzɪnɪ]
2INIF	[maga'zɪnɪ]	[mægə'zɪnɪ]
2INIM	[maga'zɪnɪ]	[mægə'zɪ]
1AVF	['mægəzɪ]	['mægəzɪn]
1AVM	['mægəzɪ]	['mægəzɪ]
2AVF	[maga'zɪnɪ]	[mægə'zɪ]
2AVM	['mægəzɪ]	*[mægə'zɑɪ]

blazer

	Referência L1	Referência L2
	['bleɪzɛh] ['bleɪzɛ]	['bleɪzəʔ] ['bleɪzə]
Participante	L1	L2
1INIF	['bleɪzɛ]	['bleɪzɛ]
1INIM	['bleɪzɛh]	['bleɪzɛ]
2INIF	['bleɪzɛh]	['bleɪzɛh]
2INIM	['bleɪzɛx]	['bleɪzɛr]
1AVF	['bleɪzɛh]	['bleɪzəʔ]
1AVM	['bleɪzɛh]	['bleɪzə]
2AVF	['bleɪzɛh]	['bleɪzɛh]
2AVM	['bleɪzɛh]	['bleɪzɛh]

cocktail

	Referência L1	Referência L2
	[kɒkɪ'tɛw]	['kɒkɪtɪl] ['kɑ:kɪtɪl]
Participante	L1	L2
1INIF	[kɒkɪ'tɛw]	['kɒkɪtɛw]
1INIM	[kukɪ'tɛju]	[kukɪ'tɛju]
2INIF	[kɒkɪ'tɛw]	['kɒkɪtɛw]
2INIM	[kɒkɪ'tɛw]	['kɒkɪtɛr]
1AVF	[kɒkɪ'tɛju]	[kɒk'tɛɪl]
1AVM	[kɒkɪ'tɛw]	[kɒk'tɛɪl]
2AVF	[kɒkɪ'tɛw]	[kɒkɪ'tɛw]
2AVM	[kɒkɪ'tɛju]	[kɒkɪ'tɛw]

stop

	Referência L1	Referência L2
	[is'topɪ]	[stop] [sta:p]
Participante	L1	L2
1INIF	[is'top ^h ɪ]	[is'top ^h ɪ]
1INIM	[is'topɪ]	['stɒp ^h ɪ]
2INIF	[is'top ^h ɪ]	[is'topɪ]
2INIM	[is'top ^h ɪ]	[is'tɒp]
1AVF	['stɒpɪ]	[stop]
1AVM	[is'top ^h ɪ]	[stop]
k2AVF	[is'top ^h ɪ]	[stɒ'p ^h ɪ]
2AVM	[is'top ^h ɪ]	[is'topɪ]

short

	Referência L2	Referência L1
	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔ:t] [ʃɔ:rt]
Participante	L1	L2
1INIF	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔhts]
1INIM	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔht]
2INIF	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔhtɪ]
2INIM	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔrts]
1AVF	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔ:rts]
1AVM	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔ:rts]
2AVF	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔhts]
2AVM	[ʃɔhtɪ]	[ʃɔhts]

dumping

	Referência L2	Referência L1
	['dāpɪ]	['dʌmpɪŋ]
Participante	L1	L2
1INIF	['dāpɪ]	['dāpɪ]
1INIM	['dɒpɪ]	['dāp ^h ɪ]
2INIF	[du'pɪŋɪ]	['dʌpɪ]
2INIM	['dūpɪ]	*['dɒp ^h ɪ]
1AVF	['dāpɪ]	['dʌmpɪ]
1AVM	['dāpɪ]	['dāpɪ]
2AVF	['dɒpɪ]	['dʌpɪ]
2AVM	['dɒpɪ]	['dʌmpɪ]

hardware

	Referência L2	Referência L1
	[ʰaɦd'we(h)]	['ha:rdweəʳ]
	['hadwe]	['ha:rdwer]
Participante	L1	L2
1INIF	['ʰaɦdwe]	['ʰaɦdweh]
1INIM	['ʰaɦdwe]	['ʰaɦdwe]
2INIF	[hedʒi'wɛɪ]	[hedu'wɛɪ]
2INIM	[ʰaɦdʒi'wɛɪ]	*['ʰaɦdʒhed]
1AVF	['ʰaɦdweh]	['ha:rdwer]
1AVM	['hadwer]	['ha:rdwer]
2AVF	[ʰaɦdʒi'weh]	[ʰaɦdʒi'weh]
2AVM	['ʰaɦdʒiweh]	['ʰaɦdweh]

western

	Referência L1	Referência L2
	['wɛstɛhn]	['westən] ['westən]
Participante	L1	L2
1INIF	['wɛstɛ]	['wɛstɛ]
1INIM	['wɛstɛh]	['wɛstɛh]
2INIF	['wɛstɛh]	['wɛstɛnɪ]
2INIM	*[is'tɛr]	*[is'tɛr]
1AVF	['wɛstɛh]	['wɛstən]
1AVM	['wɛstɛrn]	['wɛstən]
2AVF	['wɛstɛh]	['wɛstɛhn]
2AVM	['wɛstɛh]	['wɛstɛn]

thriller

	Referência L1		Referência L2	
	['trilɛh]	['srila]	['θrɪlə']	['θrɪlə']
Participante	L1		L2	
1INIF	['trilɛh]		['trilɛh]	
1INIM	*['trɛɪ lɛh]		*['trɛɪlɛh]	
2INIF	*['trɛɪ lɛh]		*['trɛɪlɛh]	
2INIM	*['trɛɪlɛx]		*['trɛɪlɛx]	
1AVF	['trilɛh]		['θrɪlə']	
1AVM	['trilɛr]		['θrɪlə']	
2AVF	['trilɛh]		['trilɛh]	
2AVM	['trilɛh]		*['trɛɪlɛ]	

hippie

	Referência L1	Referência L2
	['hipɪ]	['hɪpɪ]
Participante	L1	L2
1INIF	['hipɪ]	['hɪpɪ]
1INIM	['hip]	['hɪpɪ]
2INIF	['hipʰ]	['hɪpʰɪ]
2INIM	*['i.pi.e]	*['hɛɪpɪə]
1AVF	['hipɪ]	['hɪpɪ]
1AVM	['hipɪ]	['hɪpɪ]
2AVF	['hipɪ]	['hɪpʰɪ]
2AVM	['hipʰ]	['hɪpʰɪ]

pub

	Referência L1		Referência L2
	['pʊbɪ]	['pəbɪ]	[pʌb]
Participante	L1		L2
1INIF	['pʌbɪ]		['pʌbɪ]
1INIM	['pʊbɪ]		['pʊbɪ]
2INIF	['pʌbʰɪ]		['pʌbɪ]
2INIM	['pʊbɪ]		*['pʊki]
1AVF	['pʌb]		[pʌb]
1AVM	['pʌb]		[pʌb]
2AVF	['pʌbɪ]		[pʌbi]
2AVM	['pʌb]		[pʌb]

merchandising

	Referência L1	Referência L2
	[mehjã'daizĩ]	[mɜ:tʃ'n'daizɪŋ] [mɜ:rtʃ'n'daizɪŋ]
Participante	L1	L2
1INIF	[mehjã'daizĩ]	[mɛjã'daizĩ]
1INIM	[mehjã'daɪsi]	[mɛjã'daɪs]
2INIF	*[mehjã'dɛzi]	*[mehjã'dʒɛzi]
2INIM	*[mɛxjã'dʒisigɪ]	*[mɛxjã'dʒisig]
1AVF	[mehjã'daizɪ]	[mɜ:rjã'daizĩ]
1AVM	[mehjã'daizĩ]	[mɜ:rjã'daizĩ]
2AVF	[mehjã'daizĩ]	[mehjã'daizĩ]
2AVM	[mehjã'daɪs]	['mehjã'daɪs]

round

	Referência L2	Referência L1
	['haũdʒɪ]	[raund]
Participante	L1	L2
1INIF	[haũd]	[raunt]
1INIM	[haũd]	[haũ]
2INIF	['haũdʒɪ]	['rodi]
2INIM	*['hɔudʒɪ]	*['rouɔʒi]
1AVF	['haũdʒɪ]	[raund]
1AVM	['hãodʒɪ]	[raund]
2AVF	['haũdʒɪ]	[raundʰ]
2AVM	['haũdʒɪ]	[haund]

ANEXO Q: Estratégias de adaptação de estrangeirismos utilizadas em L1.

problemas de adaptação	INTERNET	SHOW	SITE	AIDS	ROCK	SHOPPING	MARKETING	BAR	JAZZ	POP	IMPEACHMENT	PERFORMANCE	SET	DESIGN	TOP
palatalização	√		√	√			√						√	√	
nasalização	√					√	√				√	√		√	
omissão de consoante nasal	√					√	√				√	√		√	
substituição do R	√				√		√	√				√			
desvozeamento de consoante final				√					√						
[l] final															
vogal ⁵³	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√
substituição de fricativa dental [θ]															
aspiração										√		√			√
epêntese vocálica	√		√		√					√	√	√	√	√	√
TOTAL	6	1	3	3	3	3	5	2	2	3	4	6	3	5	3

⁵³ Foram agrupados nesta categoria todos os problemas encontrados em relação a vogais tais como duração da vogal, substituição de [ə] por outra vogal, troca de ditongos como [eɪ] por [aɪ] e diferenças de qualidade vocálica de sons comuns a L1 e L2.

problemas de adaptação	BACON	GOSPEL	BLAZER	MAGAZINE	COCKTAIL	STOP	DUMPING	SHORT	HARDWARE	WESTERN	HIPPIE	THRILLER	PUB	MERCHANDISING	ROUND
palatalização								√						√	√
nasalização	√			√			√							√	√
omissão de consoante nasal	√			√			√							√	√
substituição do R			√					√	√	√		√		√	√
vozeamento de consoante final															
[l] final		√			√										
vogal	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√	√
substituição de fricativa dental [θ]												√			
aspiração						√							√		
epêntese vocálica		√		√	√	√		√			√		√		√
TOTAL	3	3	2	4	3	3	3	4	2	2	2	3	3	5	6

ANEXO R: Categorização geral dos resultados: pronúncia L1 = ou ≠ de L2 para palavras de alta frequência

	1INIF	1INIM	2INIF	2INIM	1AVF	1AVM	2AVF	2AVM	TOTAL
INTERNET	0	0	1	1	0	0	1	0	3
SHOW	1	1	1	1	1	1	1	1	8
SITE	0	0	0	0	0	0	0	0	0
AIDS	1	1	1	1	0	1	0	1	6
ROCK	1	0	1	1	0	0	0	0	3
SHOPPING	1	1	1	1	1	1	1	1	8
MARKETING	1	1	1	0	0	0	1	0	4
BAR	1	1	1	0	0	0	0	1	4
JAZZ	1	1	1	1	1	1	1	1	8
POP	0	0	1	0	0	0	0	1	2
IMPEACHMENT	1	1	0	0	1	1	1	1	6
PERFORMANCE	1	0	1	0	0	0	0	0	2
SET	1	0	0	0	0	0	0	1	2
DESIGN	0	0	1	0	0	1	0	0	2
TOP	1	0	0	1	0	0	0	0	2
TOTAL	11	7	11	7	4	6	6	8	60/120
		36				24			

ANEXO S: Categorização geral dos resultados: pronúncia L1 = ou ≠ de L2 para palavras de baixa frequência

	1INIF	1INIM	2INIF	2INIM	1AVF	1AVM	2AVF	2AVM	TOTAL
BACON	1	0	1	1	0	0	1	1	5
GOSPEL	1	1	1	1	0	0	1	1	6
BLAZER	1	0	1	0	0	0	1	1	4
MAGAZINE	1	0	0	0	0	1	0	0	2
COCKTAIL	1	1	1	0	0	0	1	0	4
STOP	1	0	1	0	0	0	0	1	3
DUMPING	1	0	0	0	0	1	0	0	2
SHORT	0	0	0	0	0	0	0	0	0
HARDWARE	0	1	0	0	0	0	1	0	2
WESTERN	1	1	0	0	0	0	0	0	2
HIPPIE	1	0	0	0	1	1	1	0	4
THRILLER	1	0	0	0	0	0	1	0	2
PUB	1	1	1	0	1	1	1	1	7
MERCHANDISING	0	0	0	0	0	0	1	1	2
ROUND	0	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	11	5	6	2	2	4	9	6	45/120
		24				21			

ANEXO T: Traduções nossas para as citações em língua estrangeira, apresentadas em ordem de ocorrência no texto.**Capítulo 2**

Richards *et al.* (1993, p. 212)

“ao conjunto de todas palavras e expressões de qualquer língua”

Crystal (1997)

“no seu sentido mais amplo, o termo (léxico) é sinônimo de vocabulário (...) Uma unidade de vocabulário geralmente se refere a um item lexical”

Crystal (1997, p. 228)

“uma palavra recém-inventada, principalmente uma construída consciente e deliberadamente por uma pessoa ou órgão oficial”

Crystal (1997, p. 46)

“formas lingüísticas trazidas de uma língua ou dialeto para outro; tais empréstimos são conhecidos como *loan words*” (e.g. *restaurant, bonhomie, chagrin*, os quais foram incorporados ao inglês a partir do francês), e diversos tipos foram reconhecidos” .

Pierrehumbert (2000)

“línguas se diferenciam sistematicamente em detalhes fonéticos arbitrariamente sutis”

Capítulo 3

Celce Murcia (2000, p. 20)

atualmente a maioria dos pesquisadores na área, enquanto minimizam o papel da interferência da língua nativa em outras áreas de aquisição de língua, concordariam que a interferência (agora mais conhecida como transferência negativa), é válida para aquisição de pronúncia em uma segunda língua (...). Esses pesquisadores acreditam que a transferência negativa é um fator significante para explicação de sotaques estrangeiros, principalmente em relação à aquisição de aspectos mais segmentais tais como aspiração e de suprasegmentais como entonação e ritmo.

Lado (1957)

“o professor que faz uma comparação entre a língua estrangeira e a língua nativa de seus alunos saberá melhor quais são os problemas reais (desses alunos) e se preparará melhor, de antemão, para ensinar”

Ellis (p. 22)

se preocupa com a maneira em que a aprendizagem prévia impede ou inibe a aprendizagem de novos hábitos. Em ASL (colocar na nota: ASL refere-se à aquisição de segunda língua) isso funciona da seguinte maneira. Em situações onde a primeira e a segunda língua compartilham um significado, mas o expressam de maneiras diferentes, um erro provavelmente irá ocorrer em L2 porque o aprendiz irá transferir o mecanismo de compreensão a partir de sua primeira língua para a segunda

Odlin (p. 3)

“parece haver uma crença bastante difundida que a transferência lingüística seja uma característica importante da aquisição de segunda língua”

Richards *et al.* (p. 386)

a transferência de comportamento aprendido de uma situação para outra. **Transferência positiva** é a aprendizagem em uma situação que ajuda ou facilita em outra situação posterior. **Transferência negativa** é a aprendizagem em uma dada situação que interfere na aprendizagem de outra situação posterior.

Weinreich (1953, p.1)

“aquelas situações de desvio da norma de qualquer uma das duas línguas que ocorrem na fala de bilíngües como resultado de sua familiaridade com mais de uma língua.”

Ellis (1997, p. 51)

“influência que a L1 de uma aprendiz exerce sobre a aquisição de uma L2”

Odlin (1989, p. 27)

“a influência resultante das semelhanças e diferenças entre a língua alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente (e talvez imperfeitamente) adquirida.”

Odlin (1989, p. 27)

“o conhecimento de uma única língua nativa – que é o caso dos falantes brasileiros – é a base mais típica para a transferência de substrato”

Odlin (1989, p. 115)

“as conseqüências mais notáveis de diferenças lingüísticas são erros de produção que resultam em padrões de pronúncia que se afastam daqueles encontrados na língua alvo”

Odlin (1989, p. 4)

há um grande número de razões para professores de língua e lingüistas considerarem o problema da transferência mais de perto. O ensino pode ser tornar mais eficiente através da consideração de diferenças entre línguas e entre culturas. Um professor de inglês consciente de erros de transferência do espanhol ou do coreano, por exemplo, será capaz de identificar mais precisamente problemas de aprendizes espanhóis e coreanos de inglês como segunda língua (ESL). Além disso, um exame das pesquisas que mostram semelhanças em erros cometidos por alunos falantes de diferentes idiomas irá ajudar professores a enxergar melhor o que pode ser difícil ou fácil para qualquer um que esteja aprendendo a língua que eles ensinam.

Pierrehumbert (2001, p. 3)

em um modelo de exemplar, cada categoria é representada na memória por uma ampla nuvem de ocorrências (*tokens*) lembradas daquela categoria. Tais memórias estão organizadas em um mapa cognitivo, de modo que memórias de instâncias mais semelhantes fiquem mais próximas de si e que memórias de instâncias dissimilares fiquem distantes umas das outras.

Pierrehumbert (2001, p. 4)

quando um novo *token* é encontrado, ele é classificado na teoria de exemplares de acordo com os exemplares já armazenados. Uma codificação perceptual do novo *token* o localiza no parâmetro espacial relevante. Sua semelhança com qualquer um dos exemplares armazenados pode ser computada como sua distância do exemplar no parâmetro espacial. Para classificar o novo *token*, a mais provável classificação, dada a classificação dos exemplares da vizinhança, é computada.

Pierrehumbert (2001, p. 4)

“se cada *token* encontrado de uma categoria é armazenado como um exemplar separado, então as categorias freqüentes irão obviamente ser representadas por *tokens* numerosos e categorias infreqüentes serão representadas por *tokens* menos numerosos”

Pierrehumbert (2000, p. 2)

refletido na habilidade do falante em entender novas elocuições em tempo real, produzir novas frases com detalhes alofônicos nativos, avaliar a boa construção de neologismos, assimilar empréstimos lexicais a padrões sonoros nativos e estender vocabulário através de novas colocações morfológicas.

Capítulo 4

Larsen Freeman; Long (p. 14)

o que é importante para pesquisadores não é a escolha *a priori* de paradigmas ou até mesmo metodologias, mas sim ser claro em relação ao propósito do trabalho e encontrar atributos que mais certamente irão concluí-lo. Em outras palavras, o *design* metodológico deve ser determinado pela pergunta de pesquisa.

Celce Murcia (p. 16)

é incontestável o fato que adultos irão adquirir o sistema fonológico de uma segunda língua de uma maneira diferente da que adquirem sua primeira língua, dado que a aquisição de novos sons na segunda língua deve ser integrada às redes neurais já existentes.

Ladefoged (2004, p. 7)

sempre que alguém lê uma lista de palavras, há uma tendência em se fazer uma leitura com o padrão de entonação especial para listas. Se você pedir um falante do inglês para dizer uma lista de palavras tais como *heed, hid, head, had,* a última palavra será invariavelmente produzida com um tom mais baixo e uma vogal mais longa do que ela teria se estivesse em uma posição anterior na seqüência.

Larsen-Freeman; Long (1991, p. 26)

“enquanto pode ser desejável estudar apenas a produção espontânea dos participantes (...) a simples presença do observador provavelmente fará com que os participantes prestem mais atenção na sua fala, resultando assim em uma performance não-espontânea.”

Ladefoged (2004, p. 7)

“é muitas vezes uma boa idéia gravar dentro de uma frase”

Kent; Read (1992, p. 92)

“o padrão do formante de uma vogal pode ser utilizado para identificar a vogal e ainda para se estabelecer relações entre parâmetros acústicos e perceptuais”